

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA: CONCEITOS
FUNDAMENTAIS EM PSICANÁLISE E INVESTIGAÇÕES NO CAMPO CLÍNICO E
CULTURA



Luca Anaruma Ribeiro

**A tese lacaniana e outras montagens da toxicomania: Do suplemento fálico à ruptura
com o faz-pipi.**

Belo Horizonte
2025

LUCA ANARUMA RIBEIRO

**A tese lacaniana e outras montagens da toxicomania: Do suplemento fálico à ruptura
com o faz-pipi.**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação de Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Área de concentração: Conceitos Fundamentais em Psicanálise e Investigações no Campo Clínico e Cultura

Orientador: Prof. Dr. Guilherme Massara Rocha

Belo Horizonte
2025

FICHA CATALOGRAFICA

150 Ribeiro, Luca Anaruma.
R484t A teses lacaniana e outras montagens da toxicomania
2025 [recurso eletrônico] : do suplemento fálico à raptura com o faz-
pipi / Luca Anaruma Ribeiro. - 2019.
 1 recurso online (109 f.): pdf.
 Orientador: Guilherme Massara Rocha.

 Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas
 Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.
 Inclui bibliografia.

 1. Psicologia – Teses . 2. Toxicomania – Teses. 3. Psicanálise
 lacaniana - Teses. 4. Gozo – Teses. I.Rocha, Guilherme Massara.
 II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de
 Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE LUCA ANARUMA RIBEIRO

Realizou-se, no dia 29 de maio de 2025, às 09:00 horas, Zoom, da Universidade Federal de Minas Gerais, a defesa de dissertação, intitulada *A tese lacaniana e outras montagens da toxicomania: Do suplemento fálico à ruptura com o faz-pipi.*, apresentada por LUCA ANARUMA RIBEIRO, número de registro 2023658963, graduado no curso de PSICOLOGIA, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em PSICOLOGIA, à seguinte Comissão Examinadora: Prof(a). Guilherme Massara Rocha - Orientador (UFMG), Prof(a). Henrique de Oliveira Lee (UFMT), Prof(a). Antônio Márcio Ribeiro Teixeira (UFMG), Prof(a). Ricardo Augusto de Souza (UFMG).

A Comissão considerou a dissertação:

(x) Aprovada

() Reprovada

Finalizados os trabalhos, a presente ata, lida e aprovada, vai assinada pelos membros da Comissão.



Documento assinado eletronicamente por **Antonio Marcio Ribeiro Teixeira, Professor do Magistério Superior**, em 06/06/2025, às 17:03, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Henrique de Oliveira Lee, Usuário Externo**, em 23/06/2025, às 16:14, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Guilherme Massara Rocha, Professor do Magistério Superior**, em 15/07/2025, às 10:44, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador 4279243 e o código CRC E9EDB082.

AGRADECIMENTOS

Me lembro com clareza quando comecei a me interessar pelo tema das toxicomanias, talvez como muitas pessoas, tive amigos queridos que em algum momento vivenciaram a radicalidade de um uso desmedido. Assim como também pude observar o potencial apaziguador que algumas substâncias podem trazer perante o insolúvel mal-estar que nos habita.

Gostaria de agradecer aqueles que testemunharam e incentivaram, desde do início, a curiosidade infantil de um olhar sobre o mundo que hoje sustenta minha vontade de Saber, minha mãe Silvia Marina Anaruma e meu pai Mauro Aramis Ribeiro. Agradeço também os professores, especialmente a João Crepisky do meu ensino médio e Dr. professor Fuad Kyrillos Neto da minha graduação, que tão bem conduziram minha formação e fizeram da psicanálise um caminho possível para interpretar as sutilezas daquilo que me causou e ainda me causa. A minha companheira Ayana por se dispor a estar presente durante o turbilhão de fortunas e revezes que dançaram comigo ao longo de toda minha pesquisa, pois como as árvores, para alcançar as alturas é preciso manter os pés bem plantados na terra. Aos meus grandes amigos da minha cidade natal, Thiago, Bruno, com os quais teci meus primeiros questionamentos sobre a vida, o universo e tudo mais.

Questionamentos que amadureceram e ganharam forma num segundo momento, florescendo em conversas acaloradas nas madrugadas madrugadas frias de São João del Rei ao lado dos queridos Victor, Ricardo, Sandra, Jordana, Amanda, Gessica e Gabriel. Agradeço especialmente a Victor por ser meu confidente e se propor a desbravar os labirintos da psicanálise, e como supervisor, da minha escrita. Ao Caio e Danty que dispuseram de incontáveis intervalos, fins de aulas e encontros a fim de possibilitar trocas valorosas.

Agradeço enormemente ao meu orientador Dr. Guilherme Massara por me acompanhar ao longo deste processo e me confiar a oportunidade de fazer da prática de lecionar parte da minha formação enquanto Pesquisador e Psicanalista. E como é próprio ao último que fica para apagar a luz e fechar a porta, congratulo-me por navegar ao meu lado sempre rumo a luz do sol que banha o mar de pensamentos e os corais de palavras, mesmo durante as intempéries.

Flores malditas: Elevação

Por sobre os pantanais, os vales orvalhados,
As montanhas, os bosques, as nuvens, os mares,
Para além do ígneo sol e do éter que há nos ares,
Para além dos confins dos tetos estrelados,

Flutuas, meu espírito, ágil peregrino,
E, como um nadador que nas águas afunda,
Sulcas alegremente a imensidão profunda
Com um lascivo e fluido gozo masculino.

Vai mais, vai mais além do lodo repelente,
Vai te purificar onde o ar se faz mais fino,
E bebe, qual licor translúcido e divino,
O puro fogo que enche o espaço transparente.

Depois do tédio e dos desgostos e das penas
Que gravam com seu peso a vida dolorosa,
Feliz daquele a quem uma asa vigorosa
Pode lançar às várzeas claras e serenas;

Aquele que, ao pensar, qual pássaro veloz,
De manhã rumo aos céus liberto se distende,
Que paira sobre a vida e sem esforço entende
A linguagem da flor e das coisas sem voz!
(Baudelaire, 1860, p.5)

RESUMO

A Partir da psicanálise lacaniana como referencial teórico, esta dissertação busca explorar a hipótese de que a toxicomania é um fenômeno múltiplo. Tomando a ambiguidade derridiana do Pharmakon como ponto de partida, localizamos o discurso da Ciência como responsável pelo surgimento das drogas enquanto um efeito de discurso somente possível na modernidade. Ao analisarmos como este efeito de discurso incide diretamente sobre o corpo do Sujeito, foi possível circunscrever duas modalidades interpenetradas do gozo da droga. Uma delas corresponde à tese lacaniana das toxicomanias, baseada no rompimento com o falo. A outra modalidade de gozo, aponta para outras funções de uso toxicômano que se esforçam por garantir ao Sujeito acesso ao gozo fálico para o Sujeito.

Palavras-chave: Toxicomania;Pharmakon;Montagem;Rompimento;Suplemento;Gozo

ABSTRACT

Drawing on Lacanian psychoanalysis as a theoretical framework, this dissertation seeks to explore the hypothesis that drug addiction is a multifaceted phenomenon. Taking Derrida's notion of the ambiguity of the *pharmakon* as a starting point, we identify the discourse of Science as responsible for the emergence of drugs as a discursive effect only possible in modernity. By analyzing how this discursive effect directly impacts the Subject's body, it was possible to delineate two interpenetrating modes of drug-related *jouissance*. One of them corresponds to the Lacanian thesis on drug addiction, based on the rupture with the phallus. The other mode of *jouissance* points to alternative functions of addictive use that strive to ensure the Subject's access to phallic *jouissance*.

Keywords: Drug Addiction; *Pharmakon*; Assemblage; Rupture; Supplement; *Jouissance*.

Lista de Figuras

Figura 1 – O discurso do mestre e do capitalista	42
Figura 2 – Discurso do Mestre moderno em seu fluxo de ação.....	43
Fonte:Ribeiro,2025	
Figura 3 – Dois toros anelados.....	55
Fonte:Lacan, J. O seminário, livro 9: A identificação. (1961-1962,p.200)	

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 METODOLOGIA	
3 O NASCIMENTO DA DROGA	15
3.1 O PRELÚDIO DA CIÊNCIA: A CAPTURA DO PHARMAKON PELA TÉCHNE	15
3.2 DISCURSO DA CIÊNCIA	24
3.3 NASCIMENTO DA DROGA	29
3.4 O USO DE DROGAS PARA DESVELAR O CORPO	33
3.5 A DROGA NO LAÇO SOCIAL E A TOXICOMANIA	37
3.6 NOVOS SINTOMAS	43
4 A TESE LACANIANA	45
4.1 O EFEITO DA DROGA	45
4.2 O ROMPIMENTO COM O FAZ-PIPI	46
4.3 UMA INTERPRETAÇÃO DO PEQUENO HANS	48
4.4 A TOXICOMANIA NÃO É UM SINTOMA	51
4.5 A DROGA DA TOXICOMANIA E O SIGNIFICANTE DO SINTOMA	52
4.6 A TÉCNICA CORPORAL	56
4.7 AUTOEROTISMO	61
4.8 O CONTROLE SOBRE O CORPO QUE GOZA E SUAS CONSEQUÊNCIAS	64
4.9 O DESAMPARO	66
5 A OUTRA FACE DO PHÁRMAKON	70
5.1 O TRATAMENTO TÓXICO NA OBRA FREUDIANA	76
5.2 O SUPLEMENTO E SUPLÊNCIA DE LE POULICHET	80
6 COM INCLUSÃO	87

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	94
---	-----------

1 INTRODUÇÃO

A motivação para que esta pesquisa fosse realizada surge, em parte, de algumas experiências marcantes que tive ao longo de meu percurso de trabalho no campo psicanalítico. Menciono especialmente o tempo que participei do dispositivo de saúde pública conhecido como consultório de rua. Naquele momento, passava, toda quarta-feira, duas horas sentado ou caminhando com algumas das pessoas que faziam moradia na praça, uma que ficava ao lado do mercado municipal de São João del Rei.

Poder instaurar um lugar de escuta analítica, mesmo fora de um *setting* clássico, marcou profundamente a forma como, desde então, tenho estudado e pesquisado a respeito do uso e abuso de álcool e outras drogas. Certamente, em muitos dos dias, esta questão mal aparecia ao longo do discurso deste ou daquele sujeito que eu escutava, assim como em outros dias a droga estava tão presente que chegava a impedir que o discurso deslizesse em volta do próprio sujeito. Como alguns do grupo faziam uso de alguma substância, era inevitável que com o passar das semanas um quadro desta questão fosse pintado para mim, especialmente movido pelo desejo de saber que este campo me produzia. Estas cenas revelaram por trás de sua imagem, além daquilo que é dado a ver, algo muito mais múltiplo e dinâmico do que ainda costuma se atribuir as chamadas “cenas de uso”(Souza,2016).

Esse termo costuma estar intimamente associado a concepções marginalizantes e moralistas, seguindo a cartilha do discurso proibicionista sobre drogas. Nesta concepção, as cenas de uso seriam espaços onde usuários de drogas se reúnem em um ritual hedonista de consumo compulsivo de substâncias, alienados do resto do mundo e de si mesmos, cuja natureza estaria animalizada pelo vício em drogas. Certamente esta “cena” tem um uso, é usada por um discurso que opera sobre os modos de satisfação possíveis em nossa sociedade, a partir de imagens tão impactantes como aquelas que habitam paredes de igrejas e lembram os fiéis de como o inferno se parece. Assim é o modo como o vício em drogas ainda aparece atualmente, um olhar herdado dos anos 70 do século passado que acaba por restringir e delinear, de forma arbitrária, qual é a cena que podemos apontar e dizer “isto aqui é o vício em drogas”.

Em vez de encontrar pessoas totalmente tomadas pelo furor extasiante de substâncias misteriosas e proibidas, ou velhas e conhecidas como o álcool, o que aparece são Sujeitos por vezes tensionados a um grande desamparo do Outro, tanto pelo estigma como pela falta radical de reconhecimento. Ao mesmo tempo, laços e vínculos são feitos e deslocados a todo

momento em seus pequenos grupos, e o imperativo da vida instaura seu próprio discurso entre Eus e outros.

Se outra cena pode ser colocada no lugar da “cena de uso”, um acontecimento deste período me parece ser um candidato. Eis a cena: Uma quarta-feira, estava ouvindo um senhor que tinha o hábito de interromper a sessão algumas vezes, e nestes momentos ele se afastava para além da vista, para voltar depois de um tempo, exalando um forte cheiro químico de alguma substância que ele já havia contado que consumia, ao que se seguia alguns grunhidos e à espera tensa por uma repreensão que nunca veio. Em um destes episódios, assemelhados a um tipo de Fort-Da (Freud,1920) com a figura do próprio Sujeito, ao vê-lo retornar, já esperava que a repetição que costumeiramente se sucede tivesse lugar: o cheiro, um muchocho e a procura por um olhar de repreensão que estava ausente. Mas algo diferente acontece.

Ele aparece com uma pequena bacia metálica, cheia de frutas, provavelmente do mercado que havia ao lado, e me oferece uma, indo em seguida oferecer aos companheiros de praça. Freud(1920) nos indica, a respeito do Fort-Da (termo alemão para “Vai e Vem”), que a criança, ao brincar com seu carretel, o lança para longe (Vai) e o puxa de volta (Vem). Tal brincadeira seria para o psicanalista uma metáfora para a elaboração da falta materna, que igualmente ia e vinha – elaboração crucial para que uma falta insuportável vivida como real pudesse ser acoplada a um sentido parcial mas que estabiliza o Sujeito. Diferente de uma “cena de uso”, está nos indica como é preciso crer que a repetição também é motor do novo, de modo que a repetição desesperada de uma toxicomania também pode ser vista como um tratamento para algo do Sujeito que escapa a palavra e retorna em ato.

Esta breve digressão foi necessária para indicar a importância de não presumir a toxicomania como um quadro fechado e rígido, cujo efeito é o mesmo em todos os sujeitos, fazendo destes apenas um anteparo para que a imagem do “flagelo social” se multiplique, como uma lembrança constante de como se parece o “vício em drogas” – palavra muitas vezes usada para afiançar diversas vulnerabilidades sociais, a fim de manter oculta a perversidade da organização social capitalista (Bucher,1988).

Me parece que pensar o fenômeno das toxicomanias hoje em dia pede que deixemos de lado o grande baluarte que, por tanto tempo, foi a figura do “noia” como representante último do vício em drogas(Souza,2016). O noia, representação social que no exterior ganha nomes como *junky*, *crackhead*, é uma palavra que faz neologismo com “paranoia”, em uma tentativa de capturar o suposto encrostamento do efeito de algumas substâncias à personalidade do sujeito: ele é o que usa. A partir do olhar do Outro que organiza as

dinâmicas sociais, o noia, o cachaceiro, o craqueiro, apontam para uma fantasia coletiva onde é possível se tornar aquilo que se consome. Indico o teor de fantasia coletiva, pois a busca por ser Um com seu objeto de consumo não é exclusiva das toxicomanias, mas permeia, de forma intensa, o modo como construímos a relação com nossos objetos de consumo na atualidade(Lacan,1964/1988).

Aqui indico a “atualidade” como um índice das toxicomanias, pois é preciso situá-las no tempo se desejamos abandonar concepções biologizantes de “dependência química”(Olievenstein,1985). Certamente não trataremos aqui dos níveis de compatibilidade que existem entre substâncias químicas e cerebrais, uma concepção biomédica que ignora a história. Ao contrário, buscaremos pensar este fenômeno como parte dos efeitos causados pelas sucessivas mutações causadas pelo Discurso da Ciência, acoplado ao discurso do Capital, na organização social(Lacan,1970/1992). Isso significa que, pesquisar este campo, se mostra uma tarefa distinta do que foi a 40 ou 50 anos atrás, quando a globalização do mercado ainda estava se consolidando e a Ciência ainda se aparelhava tecnologicamente. Naquele tempo, a circulação mundial de drogas, seja pelas mãos do tráfico ou pelas Big Pharmas, estava no início dos movimentos que fizeram das substâncias psicoativas mercadorias, e destas algo quase indispensável em diversos meios e extratos sociais. O número de remédios psiquiátricos já está na casa das dezenas, e esta proporção é ainda maior quando se trata de drogas “ilegais”(UNODC, 2021).

Para alguns, pode parecer estranho igualar o comércio mundial de drogas ao comércio mundial de remédios, já que é possível argumentar que tais categorias de substâncias delimitam fins diferentes – umas para “curar” e “tratar” enquanto outras são uma porta para prazeres hedonistas, servindo apenas à satisfação do usuário, sem grandes comprometimentos ético-morais. No entanto, esta dicotomia, impulsionada pela “guerra” americana às drogas(Valois,2022), rompe com uma tradição histórica de dedicar às substâncias psicoativas um lugar de ambiguidade, muitas vezes, sob os auspícios de um invólucro de mistério.

Após o discurso de Nixon, em 1971, foi instituído mundialmente o grupo que responde pela representação das drogas ilegais, em oposição às drogas “legais”, acompanhado da circulação de infinitas variações da imagem de ovos fritos, sendo comparados ao cérebro humano sob o efeito de tais drogas, emparelhado a imagens de famílias desfeitas e atividades contraventoras. Sabemos hoje que a Guerra às Drogas na prática era uma guerra contra certos grupos, principalmente negros e pobres(Carneiro,2022). A nível de discurso, podemos compreender seu caráter persecutório, um rechaço aos efeitos deste novo modo de relação

entre Sujeito e seu Corpo, marcado pela possibilidade de alterar de forma rápida, qualquer tipo de mal-estar, de desajuste entre o sujeito e o mundo, interno e externo.

Ao longo da história, antes de o discurso da Ciência se apresentar como um dos grandes ordenadores do laço social, as substâncias psicoativas já eram muito populares, sendo usadas por civilizações ao redor do mundo de forma ritualística para fins diversos(McKenna,1995). Podemos olhar para esta ambivalência sobre os desígnios do vocábulo *Phármakon*, palavra grega que significa ao mesmo tempo remédio e veneno – uma ambiguidade que era sobredeterminante na forma de seu consumo, implicando a impossibilidade de atribuir de forma linear e racionalista uma relação de causa e efeito, assim cada uso se torna uma experiência que o Sujeito não pode replicar. Podemos tomar como exemplo qualquer uma das plantas ou fungos psicodélicos sabiadamente usados em rituais de sociedades organizadas pelo discurso mítico, cujo intuito era criar condições propícias para que o *Phármakon* pudesse revelar sua faceta benevolente(Derrida,1997). Mesmo quando Paracelso inicia sua empreitada a fim de operar uma tecnificação destas substâncias *pharmakoides* na Europa do século XIV (criando os primeiros comprimidos, xaropes e tinturas), ele ainda assim pouco fazia para exercer um real controle sobre os efeitos destas substâncias, limitando-se a manipular sua quantidade, concentração e pureza(Carneiro,2008).

Um consumo desta natureza não tem o que é necessário para fazer destas substâncias “drogas” ou “remédios” na concepção atual. É somente com o corte epistemológico e a ruptura no saber, causada pelo discurso da Ciência moderna(Koyré,2006), que as drogas e remédios surgem por um processo de análise e síntese, tanto química quanto no campo da linguagem. O gradual avanço da técnica chega a um ponto de virada qualitativa, passando a ser a forma dominante pela qual o laço social institui a relação com o Saber, sendo o domínio do corpo o exemplo mais importante para o que nos interessa aqui. Se antes a igreja governava sobre o corpo, agora o discurso científico se encarrega de situar seus limites e instaurar um saber sobre ele. É a fim de realizar estes feitos que as drogas surgem, uma ferramenta para explorar tecnicamente o corpo, para se obter efeitos e resultados precisos(Carneiro,2008). Desde então, se torna possível, a partir de fora, influenciar o modo de funcionamento de partes específicas do corpo, desligar receptores de dor, tratar a falta de sono, e até mesmo estados psíquicos passam a ser alvo da técnica científica das drogas, operando sobre o humor, as volições e níveis de satisfação do sujeito. Neste momento, a droga surge como uma operação técnica sobre o corpo(Santiago, 2017).

A tentativa de abolir a ambiguidade presente na função do consumo abusivo de substâncias convinha à necessidade do discurso vigente de estabelecer um limite ao gozo através da utilidade médica. Porém conformes avançamos no tempo, o ocidente passa a ser inundado pelo consumo generalizado de substâncias psicoativas para fins diversos em todas as áreas da vida como, trabalho, educação, sexo, saúde, apetite, alegria, angústia e motivação, borrando novamente os limites técnicos entre remédios e venenos, construídos no século passado.

Talvez aí esteja a dificuldade de falar sobre o campo do uso e abuso de drogas hoje em dia, pois, de modo retroativo, com o fracasso da guerra às drogas, que só fez multiplicar o valor, o tipo e os mercados ávidos por consumi-las, novamente a função da droga parece retornar ao seu lugar de ambiguidade. Isso ocorre pois o limite entre a busca por uma satisfação rápida e a busca por um tratamento (igualmente rápido) do mal-estar, encontram-se cada vez mais interpenetrados, representando, em ambos os casos, a aplicação de uma técnica científica sobre o corpo. Quero dizer que não é mais possível apontar onde começa a medicalização da vida e onde termina a epidemia de vício em drogas, já que uma droga pode ser um remédio para aquele que o usa, bem como um remédio pode ser a droga de alguém(Brasil, 2018).

É pontual notar que, dentro do campo da psicanálise lacaniana, de onde esta pesquisa retira seu referencial teórico e método de investigação, os estudos realizados sobre o fenômeno das toxicomanias igualmente parecem ter sido influenciados pelo contexto político-econômico dos anos 1970. A consequência foi a construção de um aporte teórico muito bem fundamentado mas com um matiz unipolar, fazendo da toxicomania um modo de operação único, cuja determinação foi deslocada para debates adjacentes(Miller,1992), como a necessidade de compreender se este fenômeno é associado a uma estrutura psíquica específica ou não, além das discussões mais recentes sobre a confluência da toxicomania com as psicoses ordinárias, onde não há forclusão generalizada do Nome-do-pai(Santiago,2017).

No entanto, a respeito da própria toxicomania, pequenas variações são feitas em torno de um núcleo, já bem consolidado, a ponto de ser apontado por Fabián Naparstek como “tese” lacaniana das toxicomanias(Naparstek,2005). Neste caso, a definição basilar da toxicomania gira em torno da função do efeito da droga como operador de uma separação artificial do Outro, por meio do rompimento com os limites do gozo instaurados pelo Faló. O que surge desta operação é uma montagem pulsional autoerótica, cuja satisfação não passa mais pelo Outro, nem é parcializada por índices fálicos. A célebre frase de Lacan que serviu de alicerce para esta concepção das toxicomanias foi proferida em 1975, *Jornada de encerramento dos*

Carteis do Campo Freudiano, e dá conta de explicar a partir de suas elaborações e desdobramentos póstumos como a toxicomania pode, em sua radicalidade, levar alguns Sujeitos ao limite de seus corpos, totalmente tomados pelo gozo mortífero de uma satisfação pulsional que rejeita o significante, que vira as costas para a sexualidade e desertifica um laço social que nada tem a lhe oferecer.

Neste período, apesar de não ter sido parte dos assuntos dos quais Lacan se ocupou, segundo o Observatório Europeu de Droga e Toxicodpendência(2009), a França, bem como o resto da Europa, lidava com um aumento vertiginoso de usuários de opiáceos, chegando ao ponto de ocuparem praças e vias públicas a fim de consumirem a droga de forma coletiva, cenário semelhante ao que ocorreu no Brasil a partir dos anos 1990 com outras substâncias(Carneiro,2008). A construção da toxicomania como uma operação de ruptura ganha todo seu valor a partir da possibilidade de que uma clínica pudesse ser construída, a fim de responder ao que estava acontecendo em uma época ainda muito marcada pela dicotomia entre remédios e venenos.

No entanto, é preciso que mais esforços sejam empregados em prol de compreender como o fenômeno das toxicomanias aparece sob a égide da atual ambiguidade que o consumo generalizado de substâncias psicoativas acarreta na atual organização social, segundo Soler “o objeto é função dos discursos em ação, é função dos discursos que definem a civilização” (Soler, 1998,p. 167). Para isso, nosso objetivo principal é primeiramente delinear a definição de toxicomania que emerge da tese lacaniana da ruptura com o gozo fálico, e com isso esperamos construir uma das facetas da toxicomania, cujo lugar na literatura – além de sua reconhecida importância – por vezes tem o efeito de eclipsar a ambiguidade deste fenômeno, sendo definida como “a verdadeira toxicomania” por Laurent(2014). Visando a acompanhar nosso tempo, o segundo objetivo desta pesquisa recai na possibilidade de demonstrar outras facetas da toxicomania, cuja operação parece ser distinta da ruptura fálica proposta pela tese lacaniana. Com isso, pretendemos que os leitores possam visualizar a toxicomania como fenômeno que suporta o múltiplo, sendo suportar, pelo menos, dois modos de gozo distintos e possivelmente intercambiáveis.

Por um lado, a toxicomania pode ser parte de uma operação do Sujeito para se defender da injunção do gozo do consumo, já que a droga permite o congelamento do movimento metonímico do mercado. Esta metonímia (a, a², a³...) institui a possibilidade de satisfação completa no próximo objeto, à medida que corrói esta mesma crença pela rapidez da substituição objetual(Lacan,1972/1978). Como um contra-efeito, o objeto droga é cristalizado em uma posição privilegiada na economia do Sujeito toxicômano, artifício usado

para rechaçar o Outro, subtraindo o sujeito do movimento associativo da cadeia significativa. Para alguém que tem o que procura, nada mais no mercado precisa ser adquirido. Uma suplência paradoxal ao gozo do consumo que elimina a necessidade de dividir o investimento pulsional entre vários objetos parciais.

Por outro lado, podemos supor que a toxicomania pode operar como um remédio que permita ao Sujeito sustentar a crença no discurso Capitalista, permanecendo aderido a um laço social cada vez mais fragmentado. A toxicomania, neste sentido, cria mecanismos para que seja possível suportar os efeitos danosos da usurpação pulsional deste discurso. Neste modo de gozo, a relação que o Sujeito estabelece com a droga responde a um processo de aperfeiçoamento de si mesmo, próprio ao laço social contemporâneo. Pode ser que a toxicomania venha remediar, dar reforço, a uma posição no laço social onde o consumo e acúmulo são as precárias ferramentas usadas para a construção e elaboração de uma identidade. A adesão aos limites normativos de satisfação é eclipsada pelo movimento narcísico de investimento em si mesmo, no qual as toxicomônias muitas vezes entram como pivô. As relações que o sujeito estabelece com seu corpo passam a ser condicionadas por um índice de performance hiperbólica, vivenciado como uma injunção, “é preciso ser mais, ainda”.

Segundo Alberti:

É como se pudéssemos dizer: o Discurso do Capitalista não exige a renúncia pulsional; ao contrário, ele instiga a pulsão, impondo ao sujeito determinadas relações com a demanda, sem se dar conta de que, ao fazê-lo, sustenta sobretudo, e em primeira mão, a pulsão de morte (Alberti, 2000, p. 47).

Temos como exemplo usuários de heroína que, em busca de se manter “socialmente inseridos”, visitam diariamente instituições governamentais chamadas de Drug Consumption Rooms (DCRs) – em tradução livre Casas de Consumo Seguro –, locais que oferecem assistência médica para que o consumo de heroína seja feito de forma segura, podendo voltar para sua rotina algumas horas depois. Esta operação suplementar com a droga, apesar da constante necessidade de manutenção, permite que seja possível para estes que se apoiam em uma forma de montagem toxicômana sustentar a crença na satisfação oferecida pelo laço social (Schatz; Nougier, 2012).

Estas duas formas de operação do efeito das drogas no fenômeno das toxicomanias são o resultado de um coagulado de partículas da *técnica*, da literalização da ciência e do

imperativo de gozo capitalista, que na relação entre Sujeito e Droga produziram um efeito de discurso, a toxicomania. Este sintoma social, ou efeito do discurso que compõe a estruturação do laço, chega aos dias atuais com um fenômeno particular, cuja multiplicação é somente possível em nossa época.

2 METODOLOGIA

O método de pesquisa psicanalítica foi escolhido pela possibilidade de que novos saberes possam emergir do contato do pesquisador-sujeito com o material analisado, objetivo que pode ser alcançado pela transferência desenvolvida com o objeto de estudo. A dissolução parcial da separação entre pesquisador e objeto pesquisado é uma característica própria a esta metodologia, pois, ao se tratar da investigação de um Saber no campo do inconsciente, o próprio Sujeito do pesquisador é também parte do objeto de investigação (Poli, 2005), trazendo a reboque sua diferenciação do campo racionalista da ciência positivista e marcado pela exclusão de qualquer subjetividade como fator contaminante da apreensão de seu objeto.

A metodologia da pesquisa psicanalítica considera a todo momento a presença do inconsciente e as fronteiras simbólicas que permeiam a relação do pesquisador no encontro com seu objeto, partindo de uma relação entre singularidades cuja complexidade torna necessária a pormenorização deste método (Ferreira, 2018).

Para isso, é necessário que consideremos pelo menos dois pontos de fundamental importância para o embasamento da Pesquisa Psicanalítica: o primeiro é reconhecer a proposta deste método investigativo de que novos significantes possam ser encadeados a discursos já estruturados, produzindo abertura para que outros saberes surjam e possam ser considerados por outros pesquisadores em suas próprias formulações, sem que, para isso, seja necessário perder a singularidade do objeto pesquisado, por meio de inferências generalistas de dados e conclusões universalizantes.

O segundo ponto que indica a peculiaridade deste método reside na observância da lógica dos significantes que estabelecem a dinâmica de contato com o objeto de pesquisa, proposta que não visa a tomá-lo pela ordenação do signo, ou seja, representante de um mundo objetivo que faz coincidir a coisa e a palavra (Gallo, 2012). Portanto, este método recorre à produção de saberes advindos da multiplicidade de interpretações da qual o arranjo significativo é prenhe, levando-nos, por exemplo, a considerar a dimensão onírica e sintomática do objeto como caminhos fecundos a (de)cifragens de um saber inconsciente (Lacan, [1966]1998).

Enodado ao método investigativo proposto pela Pesquisa Psicanalítica, a revisão bibliográfica foi designada como principal captador do material necessário para a análise dos temas explicitados neste trabalho, e esta escolha é fiada pela afirmação de Gallo (2012, pp. 79-80), que reconhece a produção do saber como uma relação “entre a vertente do acumulado – estado da questão – e a do novo – desenvolvimento do trabalho”. Neste processo, o pesquisador visa tanto à produção discursiva no que se mostra quanto aos silêncios e lacunas igualmente constituintes da produção literária, brechas necessárias para que o novo tenha chance de surgir.

A fim de explorarmos nossa hipótese de trabalho, de que a toxicomania não segue somente uma lógica de ruptura, mas atualmente divide espaço com outros modos de gozo toxicômano, buscaremos estruturar um percurso teórico por meio de uma revisão bibliográfica que contemple, primeiramente, a dimensão da “droga”, ou seja, o que são as drogas. Este percurso configura nosso primeiro capítulo, onde partiremos de um tensionamento entre o avanço da tecnificação do saber e a teoria lacaniana dos discursos, partindo do discurso mítico até o discurso da ciência e do Capital, usando como “pedra de toque” a influência destes dois últimos discursos sobre as substâncias psicoativas. Esperamos com isso lançar luz sobre os processos que tiveram por consequências a transformação do *Phármakon*, produto do discurso mítico, em Droga, produto do discurso da ciência.

No capítulo dois, examinaremos os princípios conceituais que deram corpo a um campo teórico para as toxicomanias na psicanálise de orientação lacaniana. Pretendemos com isso dar corpo para a tese lacaniana das toxicomanias, primeiramente indicando a existência desta tese, para a seguir pontuar seus elementos constituintes. Esperamos com isso demonstrar que no campo das toxicomanias, a tese lacaniana desponta como principal linha de interpretação, ofuscando outras modalidades de toxicomania que continuam aparecendo conforme o laço social atualiza seus modos de gozo.

No terceiro capítulo, a partir de uma inspiração na concepção de *Phármakon* proposta por Derrida (1997) – para quem droga e remédio se amalgamam sobre uma mesma representação – buscaremos assinalar, sem pretensão de esgotar o tema, outros modos de uso toxicômano, nos apoiando tanto na obra freudiana como em autores contemporâneos. Para isso recorreremos aos conceitos de suplência e suplemento, desenvolvidos por Le Poulichet, para sustentar a diferenciação proposta no capítulo anterior.

Somadas à revisão bibliográfica que será executada junto ao desenvolvimento teórico dos capítulos citados, usaremos vinhetas clínicas extraídas do livro “Crack, Exclusão social” do sociólogo Jessé Souza (2016). Outra fonte para as vinhetas clínicas advém das experiências

passadas e atuais do pesquisador por meio do seu trabalho em consultórios de rua com a população em situação de rua em São João del Rei e em Belo Horizonte. As vinhetas clínicas são uma ferramenta de pesquisa e construção teórica que visam a trazer a marca singular e ao mesmo tempo paradigmática de um caso. Para Lacan (1983), além da dimensão dos elementos histórico-narrativos, as vinhetas permitem localizar pontos nevrálgicos onde o realismo da estrutura aparece, possibilitando que uma lógica sintática seja extraída e tencionada com princípios teóricos. Portanto, estas vinhetas nos ajudarão a melhor conceber e diferenciar os elementos conceituais trabalhados ao longo da pesquisa, além de permitirem atrelar teoria e prática – binômio caro à psicanálise para a produção de conhecimento.

3 O NASCIMENTO DA DROGA

3.1 O PRELÚDIO DA CIÊNCIA: A *TÉCHNE* GREGA

O encontro entre a psicanálise e o uso de substâncias psicoativas acontece muito cedo em termos teóricos, antes mesmo da própria psicanálise se consolidar como uma prática clínica e uma epistemologia. Freud, ao iniciar suas experiências com a cocaína, relatados em “Ânsia e temor pela cocaína” (1887), a fim de determinar como a substância era capaz de acrescentar energia a um sistema, no caso, o corpo, sem que esta propriedade estivesse vinculado à sua natureza físico-químicas, configurou-se como primeira tentativa da psicanálise de compreender o lugar que uma droga ocuparia nas dinâmicas psíquicas do inconsciente, cujo efeito estimulante a tornou amplamente popular nos círculos da aristocracia europeia do século XIX. Freud foi um dos primeiros pesquisadores a tentar decifrar os mecanismos de funcionamento desta substância, sintetizado pela primeira vez em 1859 pelo cientista alemão Albert Niemann, a partir dos alcaloides encontrados na planta rebatizada pelo famoso botânico Jean-Baptiste de Lamarck de *Erythroxylum coca*. A questão, para Freud, girava em torno de entender como seria possível aumentar o nível energético de um do organismo, sem que a quantidade inicial de energia injetada no sistema fosse alterada, através da ingestão de alimentos, por exemplo. A teoria inicial seria de que o alcaloide permitiria uma diminuição da perda de energia necessária para realizar um determinado movimento. O que é que vemos aí? O cientista, após extrair, isolar e purificar seu objeto de estudo, retirando dele 2 mil anos de impregnação simbólica e subjetiva, tenta submetê-lo a leis e fórmulas que lhe imprimem um caráter universalizante. Com precisão, Lacan aponta o intuito do cientista, “que busca objetivar a realidade e reduzi-la a leis e fórmulas matemáticas”(1964\1985).

No entanto, Freud(1887) não obtém sucesso em demonstrar esta hipótese, e de forma concomitante, passa a perceber que os estados subjetivos gerados pela ingestão de cocaína variam de acordo com o organismo, sendo que a produção artificial de um bem-estar geral, e não a ação direta sobre o tecido muscular ou nervoso, teriam mais probabilidade de ser a causa de suas propriedades estimulantes. A tentativa frustrada da quantificação dos efeitos energéticos da cocaína representa em si mesmo, uma imagem paradigmática do funcionamento do discurso científico em seu encontro com os as substâncias psicoativas, bem como a inadequação desta abordagem para satisfazer os intentos psicanalíticos que também se interessam pela relação destas substâncias com o aparelho psíquico.

Apesar deste insucesso, este experimento nos dá algumas coordenadas importantes para situarmos nosso ponto de partida em direção de compreendermos a função ambígua da droga na toxicomania. A primeira coisa que salta aos olhos é a impossibilidade da Ciência responder pelos objetos advindos de seus próprio saber, questão que indica um ponto cego na estrutura da Ciência que logo foi percebido por Freud neste contexto, quando este nota que algumas propriedades da cocaína não estão inscritas em uma lógica substancialista, baseadas em causas materiais. Em outra direção, é exatamente aquilo que é excluído do discurso Científico que retorna como sustentáculo do efeito da droga, a ambiguidade própria a dimensão inconsciente do Sujeito.

A tentativa de enquadrar as drogas entre remédios ou venenos não deve ser tomada como um questionamento natural a respeito de sua função. Na verdade, é preciso compreender que é somente no encontro com o método Científico que as substâncias psicoativas passam a aderir, forçosamente, a lógica da exatidão química que marca a atual “questão das drogas” em nossa sociedade. Exatidão que marca da legislação, ao consumo, a distribuição mercadológica de toda e qualquer substância psicoativa.

Como nos aponta o etnobotânico Terence Mckenna(1992), a operação de agrupar diferentes substâncias como a Koka (folha de coca), os *Niños Santos*(*Cogumelos psicoativos*) e a Ayahuasca sob a categoria generalista “Droga”, não condiz com a estrutura semântica do discurso mítico, pré-científico. Pois esses artefatos eram recobertos de um certo grau de alteridade diferencial, cada uma participando a sua maneira, de narrativas cosmogônicas que referenciam simbolicamente o campo onde estes artefatos coexistem. Junto a outros mitos, estes fungos e vegetais se entrelaçaram em rede e davam suporte à condição humana de cada civilização. A desnaturalização do objeto o prepara para participar de um projeto cultural de construção de sentidos, cuja expressividade transborda para além da experiência de uso imediato e de seus efeitos, segundo Santiago“ É uma constelação subjetiva, na qual a ordem coletiva e a ordem individual estão ligadas de maneira bem peculiar..”(2007,p.39).

Sem pretender me aprofundar no trato dado às substâncias psicoativas no discurso mítico, é importante notar que estes artefatos especiais, verdadeiras entidades que representavam o Outro de modo transcendente, já comportam a dimensão de ambiguidade que ainda hoje marca o uso de drogas. Mas, fora dos limites da Ciência, esta impossibilidade de precisar o efeito de seu uso, longe de ser um problema de métodos, compunha, como próprio ao mito,uma abertura para o real, segundo Lacan, mesmo expresso através de uma combinação significativa, o discurso mítico busca manter tal abertura, conservando algo de insolúvel, resistente ao sentido, “De maneira que o mito estaria ali para nos mostrar o

equacionamento sob uma forma significativa de uma problemática que deve por si mesma deixar necessariamente algo de aberto [...] o significativo do impossível” (Lacan, 1956, p. 115-6).

Ao recorrermos a Farmácia de Platão, de Derrida (1997), encontramos um ótimo exemplo do status de indefinição que as substâncias psicoativas representavam no discurso mítico. O autor resgata o conceito grego de Pharmakon¹(φάρμακον), cuja efeito enganador, devido a sua ambivalência, figura como elemento importante em alguns escritos daquela época. Podemos associar este efeito opaco do Pharmakon as elucubrações de Lacan a respeito do enigma significativo representado pelo dito da esfinge “Decifra-me ou te devoro”, onde ele indica que “Trata-se aí de um significativo que se propõe, ele mesmo, como opaco, constituindo a posição do enigma como tal. Temos aí a forma mais primordial da demanda do Outro” (Lacan, 1962-1963/ 2005, p. 73).

Os pharmakos correspondem a um efeito ou propriedade ambivalente que marca certos objetos, dentre eles as substâncias psicoativas. Santiago (2017) nos aponta que já nos escritos da Odisseia, de Homero, é possível notar a presença de substâncias aparentemente psicoativas, nomeadas como pharmakos. Temos por exemplo, um episódio onde Helena de Troia, durante um banquete, lança um pharmakon na bebida, a fim de animar os convidados de um banquete que padeciam de uma incrível dor ao lembrarem da guerra, “ esse pharmakon, apaziguando a dor, a cólera, dissolvia todos os males” (Homero, p. 85). Segundo Derrida (1997), o sofista Protágoras aponta a ambivalência do efeito destas substâncias, ele “dispõe os phármaкос entre as coisas que podem ser ao mesmo tempo boas (*agathá*) e penosas (*aniará*) (354 a)”, para em seguida relatar a intensa fruição - que podemos interpretar como eminentemente pulsional - que relatam aqueles que recorrem ao seu uso, fazendo com que alguns “gritem como loucos e outros se aliviam das piores sarnas” (Derrida, 1997, pg.43).

Ao aproximarmos o conceito grego de Pharmakon á uma representante possível das substâncias psicoativas num mundo estruturado por um discurso pré-Científico, é preciso trilhar um caminho que nos leve a margem do encontro entre os pharmakos e a Ciência, considerando os pontos de interação e até mesmo enodamento discursivo que irá culminar no nascimento das drogas em sua acepção moderna. Para isso, pretendo tomar o aspecto da exacerbação técnica da Ciência moderna como fio condutor deste encontro, pois esta característica aparece como fundamental, seja para a distinção da Ciência das outras formas

¹ O uso da palavra “Pharmakon” como conceito, será mantido com a inicial maiuscula. Ao nos referirmos aos objetos que possuem a propriedade do Pharmakon, iremos nos referir na escrita minúscula, podendo aparecer no plural “phármaкос”, uma flexão aproximada em portgues.

de episteme (conhecimento), seja como elemento essencial que irá marcar a relação de usuários e toxicômanos com as drogas, pois estes estabelecem uma relação de uso metódico e sistemático com estes objetos. Para Lacan, a Ciência moderna extrai da técnica seu substrato: “não apaga o que se instituíram antes sob esse mesmo nome, porém que, em vez de encontrar nisso seu arcaísmo, extrai dali seu próprio fio, de uma maneira que melhor mostra sua diferença de qualquer outro” (Lacan, 1965-1966/1998, p. 871). Igualmente, o uso técnico permite o desenvolvimento de relações com as substâncias psicoativas inimagináveis para aqueles que a usavam de modo ritualístico.

Ainda na Farmácia de Platão, Derrida nos traz uma cena de *Fedro* no qual Platão (1997) enuncia suas suspeitas, representado pela posição do rei egípcio Thamous, em um diálogo com o Deus Theuth, a respeito do uso técnico da escritura, extrapolando a escrita artística e poética, o filósofo indica um problema relativo ao lugar da técnica, *techné* (τέχνη), do qual Platão se ocupa neste e em outros textos. Representando o filósofo, o patrono da Verdade, o egípcio Thamous, rei da fala, recebe uma visita do Deus das letras, Theuth. Este lhe oferece um *phármakon*, a técnica da escrita, como solução para a memória e esquecimento, além de melhorar o aprendizado e a sabedoria do povo. Derrida cita a seguinte frase de *Fedro*:

“Eis aqui, oh, Rei”, diz Theuth, “um conhecimento (*máthema*) que terá por efeito tornar os egípcios mais instruídos (*sophoterous*) e mais aptos para se lembrar (*mnemenikotérous*): memória (*mnéme*) e instrução (*sophía*) encontraram seu (*phármakon*) (Derrida, 2005, p. 21).

Afirmção que prontamente o Rei rebate:

Neste momento, eis que em tua qualidade de pai dos caracteres da escritura, atribuímos-lhes, por complacência para com eles, todo o contrário de seus verdadeiros efeitos! Pois este conhecimento terá, como resultado, naqueles que o terão adquirido, tornar suas almas esquecidas, uma vez que cessarão de exercer sua memória, depositando, com efeito, sua confiança no escrito, é do fora, graças a marcas externas (*dià pístin graphês éxothen hup'allotríon tú-pon*), e não do dentro e graças a si mesmos, que se lembram das coisas (Derrida, 2005, p. 49).

O Rei indica que a tentativa de convencimento de Theuth esconde a verdadeira qualidade desse *phármakon*, cujo efeito é justamente o oposto, agindo como um veneno que produz a perda da potência da memória em seu usuário. É preciso pontuar neste momento que a categoria de usuário pode começar a ser divisada, mesmo que ainda em sua forma menos elaborada: aquele que usa metódica e tecnicamente. O diálogo entre os dois personagens traz a baila a discussão a respeito das consequências de se tornar um usuário, frequente e sistemático, deste *phármakon* para a memória.

É pontual a indicação de que o uso deste *phármakon* implicaria atribuir ao Sujeito certo controle sobre as representações que circulam entre consciente e inconsciente, usando uma ferramenta artificial como auxílio. As artilhosidades de Theuth em sua retórica pressupõem que um Sujeito munido das técnicas de uso do *phármakon* possa suturar o inconsciente que surge do lapso da memória, do esquecimento. Podemos conjecturar que, em termos psicanalíticos, Theuth oferece uma outra forma de operar com a angústia associada ao recalque. Este *phármakon* é apresentado ao rei como uma solução para aquilo do Sujeito que não cessa de não se escrever (Lacan, 1985). Lacan exemplifica muito bem o dilema que se dá entre os dois personagens em *A ciência e a verdade* (1965-1966, p. 878): ele indica que “está, muito simplesmente, no fato de que a inscrição não se grava do mesmo lado do pergaminho quando vem da impressora da verdade ou da do saber”. Com isso, aponta a ambiguidade do efeito do *phármakon*, cuja faceta é determinada pelo discurso que embasa seu uso. Isso nos oferece pistas para compreender como futuramente a droga se encontra, como efeito de discurso, aderida ao discurso da Ciência.

É curioso notar que, ao longo do diálogo original, apesar de se referirem ao efeito do *pharmakon* por meio de sentidos diferentes, os dois personagens giram em torno deste eixo invisível representado pelo efeito de discurso do *phármakon*, cuja qualidade não se deixa apreender totalmente. Segundo Lacan, “o objeto [...] não é de modo algum apreendido, transmissível, cambiável. Ele está no horizonte daquilo em torno do qual gravitam as nossas fantasias. E, no entanto, é com isso que devemos fazer objetos que, por seu lado, sejam cambiáveis” (Lacan, 1961/1992, p. 240). No entanto, o que está em jogo é a disputa discursiva dos efeitos sobre seu usuário, cuja fantasia singular pode ser eclipsada pela determinação técnica. Podemos notar o tensionamento entre dois registros, em Thamos, o Saber da tradição, da oralidade, representando neste momento como Outro simbólico, ritualístico e faltoso em certa medida, no outro Theuth, o saber-fazer próprio à técnica, independente de um mestre, que, segundo Lacan, “se a examinarmos de perto, não tem memória” (1965-1966, p. 884), justificado pela eficiência em satisfazer o que é demandado, em suturar uma falta.

Em termos pulsionais, o problema gira em torno dos efeitos imprevisíveis de explorar o potencial de restituição de um certo gozo, representado pela tentativa da captura daquilo que na cadeia significante, não está acessível, está esquecido. Como se o *phármakon*, exemplificado pelo diálogo de Fedro (Platão, 1997), pudesse restituir o Sujeito do gozo que lhe foi alienado, metaforizado na história pela sutura do lapso da memória. Neste contexto, o uso do *phármakon* pode indicar aqui a operação ambivalente do significante, por um lado, responsável pela perda de gozo do Sujeito e sua alienação no Outro e, por outro, o próprio meio pela qual o gozo pode se aparelhar a palavra, permitindo uma certa elaboração simbólica da falta (Lacan, 1964). Este efeito de sutura à perda de gozo gerada pelo Outro, seria benéfico ou maligno? Questão esta que irá percorrer o campo das toxicomanias.

Para responder esta indagação, Derrida nos indica a dificuldade de tradução do *phármakon*. E aqui, já podemos trazer a baila a função da droga atualmente. Do que se trata: remédio ou veneno? Caso se tente uma definição pelo discurso científico, atualmente o mais empregado para responder pelas substâncias psicoativas, é premente que a ambiguidade própria aos efeitos do *pharmakon*, seja perdida, ou melhor, deixada do lado de fora do campo das representações. Segundo Derrida (2005) “remédio torna explícita a racionalidade transparente da ciência, da técnica e da causalidade terapêutica” (p. 44)”. Atualmente podemos localizar o efeito *pharmakon* nas drogas, no entanto, ao sofrer os efeitos do discurso tecnicizante, tal ambiguidade permanece no campo do não-dito, com um dos seus pólos apresentando um efeito de retorno inconsciente, emergindo de forma distorcida e muitas vezes, sem o apoio do significante.

Diferente do amálgama que a história grega nos apresenta, tomar a droga como remédio ou veneno, significantes que hoje estão introduzidos em um registro científico, produz um efeito de disjunção, uma tentativa de excluir a indeterminação própria a relação pulsional com as representações, que no *pharmakon* apontam para “o apelo à virtude mágica de uma força à qual se domina mal os efeitos” (Derrida, 2005, p. 44). O modo como na atualidade as Drogas são usadas para operar sobre o corpo está orientado para fora da ambiguidade simbólica que sustenta o efeito *phármakon* no discurso. Certamente isso não elimina o efeito *pharmakon*, ou seja, o efeito de indeterminação próprio ao real da experiência corpórea do uso de uma substância, mas produz um efeito de retorno em si mesmo que a Ciência chama de “efeito colateral”, que pode ser conceituado através da fala de Lacan a respeito do consumo de gadgets, ou objetos da Ciência, “há no início outra coisa além de seu valor de uso – há sua utilização de gozo” (Lacan, [1959-1960] 1988: 279)

Segundo Derrida (2005), a tentativa de designar a qualidade do uso técnico do *phármakon* como ferramenta para superar o mal-estar estrutural, representado pelos problemas da memória – esquecimento, o lapso – recai em um dilema ético. Uma interpretação do texto de Derrida(2005) supracitado, que nos apresenta a problemática do uso técnico do *Phármakon* por “remédio”, equivalente ao bem, não poderia ser, pois, nem aceita nem simplesmente recusada. Nas palavras do autor:

Mesmo se se acreditasse salvar desse modo o pólo “racional” e a intenção laudatória, a ideia de um bom uso da ciência ou da arte do médico, ainda se teria todas as chances de se deixar enganar pela língua. A escritura não é melhor, segundo Platão, como remédio do que como veneno (Derrida, 2005, p. 46).

Recuperamos com isso uma discussão importante que se atualiza nos dias atuais: a ambiguidade do efeito das drogas, produzidos pelo discurso técnico da Ciência, sobre seus usuários. Especificamente, trazer a captura do *phármakon* pelo campo da *téchne*, como é nomeado por Platão o campo da tecnificação, nos dá a chance de compreender alguns mecanismos que estavam em operação no surgimento do uso metódico das drogas.

Se até então o *Phármakon* era alvo de um tratamento ritualístico e pontual, reservado para cerimônias cujo desenvolvimento vinha de um saber detido pelo mestre, pelo xamã ou pelo curandeiro, com o surgimento de um lido cada vez mais tecnificado, podemos supor que outras possibilidades de uso começam a aparecer. A dimensão do usuário, aquele que faz do uso uma prática, começa a despontar no horizonte, se aproximando paulatinamente das formas de relação atual com as drogas.

Caso levemos a cabo as suspeitas que o texto de Derrida nos traz, não podemos deixar de igualmente indagar quais são os efeitos do uso técnico das drogas. No entanto, atento ao exemplo de Freud(1887), a respeito da impossibilidade de se desfazer do sentido ambíguo do *phármakon*, não seria interessante tentar localizar a função da droga por meio da polaridade representada pelos dois personagens da história a cima, já que o benefício (remédio) ou malefício (veneno) são efeitos de sentido unívoco, se afastando da natureza de indefinição significativa que ainda persiste na droga. Apesar de não irmos nesta direção, é preciso pontuar que esta forma de aproximação dualista nos remete a devastadora política proibicionista atualmente em vigor em relação às drogas, cuja categoria moral de bem e mal é arbitrariamente aplicada, criando uma falsa correspondência entre substâncias permitidas por uma instância jurídica como “boas” e substâncias ilegais como “ruins”, postura que igualmente marca no discurso a inferência de um valor moral positivo ao usuário que opta

pelas drogas “boas” e um valor negativo aos usuários de drogas “ruins”(Carneiro,2008). Este posição deixa de fora algo essencial, aquilo que habita o âmbito próprio ao Sujeito do inconsciente que é o desejo que estas certos objetos suscitam “o valor de uma coisa é a sua deseabilidade – trata-se de saber se ela é digna de ser desejada, se é desejável que a desejemos” (Lacan, [1959-1960] 1988: 24).

Por outra via, pretendemos compreender a relação entre usuário e droga através das características do discurso técnico-científico que começava a ganhar corpo já naquele contexto, acusando que é através da tecnificação que as substâncias regidas pelo efeito *pharmakon* são capturadas e submetidas a uma demanda de eficiência metódica. Segundo Araújo em seu livro “O solo histórico da noção de *techne* e a reflexão de Platão na República”(1998), esta nova forma de manifestação da *episteme* chama a atenção em Fedro, já que não é proveniente diretamente da natureza enquanto um dom (Araújo, 1998). Esta diferenciação é importante, pois localiza a técnica (*téchne*) como um terceiro campo. Nem é poesia(Poiesis), que viria da natureza como inspiração e por conta disso não poderia ser ensinada, tampouco é filosofia, um conhecimento advindo da tradição. Segundo Araújo (1998), a *téchne*, como era chamada, compreende uma forma de *episteme* que se relaciona com os objetos em pelo menos três vias:

As técnicas industriais (como a artesanaria) produzem objetos, por isso podem ser chamadas produtivas; as intelectuais (matemática, astronomia etc.) obtêm um resultado mediante uma aquisição de modalidade intelectual, sendo, portanto, teóricas: e, finalmente as corporais (como a ginástica) possibilitam um estado físico que não é externo ao agente) (Araújo, 1998, p. 92).

Levando em consideração que a técnica implica um modo de relação com os objetos que passam pela via da criação (real), do saber (simbólico) e do corpo (imaginário), o uso das drogas pode ter seus efeitos analisados mediante seu lugar em cada um destes registros(Lacan,1974). Sobre os domínios da técnica, não só a escrita pode ser transformada em ferramenta como também as substância psicoativas, podem ser criadas, surgir no real, a partir do que já está disposto na natureza ou na cultura, num movimento de captura e tecnificação. No campo simbólico, as drogas se apresentam de modo autorreferente; o *Phármakon* não aponta mais para uma relação mágica e obscura com o Outro, pelo contrário, é tida como objeto cuja natureza é intrínseca, de onde surge certas convicções como de que as drogas sempre existam. A respeito dos efeitos sobre o corpo, representante do campo Imaginário, apesar de todos das substâncias psicoativas exercerem sobre o corpo uma marca e

um manejo, como seria em um uso ritualístico, no caso de um uso técnico, é dado ao Sujeito que possui os meios técnicos uma autonomia sem precedentes sobre um modo de operar que age sobre o corpo(Santiago,2017).

Esta autonomia da técnica (*téchne*) perante o dom e a tradição também indica uma autonomia perante seu próprio operador, o *technitas*. No tocante ao consumo de substâncias, o *technitas* aparece tanto quanto aquele que prescreve a um outro o uso de drogas tanto quanto o usuário que, munido dos métodos, passa a operar uma relação sistemática e objetiva, a fim de sanar seus males. Segundo Lacan (1992, p. 19):

Na era antiga, ele não era simplesmente, como nosso moderno escravo, uma classe - era uma função inscrita na família. O escravo de que fala Aristóteles está tanto na família quanto no Estado, e ainda mais em uma que no outro. Está lá porque é aquele que tem um *savoir-faire*, um saber fazer. Antes de saber se o saber se sabe, se se pode fundar um sujeito na perspectiva de um saber totalmente transparente em si mesmo, é importante saber enxugar o registro do que é originalmente *saber-fazer*.

A figura do técnico aparece aqui em estado embrionário como escravo do mundo grego, mas já prenhe de sua principal característica: a subordinação da subjetividade e do juízo ao saber da técnica, que passa a ser um saber dos métodos e não puramente do pensamento ou da inspiração(Lacan,1970). Não é preciso receber a droga dos deuses para se estar apto a usá-la; agora, é uma ferramenta a ser disposta conforme as volições do momento. Isso implica a possibilidade da transmissão da técnica de consumo àquele que não sabe, sem a necessidade do usuário travar relações com a complexidade do sentido que sustenta a experiência, pois a apreensão do método necessário à execução da tarefa, o fazer em si, já comporta em amálgama seu equivalente em Saber. Usar é saber usar.

Esta passa a ser uma das principais características distintivas do avanço técnico como forma particular de usar as drogas. Segundo Lacan, “ao menos se anuncia a separação de poderes, entre a verdade como causa e o saber posto em prática” (1965-1966, p. 884). Mais do que uma forma de relação entre Sujeito e Objeto, essa estrutura começa a delimitar um certo saber sem Sujeito. Se antes a *episteme* era adquirida diretamente da natureza como inspiração ou por meio da iniciação à Verdade da tradição mítico-filosófica, com a *téchne* se abre a possibilidade para que o saber passe a estar diretamente contido nos objetos de que se ocupa.

Podemos observar como esta crescente independência epistêmica da técnica(*téchne*), perante a tradição mítica e filosófica também se estende ao campo dos objetos,

dessingularizando as coisas do mundo que porventura sofrerem os efeitos da técnica(*téchne*). Esta dessingularização ocorre quando a importância da droga, por exemplo, é deslocada para sua funcionalidade em detrimento de sua associação significativa, como é o caso da diferença entre os povos andinos que mascam folha de coca e usuários de cocaína. Com o desenvolvimento de uma relação mais técnica com o objeto, este passa a remeter ao próprio saber-fazer que age sobre ele, formando um circuito sem referência externa que borra os limites entre a verdade da coisa e o saber sobre ela.

Uma droga prescrita por um mercador ou um médico para a memória, sem dúvida, não responde somente por esta insônia de fulano ou aqueles lapsos de memória de ciclano, mas, teoricamente, por todos os fenômenos de memória e insônia, na medida que as diferenças individuais são suprimidas em prol de um modelo de saber homogeneizador. De modo semelhante, um astrônomo especialista em órbitas planetárias não é capaz de prever somente a órbita de Júpiter, mas de todos os corpos celestes que são planetas. Neste caso, Júpiter deixa de ser a metáfora celeste de um Deus e passa a ser um signo de um tipo-planeta. Em ambos os casos, notamos que ocorre uma supressão do que existe de singular em prol de uma tipificação generalista, mas que no entanto é cada vez de uma ordem mais pragmática, e menos simbólica (Lacan, 1972).

Sem ter a pretensão de me aprofundar em demasia nos intentos da filosofia platônica, foi possível retomarmos algumas características basilares do funcionamento do discurso técnico na relação com as substâncias psicoativas. Apesar de ainda ser diferente da representação atual do que vem a ser a relação entre usuário e droga, as bases desta relação instrumental já estão presentes, sendo posteriormente sobrepostas por complexificação futuras.

Um destes marcadores podem ser ilustrados pelo lugar de disputa que a tecnificação das drogas exerce no campo semântico, responsável por suportar as diversas formas pelas quais a linguagem pode organizar uma economia pulsional do laço social. Diferente do lugar de mestria do ritual, que tende a personificar e identificar os objetos(Freud,1912), o campo técnico-científico dá a droga um lugar “sem rosto”, fora do campo das identificações, dando a seu efeito um caráter pragmático. As diversas possibilidades de se relacionar com os efeitos de substâncias psicoativas muitas vezes ficam eclipsadas por sua serventia técnica. Além deste, podemos localizar outros efeitos que serão tomados como pilares estruturais do que no futuro virá a ser a Ciência enquanto disciplina e postumamente um discurso organizador da realidade. Podemos notar a tendência de exclusão da dimensão singular daquele que usa uma droga, seu *technitas*, seu usuário, que é despojado de seu lugar de mestre em detrimento da

primazia do método que emprega para extrair do objeto seu efeito. Em simetria, a exclusão subjetiva causa a homogeneização e sua assimilação a todos os outros objetos que se deixam apreender pelo saber-fazer técnico. Ao perder de vista o que torna os *pharmakos* especiais em um contexto mítico, estes passam a ser agrupados de acordo com o tipo de técnica mais adequada para manusear seu efeito. A droga passa a ser a produção material da expressão do próprio saber técnico. O resultado desta produção depende apenas do nível de precisão que se aplica sobre o objeto. Este movimento é típico do saber científico que apaga as barreiras entre Saber e Verdade, situando o problema desta disjunção como uma questão de melhoria dos métodos.

3.2 O DISCURSO DA CIÊNCIA

Por meio do exame dos efeitos da tecnificação da droga, a partir da tomada do Pharmakon como exemplo da tensão entre a ambiguidade simbólica e a tecnificação Científica, foi possível constatar vários elementos que se aproximam do uso predominante dispensado às drogas no cenário moderno. Apesar disso, este novo significante, Droga, depende de uma operação discursiva para se estabelecer como um modo de relação particular que se inscreve no laço social como um modo particular de satisfação pulsional. Esta operação requer um discurso que inclua a técnica (*téchne*) mas que não seja subordinada à lógica do discurso do Mestre, representado pela filosofia e a organização do mundo antigo, bem como pelos modos rituais de uso (Lacan, 1970). Estamos falando do nascimento do discurso da Ciência moderna.

De fato, é por uma questão de métodos que o Discurso da Ciência, em sua acepção moderna, não estivesse, naquele momento, pronto para eclodir, tendo como base apenas os princípios da *téchne* que elencamos no capítulo anterior. A matemática pitagórica, a medicina de Hipócrates e a física aristotélica não foram suficientes para desenvolver métodos que dessem conta de expandir este campo nascente da *téchne* para além dos discursos dominantes que vigoraram até a primeira metade do segundo milênio, apesar de grandes avanços terem sido feitos nesta direção. A física aristotélica, por exemplo, que perdurou até a idade média, reinstalou na natureza a noção de perfeição platônica, firmando na natureza um eixo estático, uma ordem natural, responsável por organizar a realidade do mundo, estabelecendo o lugar de

cada coisa mediante a sua natureza, uma espécie de significante mestre. Uma esfera de ferro cai pois sua natureza é compatível com a da terra e o vapor sobe pois é compatível com o ar, bem como a água corre pois procura outro corpo de água, o oceano e o sapo gorjeia pois é o que os sapos fazem(Rossi,1997).

A organização em torno de uma ordem natural fez com que Aristóteles rejeitasse a geometria como saber compatível com a sua física, que se ocupava dos corpos “reais”. A relação com a natureza não poderia comportar a noção de vazio contida no espaço abstrato da geometria, vazio simbólico. A matemática pitagórica era muito eficaz para projetar arcos e a área da base de colunas, formas artificiais, mas sua lógica interna não dava conta dos cálculos necessários para numeralizar elementos orgânicos e irregulares, de modo que a matemática até então, com sua aparente independência da natureza, foi apartada da compreensão do mundo natural, tido como unidade imaginária sem vazio(Koyré,2006). Esta virada de chave, a compatibilidade entre matemática e o real, era necessária ao nascimento da Ciência moderna e sua instituição como discurso ordenador do mundo. Somente o avanço da Ciência em direção ao real traz a possibilidade da criação das Drogas, uma categoria toxicológica, um objeto da ciência condensador de um gozo sem sentido.

Para melhor compreender essa virada epistemológica, temos como importante chave de análise a teoria lacaniana dos Discursos, formalizada no *Seminário 17: O avesso da Psicanálise* (Lacan, 1969).A ideia dos Discursos busca responder a necessidade de compreender a relação entre a linguagem, fator estruturante do Sujeito, e sua incidência no laço social, levando em conta aquilo que está além da mera transmissão de informação pela palavra, sendo significante também um veículo do gozo. Pela via da lógica significante que cinde enunciado e enunciação, o campo do discurso vem localizar aquilo que da linguagem não se esgota na função de transmissão da palavra, mas também comporta uma dinâmica inconsciente de ganho e perda de satisfação, movimento eminentemente pulsional. Estas dinâmicas pulsionais foram originalmente apresentadas por Lacan (1969) como sendo a do Mestre, Analista, Histeria ou Estudante. Este aparelhamento do gozo pela palavra pode ser derivado em pelo menos quatro posições lógicas, em que “todo e qualquer discurso apresenta uma *verdade* que o move, sua mola propulsora, sobre a qual está assentado um *agente*, o qual se dirige a um *outro*, produtor, a fim de obter deste uma *produção*. Nestes lugares, serão distribuídos quatro elementos relativos à dinâmica inconsciente: mais-de-gozar (a), Sujeito dividido (\$), Significante mestre (S1) e Saber (S2). A disposição destes elementos em cada um destes lugares irá determinar a operação discursiva em jogo no laço social(Lacan, 1969).

Assim, a relação com os outros e o mundo estaria organizada de modo que seus atores tomassem parte em uma economia que não é apenas simbólica, mas que busca responder também à dimensão Real do significante enquanto veículo de um mais-de-gozar, conceito próprio ao campo lacaniano, que indica uma parcela de satisfação pulsional alienada do Sujeito que busca recuperá-la por meio de sua vinculação discursiva ao laço social (Lacan, 1969). Afiançado ao percurso já elaborado, podemos compreender o funcionamento da teoria dos discursos pela disputa entre o discurso do mestre antigo e a ascensão da *téchne*, é sabido que Lacan associa de forma íntima o discurso do Mestre à filosofia: “quem pode negar que a filosofia tenha sido sempre um empreendimento fascinatório em benefício do senhor?” (Lacan, 1992, p. 21).

Foi somente na Renascença, século XVII, que os avanços técnicos, junto ao crescente questionamento do saber religioso desgastado pela fome, guerras e doenças, que os elementos que faltavam ao desenvolvimento da Ciência moderna vieram à tona. De Nicolau de Cusa, passando por Copérnico e Kepler, até chegar em Galileu, a cosmologia grega foi paulatinamente sendo corroída e substituída pela Física astronômica, sem uma continuidade epistêmica estrita entre elas. Segundo Koyré em seu livro *Estudos Históricos do pensamento Científico*:

“E nem mesmo é uma via, mas várias. A do matemático não é a do químico, nem a do biólogo, nem mesmo a do físico... Assim, é preciso que sigamos todas essas vias em sua realidade concreta, isto é, em sua separação historicamente produzida, e que nos resignemos a escrever histórias *das ciências* antes de poder escrever a história *da ciência*” (Koyré, 1973/1991, p. 377).

Esta transição indica a passagem de uma concepção anímica do mundo para uma outra, a mecanicista, abrindo possibilidade para o estabelecimento de princípios físicos, matematizáveis, que expliquem o mundo natural. A geometrização do universo traz uma nova forma de inteligibilidade dos fenômenos que não é totalmente dependente da observação do mundo sensível, gerando sua dessubstancialização, a perda de suas qualidades simbólicas .

O campo da singularidade subjetiva é suplantado pela universalidade objetiva. Com a ciência cartesiana, a noção de verdade passa a ser um horizonte possível, fora do âmbito transcendente. A partir da exclusão da subjetividade, que passa a ser responsável por todo engano que desvia o pesquisador do conhecimento verdadeiro, sejam seus próprios sentidos, sejam suas volições psíquicas, a subjetividade passa a interferir com a prática da racionalidade objetiva (Descartes, 2000). Afastando-se da antiga lógica qualitativa de Aristóteles, surge a distinção própria à Ciência moderna indicada por Koyré (1973/1991), entre experiência e

experimentação. Se a primeira se apoia na mera empiria da sensibilidade, a segunda está subordinada à racionalidade das fórmulas matemáticas, seguindo a tradição cartesiana. Para o autor, isso pode ser “resumido no fato da descoberta da linguagem da natureza, da descoberta de que as matemáticas são a gramática da ciência física. Foi essa descoberta da estrutura racional da natureza que formou a base a priori da ciência experimental moderna e tornou a sua constituição possível” (Koyré, 1973/1991, p. 54).

Constatamos que o advento do discurso da ciência teve profundo impacto no modo como o mundo é percebido, pois, mais que decifrar a realidade, ela é a causa de sua forma. Neste ponto, Milner em seu texto sobre *A obra clara* (1996) faz coro a esta perspectiva, onde aponta que o surgimento da ciência moderna teve efeito de corte epistemológico. Segundo o autor, “supomos que ele afeta todos os discursos possíveis” (Milner, 1996, p. 67), ganhando o título de “corte maior”. Ou seja, os discursos que compunham a matriz simbólica do ocidente, como o campo da filosofia, da política e até mesmo o da própria consciência, passaram a ser referidos ao campo da ciência moderna, que rearranjou as relações entre os objetos e discursos que povoam a dimensão do Outro pós-corte.

Levando em consideração este efeito de corte operado sobre a própria estrutura da linguagem, é lícito localizar a Ciência como sendo da ordem de uma operatória significativa. Uma operatória guiada pelo racionalismo que estabelece objetos e os associa entre si por meio de letrinhas e fórmulas formais que, apesar de não possuírem sentido, operam sobre o Real. Trata-se aqui de ultrapassar as qualidades sensíveis das coisas e atingir suas propriedades cognoscíveis. Como efeito desta operação significativa, gera-se o próprio real da Ciência moderna, abstrato porém preñado de um novo mundo.

Como nos apontou Koyré (2006), o advento da matematização que sustenta a ciência moderna não pode ser compreendido apenas como uma troca ou substituição dos signos da natureza, operacionalizados pela ciência aristotélica, por outros, numérico-matemáticos. O fato principal é que a formalização do discurso da ciência moderna opera uma cisão na linguagem, segregando e excluindo o Sujeito do enunciado. Esta torção é responsável por tornar possível considerar o uso de drogas como algo que nada diz respeito ao Sujeito, senão como um grande receptáculo orgânico que dará suporte a reações entre substâncias químicas específicas cujo resultado é equivalente a alteração comportamental do indivíduo.

3.3 NASCIMENTO DA DROGA

Capturado por esta nova lógica discursiva, o *Phármakon* sofre uma operação de tradução literalizante, pois, ao fazer parte da natureza, é inexoravelmente parte dos objetos dos quais se ocupa a Ciência (Lacan, 1966/1998). No entanto, seguindo a hipótese de que a linguagem também está submetida ao Corte Maior, a simples transposição de substâncias psicoativas dotadas de nome próprio para a categoria de “Droga”, de “um lado para o outro” do corte, não pode se dar *ipsis litteris*. É preciso resistir ao ímpeto, já contaminado pelo discurso Científico, de tomar a composição material das substâncias como parâmetro de identificação e com isso afirmar que “as drogas sempre existiram”, já que esta ou aquela substância química sempre esteve disponível na natureza, somente com outros nomes. Marcar a transição entre as substâncias disponíveis num contexto pré-científico e a categoria toxicológica das Drogas, tomando como marco o Corte Maior de Koyré estabelecido pela Ciência moderna, indica que os parâmetros de diferenciação não são, certamente, de nomenclatura, mas incidem sobre a própria ontologia destes dois elementos. Certamente, nem um nem outro ocorre em estado natural, já que para sua constituição é preciso sua desnaturalização e inserção em um substrato linguístico, que as tornem disponíveis para que sejam faladas pelo Sujeito. E o que se pode falar das Drogas ? Sem dúvida, sobre seus efeitos.

Portanto, uma virada discursiva implica uma diferenciação entre estes dois elementos, as substâncias psicoativas tradicionalmente usadas pela humanidade e as drogas usadas na era da Ciência moderna, pela mudança na qualidade de seu efeito. Efeito que é, em última instância, de discurso. A serviço da técnica científica, uma ampla gama de compostos naturais tidos como especiarias exóticas, vindas do oriente, de colônias ou substratos alquímicos já conhecidos pelos europeus, passam, por meio da possibilidade de análise e síntese de substâncias puras em laboratório, a fazer parte das exigências de busca pela verdade e seu desvelamento na natureza. Ao encontrar o discurso da Ciência, as substâncias psicoativas são submetidas a técnicas de dissecação e purificação, operação comum na relação científica com os objetos. Esta técnica consiste na tentativa de isolar seus elementos em unidades independentes, livres de ambiguidade, com a pretensão de eliminar qualquer variável significativa, fazendo decantar apenas suas propriedades quantitativas, indicadas por fórmulas mínimas. Somos levados a crer que as drogas participam de uma lógica de relação, instituída pelo modo científico de lidar com o significante; em sua literalidade, ou seja, crer que existe correspondência entre o objeto e o real, e seguindo uma ordem direta de causa e efeito, “[...] produto das mudanças operadas pela emergência do discurso da ciência no mundo” (Santiago, 2001, p. 29).

Até então identificadas como significantes com equivalência de nome-próprio, nome apontado por Lacan como “algo do objeto que o traço retém, justamente sua unicidade” (Lacan, 1961-62/2003, p. 101), as substâncias cujo efeito povoam o campo do Outro, muitas vezes encadeadas a uma representação de natureza transcendente, são agora despidas de singularidade, separadas de seu aspecto simbólico, responsável por introduzir a diferença entre estes e outros objetos.

Desta forma, a *delta-9-tetrahydrocannabinol* passa a ser o produto da literalização do Real da maconha, a *1,3,7-trimetil-1H-purino-2,6(3H,7H)-diona-1,3,7-trimetilxantina* passa a ser, do mesmo modo, o resultado da cientifização do café e assim por diante. Segundo Lacan, para a Ciência, o objeto “é passível de um cálculo exato (probabilidade) e em que a exatidão baseia-se apenas num formalismo que separa axiomas e leis de agrupamento dos símbolos” (Lacan, 1998, p.877). Esta nova forma de inscrição, após extrair, isolar e purificar seu objeto de estudo, segregando dele 2 mil anos de impregnação simbólica, o submete a leis e fórmulas que lhe imprimem um caráter universalizante. Aquilo da substância que lhe conferia seu lugar enquanto *Phármakon*, significante que comporta uma abertura para o indecifrável da pulsão, para o polissêmico, é foracluído e, em seu lugar, assistimos o nascimento da Droga, uma categoria toxicológica.

É somente ao ignorar, até mesmo excluir o gozo do Real, o elemento pulsional que liga estes objetos ao Sujeito, por meio da desconsideração das dinâmicas inconscientes que não podem ser universalizadas, que a Ciência tenta alocar lá um Saber literal e independente, cujo Sujeito passa a ser uma variável desnecessária (Santiago, 2017). Podemos elencar o funcionalismo e o reducionismo, bases do saber tecnificado da Ciência, como operações que permitem ao mesmo tempo o surgimento da Droga como categoria dessubjetivada e objeto de consumo alienado de sentido. Entendemos por funcionalismo um modo de abordagem da realidade, tanto material quanto psíquica, galgado na primazia da forma e estabelecendo o campo do saber como restrito ao âmbito da técnica (Araujo, 1998). Em outras palavras, o funcionalismo estabelece a primazia de “um querer saber e se perguntar pelo” modo de funcionamento do efeito da droga em detrimento da busca por uma essência ou sentido naquilo que se apresenta diante do sujeito. Ao tomarmos a droga enquanto um efeito de discurso e não precisamente um objeto, temos a liberdade de expandir esta categoria para tudo aquilo que exerce sobre o sujeito um efeito diretamente sobre o corpo, e podemos incluir aí uma lista infundável de substâncias legais e ilegais, além de toda sorte de dispositivos tecnológicos produzidos pelo laço social moderno.

No entanto, este efeito não é particular de um ou outro tipo de substância psicoativa, mas é a propriedade mesma que inaugura a Droga enquanto um novo artefato do discurso da Ciência, destacado dos demais, capaz de renomear, por um lado, objetos que já existiam previamente ao significante e, por outro, ser a causa do surgimento de novos objetos no laço social. Para tornar isso mais claro é preciso reconhecer aí uma operação de inversão dos termos, e passamos o efeito da droga para o lado da causa: a droga passa a ser um produto deste efeito, ou seja, temos aí uma causa que é *a posteriori*, conferindo retroativamente ao objeto seu *status* de Droga. É a medida que se verifica que um artefato de discurso se apresenta como um método eficiente que serve ao objetivo científico de manipular o corpo que este virá uma droga e faz parte desta categoria homônima. No entanto, como é possível saber se uma substância teve o efeito esperado sobre o corpo? É preciso que o Sujeito drogado declare se, de fato, foi possível usufruir daquilo. Em outras palavras, se deste efeito de discurso sobre o corpo, algum gozo pode ser acessado sem a mediação do significante.

A noção de usufruto, termo originalmente proveniente do Direito, indica uma forma de gozar de certos meios de modo subordinado, ou é no mínimo balizado, por um discurso regulador. Lacan nos fornece no *Seminário, livro 20: Mais, ainda* um exemplo:

Quando temos usufruto de uma herança, podemos gozar dela, com a condição de não gastá-la demais. É nisso mesmo que está a essência do direito - repartir, distribuir, retribuir, o que diz respeito ao gozo (Lacan, 1972-1973/1985, p. 11).

Deste modo, uma droga não pode existir por si mesma em estado natural, somente como parte de uma organização discursiva, que forneça as coordenadas mínimas necessárias para que o Sujeito tenha um modo de usufruir de seus efeitos. A regulação que surge como produto do encontro entre discurso e fruição, por que não dizer, pulsional, é experimentada pelo Sujeito na forma da relação com seu efeito. Qual é a regulação que o discurso da Ciência fornece ao gozo da Droga, se este é posto do lado de fora?

A esta altura, se torna incontornável a necessidade de determinarmos qual é a natureza deste efeito que estamos decantando até aqui sem realmente positivá-lo, indicando apenas que possui certa autonomia com relação aos seus suportes materiais, ou seja, um efeito que não pode ser diretamente atribuído a um ou outro objeto e somente pode surgir como efeito de uma relação triangular entre discurso, um objeto-significante que é contingente e um Sujeito capaz de usufruir dele a medida que possui um corpo sobre o qual operar.

3.4 O USO DE DROGAS PARA DESVELAR O CORPO

Ao considerarmos o efeito das Drogas como sendo, em última instância, um objeto criado pelo discurso da Ciência, ainda se faz necessário compreendermos então os mecanismos pelos quais este efeito age e suas consequências. No entanto, como o efeito das drogas não pode ser satisfatoriamente conhecido sem que esteja tensionado a um corpo – em muitos casos, o corpo de um ser falante –, nossa busca pela compreensão do efeito das substâncias nos levará à gradual captura do corpo pelo discurso da Ciência, cuja invenção da Droga emerge enquanto sua consolidação. A primeira grande captura do corpo pela ciência, representada pelas disciplinas médicas, ocorre no campo escópico, do olhar.

Aqui podemos citar os experimentos de Bichat, responsável por desenvolver a técnica da anatomopatologia e amplamente conhecido por seus estudos pioneiros de histologia. Neles revelou novos tecidos e seu papel na formação dos órgãos, que, por sua vez, abriu caminho para a incorporação do método científico na prática da medicina. Lacan cita Bichat em seus textos dedicados à Medicina: *Psicoanálisis y medicina* (1966), no qual aponta a “promoção, por Bichat, de um olhar que se fixa sobre o campo do corpo, no curto espaço de tempo em que ele subsiste rendido à morte, isto é, o cadáver” (Lacan, 1966, p. 37). Com isso, nos é indicada a importância dada pela ciência ao olhar direcionado ao real, a invenção de métodos e ferramentas para desnudar o saber oculto que representava o interior do corpo.

Neste primeiro momento, a ciência acaba por despir o corpo de sua consistência imaginária, representado pelo senso de unidade que separa o corpo de um cadáver. Esta unidade corpórea é decomposta pelo efeito do olhar penetrante da técnica que pulveriza, mede, testa e lâmina, sendo dividido em unidades cada vez menores. O corpo fragmentado emerge deste encontro com uma nova consistência, de natureza maquínica. Como notou Le Breton, “é a invenção do corpo na episteme ocidental que conduz esses diferentes procedimentos” (1995, p. 47). Assimilável a outros sistemas mecânicos, quanto mais se compreende o funcionamento individual das peças e sua relação de causa e efeito sobre outras engrenagens, melhor pode-se explicar a organização geral do corpo. Esta lógica, advinda da física mecanicista da época, responsável por alçar as máquinas ao lugar de prestígio da racionalidade, passa a ser aplicada sobre o corpo maquínico.

No entanto, Bichat, os anatomistas e a medicina do século XVIII ainda estavam longe de lograr, de forma substancial, a captura do corpo pela lógica da Ciência, segundo Canguilhem em “Ideologias e racionalidade nas ciências da vida”(1975) ainda neste tempo não era possível observar um desembaraço total entre a medicina clássica e a moderna, cuja

diferença “é ainda filosófica, sem efeito perceptível na saúde e na doença do homem à escala das sociedades humanas. [...] Em suma, a medicina era tragicamente impotente para realizar o seu projeto” (Canguilhem, 1975, p. 52-53).

Apesar da pulverização do corpo pela anatomopatologia, a função tradicional do médico ainda se impunha. Lacan parece concordar com esta afirmação de Canguilhem, ainda em *Psicoanálisis y medicina* (1966), pontuando que, “durante um tempo bastante curto, no século XIX, as doutrinas tenham se proclamado científicas não as tornou, no entanto, mais científicas” (p. 1). Nenhuma das técnicas escópicas sobre o corpo foram capazes de racionalizar por completo as forças invisíveis da vida e da morte, cuja existência atrelada ao campo do Outro afastava a prática do discurso científico.

Antes da modernidade, a função médica era executada por mestres na rica tradição simbólica que permeiam as questões relacionadas à vida e à morte. Segundo o autor, “foi Galeno que redigiu o tratado do XXX, em que o médico, no que tem de melhor é também um filósofo” (Lacan, 1966, p. 2), desenvolvendo uma gama de outros saberes incorporados em sua prática. Com isso, a relação entre o doente e o médico era pautada por uma relação transferencial que envolvia por parte do médico a captação da vida libidinal do paciente, seu alinhamento com a organização do mundo, suas práticas cotidianas, ritos e paixões, pois certamente sua doença estaria associada a uma desarmonia do modo de ser do Sujeito. Podemos até mesmo citar o exemplo, curioso certamente, da forma como alguns filósofos gregos concebiam a histeria, uma desarmonia interna gerada por um útero movediço, que sai de seu lugar, como se a querer tomar o lugar de outros órgãos. Neste caso, a histeria era compreendida como uma tentativa dos órgãos de assumirem uma organização que se afastava da natural, causando sofrimento.

Tal lógica de pensamento, cuja matriz simbólica replica nos gestos humanos movimentos cósmicos, equivalia a aproximar a noção de doença e cura as ideias gerais de bem e verdade da filosofia platônica (Lacan, 1966, p. 9). Esta relação entre demanda e desejo, amalgamados em um arranjo simbólico, onde o mestre da medicina, o doente e seu sofrimento se inscrevem a fim de que, por meio dos desígnios do Outro, fosse possível reconduzir o sujeito ao seu alinhamento natural, não resiste aos anseios técnicos demandados pela Ciência como forma de validar o saber médico.

A medicina, para ser validada como científica, precisava corresponder aos anseios de expansão do discurso sobre o corpo. Para isso, rapidamente se mostrou necessário que não só o invisível seja tornado visível, uma primazia da pulsão escópica, como também que novos

métodos fossem criados para afetar o que se revelava ao olhar, inscrever a técnica sobre o real do corpo.

Foi somente com a reintrodução da Droga na clínica médica que esta situação começou a se modificar, instaurando-se “uma nova era na terapia através de drogas” (Chast, 1995, p. 396). Com o advento da Ciência, as poções alquímicas da idade média; tinturas, trigas, curares e outros produtos feitos a partir da mistura de um número impressionante de plantas, foram substituídos por drogas “puras” sintetizadas em laboratório. Nas palavras de Lacan (1996), “o mundo científico deposita em suas mãos o número infinito daquilo que é capaz de produzir em termos de agentes terapêuticos novos, químicos ou biológicos” (p. 11). A possibilidade de administrar drogas fabricadas aos milhares pela indústria em crescente expansão permite a medicina o mapeamento de um novo corpo.

O corpo maquínico, aquele cujo tórax se abre tal qual um capô de carro, dando a ver suas engrenagens e mecanismos ínfimos, transita agora para o corpo substancializado. Quando Claude Bernard descobriu na metade do século XIX que o corpo possui diversos receptores que respondem a diferentes substâncias químicas, não só endógenas, mas também às drogas, foi formalizada a ação puramente química dos medicamentos. Este novo campo de pesquisa nos permite antever uma transição epistemológica para fora da retórica transcendental da alquimia própria da Europa medieval, o século XIX presencia “uma revolução na arte de curar conduzida pela química” (Canguilhem, 1975, p. 52).

A purificação das Drogas equivale à purificação do próprio corpo, à medida que pode expurgar dele a dualidade até então inconciliável entre mente e corpo, a *rés-cogita* e *rés-extensa*. Isso ocorre à medida que a relação anatomopatológica é paulatinamente sobreposta ao que Lacan nomeou de “relação epistemo-somática” com o corpo, fazendo coincidir em um só registro “aquilo que vem de longe, do exílio, a saber, do exílio para onde a dicotomia cartesiana do pensamento e da extensão proscreveu o corpo” (Lacan, 1966, p. 42).

Temos como exemplo da tentativa de substancializar, em tornar químicos os estados psíquicos, a obra do psiquiatra Jacques Joseph Moreau, intitulada *Haxixe e Alienação Mental – estudos psicológicos* (1845). Nesta obra, o médico se dedica a explorar os estados alucinatorios por meio de uma incursão fenomênica, um autoexame interior, usando um concentrado de *Tetrahydrocannabinol* para produzir o que ele descreve como uma loucura artificial, um sonho sem sonhos. É curioso notar o duplo papel que a Droga adquire nas experiências de Moreau, uma ferramenta a serviço do conhecimento e um portal para a loucura. Como pano de fundo do experimento, é possível inferir o questionamento: “*Se é*

possível que haja uma substância que induz a uma certa loucura temporária, estaria então a ser descoberto uma outra que devolveria temporariamente a sanidade ao delirante?”.

O corpo substancializado é, em suma, a concepção de que todos os processos do corpo são regidos por relações químicas, sejam elas de origem interna, como é o caso dos hormônios, ou de origem externa, como a ingestão de drogas. Somente o intrincado funcionamento das interações bioquímicas entre organismo e meio se torna relevante, como é explicado por Santiago:

Assim repousa sobre esse novo racionalismo químico a possibilidade de se expressar o efeito *Phármakon* a partir do mecanismo de ação de várias substâncias, como os compostos alcalinos, formados, fundamentalmente, de hidrogênio e de nitrogênio (Santiago, 2017, p. 70).

Com esta nova racionalidade, presenciamos o alargamento da própria compreensão de corpo pela ciência. A mente passa paulatinamente a ser incluída na lista de órgãos do corpo, e as paixões e vivências ao *hall* de processos químicos relegando a experiência subjetiva à qualidade de um invólucro fenomênico.

Este efeito de discurso, onde o saber é extraído diretamente do real do corpo, o organismo, que circularmente ganha consistência a partir de sua serventia ao saber científico, é estabelecido a partir do uso das Drogas como uma ferramenta capaz de alcançar o invisível ao olhar e, além disso, oferecer a possibilidade de intervir no corpo por meio de seus próprios circuitos. O efeito da Droga, cuja “terapêutica” sobre o corpo pode se dar sem o protagonismo do binômio Sujeito – Outro, seja na tradição seja na transferência com o médico, passa ao primeiro plano entre os métodos de intervenção.

O efeito da droga permite que a demanda de apaziguamento do Sujeito seja respondida sem que uma narrativa a ser elaborada seja produzida. Esta disjunção leva o paciente a tratar de sua doença e não mais de si, e drogar-se faz do corpo apenas um meio para isso. A resolução de um problema que literalmente está inscrito no orgânico faz do êxito um calar, um silenciar do sintoma, sanar a necessidade de falar do que vai mal, enfim, o problema que levou o doente ao consultório.

Portanto, o discurso da ciência inscreve a função da Droga onde a demanda do Sujeito é tomada em sua literalidade, o que só pode ocorrer se não for levada em consideração a dimensão que faz do doente primeiramente um Sujeito do inconsciente, sustentada pela lógica significante e o gozo do corpo (Lacan, 1966). No primeiro caso, os efeitos simbólicos da linguagem, a metonímia e a metáfora, deixam de ser levados em conta, tomando sua

função unicamente como veiculação de informação; é preciso simplesmente dizer o que se quer mudar. No segundo caso, ao avaliar a demanda do paciente para que seu sofrimento cesse o mais rápido possível, não se considera a dimensão do gozo do corpo envolvido na relação de satisfação do próprio paciente com seus sintomas. Neste caso, a patologia a ser remediada pelo médico pode representar apenas um pequeno sacrifício a fim de que uma organização sintomática seja mantida, em outros casos, o médico apenas cumpre um papel de validar a identificação do sujeito ao seu sofrimento.

3.5 A DROGA NO LAÇO SOCIAL E A TOXICOMANIA

É por um curto espaço de tempo que as drogas ficam circunscritas aos laboratórios e restritas à prescrição médica. Como vimos anteriormente, o sujeito, munido das técnicas e métodos adequados, facilmente descarta o mestre e assume o controle sobre a utilidade de sua ferramenta. Agora, o sujeito que supostamente compreende a si mesmo como organismo biológico, em que dores, peso, inteligência, volições, angústias, felicidades, são fruto de reações químicas, têm acesso às ferramentas necessárias para alterar este estado das coisas. Para insônia, ópio; para a inibição, álcool; para relaxar, nicotina. A mera existência das drogas, enquanto objeto da ciência endereçado ao laço social, possui efeitos de subjetivação sobre o Sujeito. O fato é evidente: as drogas não precisam de médicos para funcionar, a relação com o Outro, para que a angústia de toda ordem cesse, mostrasse contingente, e as drogas uma promessa de sutura total. Podemos notar mais claramente aqui o delineamento da figura do usuário, mais especificamente o usuário autônomo, aquele que usa por si mesmo.

É nesta torção que é criado um circuito fora de uma relação transferencial, neste caso, entre médico e paciente, que o uso de drogas se prolifera e ao mesmo tempo passa a ser visto pela psiquiatria como uma patologia – duplo efeito que aponta para uma nova transição discursiva, entre discurso da Ciência e discurso Capitalista. Na verdade, podemos pensar este fenômeno muito mais como uma aliança, uma incorporação, Lacan em “A terceira”(1974) nos aponta a dimensão de mercadoria que os objetos da Ciência paulatinamente passam a representar, “artefatos de consumo: a televisão, a viagem à lua, e mais uma vez a viagem à lua” (p. 186) uma certa relação simbiótica entre dois discursos, duas formas de regulação do gozo no laço social. O encontro entre o discurso da Ciência e o discurso Capitalista gera um efeito ambivalente sobre a representação do consumo de drogas. Por um lado, o uso “pessoal”, não institucionalizado, é patologizado. Ao mesmo tempo, este consumo passa a responder e se adaptar muito bem ao modo de funcionamento do discurso Capitalista; a lógica

do consumo como imperativo categórico, ordenador de laço social e produtor de subjetivação. O gozo, foracluído do discurso da Ciência, retorna pelo discurso capitalista, e o Saber, que nada interessa ao discurso Capitalista, é tomado de empréstimo pela via da Ciência.

O Saber que concerne ao discurso da Ciência comparece pela categorização e instituição do normal e patológico (Canguilhem,2010), onde a diferença entre remédios e drogas surge como método de legitimar um uso institucionalizado de drogas em detrimento de um consumo singular montado pelo Sujeito. De outro modo, um embate entre o uso científico “racional” e o uso em aliança com um certo empuxo ao gozo passa a se delinear, de modo contraditório e suplementar. Se antes eram considerados benéficos, a partir deste fenômeno “extraconsultório”, o uso de cocaína, morfina, ópio entre outros, passam a tipificar a morfínomania, cocainomania, haxixomania e opiomania, tipos clínicos da psiquiatria que postumamente são agrupados como toxicomanias(Santiago,2017). A toxicomania, compreendida pela psiquiatria como uma patologia do impulso, demonstra o efeito particular dos efeitos da droga sobre a economia pulsional do Sujeito; o Saber, como gozo do Outro, é, por meio das drogas, alvo de uma promessa; a possibilidade de restituição desse gozo ao seu lugar, do lado do Sujeito, pelo consumo. Isto, paradoxalmente, está alinhado com a lógica capitalista de consumo de mercadorias, especificamente aquelas nomeadas por Lacan como *gadgets*, objetos condensadores de gozo(Lacan,1970).

Deste modo, o cerne da questão tangente ao uso de drogas, e que delimita a entidade nosológica da toxicomania, neste momento é a “necessidade imperiosa de se intoxicar” (Regis, 1885), definição que enfatiza o descontrole da vontade de modo anterior ao próprio ato da intoxicação. Com o reconhecimento patológico do impulso à droga, surge, simultaneamente, a figura do toxicômano e do usuário, o primeiro como evolução “natural” do segundo. Usamos aqui o termo “natural”, pois, considerada uma patologia de origem orgânica, o discurso científico da época atribuía à toxicomania uma progressão aos moldes de outras doenças biológicas, de tal forma que um uso esporádico de uma substância não era visto de modo isolado, mas sim como a eclosão dos primeiros sintomas de uma futura toxicomania. Apesar de sua biologização, certamente o toxicômano não está livre de um discurso moralizante que acompanha um suposto processo de degeneração física, se tornando, na verdade, em uma degeneração físico-moral.

Esta parcela moral pode ser vinculada a percepção de que, rompendo com as instituições que balizam as formas de satisfação em circulação na trama social, o toxicômano é um transgressor, um desajustado, certamente inclinado a outras perversidades para conseguir a droga. A indistinção psiquiátrica entre toxicômano e usuário foi muito útil para o

controle do uso de drogas na passagem para o século XX, quando a política de Guerra às Drogas foi oficializada pelos Estados Unidos. Com o uso associado do saber técnico psiquiátrico e dispositivos de controle, a generalização da toxicomania permitiu agir o poder sobre certas camadas sociais (Foucault, 1978), causando a morte e o encarceramento em massa – em prisões, manicômios e comunidades terapêuticas – de pessoas pobres e pretas, assim como outros grupos sociais perseguidos pelo Estado moderno. Apesar disso, o número de usuários de drogas só aumentou nos anos seguintes ao famoso discurso de Richard Nixon, em 17 de junho de 1971 (Nixon, 1971), já indicando prematuramente seu resultado fracassado. Se, por um lado, fracassa em coibir o uso de drogas, cuja lógica de mercado é opaca ao embargo da lei, por outro obtém um certo sucesso em delimitar o uso de Drogas como um Outro gozo, aumentando seu fascínio e o marcando como um índice de segregação. Com isso, figuras socialmente marginalizadas como pobre e pretos passam a ser, por efeito segregativo, associados mais intensamente a este índice, fenômeno que ainda hoje causa sérios danos.

Ao mesmo tempo, como dito anteriormente, a droga, agora em exponencial circulação no laço social, deixa de responder somente à dimensão do Saber científico, principalmente seus efeitos de marca – no caso, entre o “usuário-toxicômano” em oposição ao sujeito “saudável”. Enquanto um objeto que agora está inscrito no laço social como capaz de condensar um Outro gozo, nefasto e idílico, quase não há necessidade de propagandas, nem de incentivo ao consumo, cuja demanda é espontaneamente gerada pela sua especial interação com o Sujeito do inconsciente, a toxicomania começa a ganhar espaço como um sintoma social, pois, a partir do engajamento com a droga, é possível agir sobre o mundo ameaçador, oferecendo um outro circuito pulsional onde a satisfação, fora do campo do sentido, estaria mais disponível. As toxicomanias respondem perfeitamente à natureza da relação Consumidor e Mercadoria, que passa ao primeiro plano de organização do laço social com a ascensão do neoliberalismo.

Apesar de já estar presente em sua forma industrial, o que permitiu os recursos necessários à instrumentalização da Ciência, é, em sua forma tardia, globalizada, que o mundo todo passa a ser representado como um mercado sem limites, transformando o consumo de objetos na principal forma de satisfação, em detrimento de índices simbólicos como ideias, ideologias e identidades. A partir da década de 60, atingindo seu ápice em meados de 70 e só crescendo desde então, o tráfico de drogas atingiu uma escala nunca antes imaginada, sendo o segundo mercado mais lucrativo em termos comparativos a outros mercados ilegais, segundo Global Financial Integrity(2017). A exemplo da cocaína, podemos imaginar que sua

disponibilidade nos 40 anos após sua sintetização, na época em que Freud fazia suas experiências, não corresponde a um dia do seu consumo mundial atual. Isso porque o consumo que é administrado pelo Outro, representado pela transferência com o médico, é ultrapassado pela autoadministração própria a toxicomania, cujo curto-circuito com o objeto não dá espaço para a alteridade. Irmão siamês da indústria farmacêutica, o narcotráfico passa a dividir um discurso comum: o do mercado. Agora as drogas passam a se organizar em mercados, mais precisamente comunidades de gozo, legais e ilegais. Esta questão, da relação entre estas duas comunidades enlaçadas por uma pulsão de morte, será retomada com sua devida profundidade, mais a frente.

Neste momento, é oportuno evocar a formalização do discurso Capitalista, proferido por Lacan em alguns momentos de “*O Seminário, livro 17*” (1969-1970) e em sua conferência em Milão, 12 de maio de 1972. Possuindo um modo de funcionamento diferente dos quatro discursos. Também chamado por Lacan (1972) de discurso do mestre moderno, parte justamente de uma torção no campo direito do discurso do mestre, localizando o Sujeito barrado (\$) no lugar de agente, e o Significante mestre (S1) no lugar da verdade. No outro quadrante, o Saber continua a ocupar o lugar do outro e o objeto causa de desejo no lugar da produção. Em um segundo momento, Lacan desenvolverá estes lugares, associando o agente ao lugar de semblante, e o outro o lugar de gozo, produção será objeto mais de gozar, mantendo o lugar da verdade.

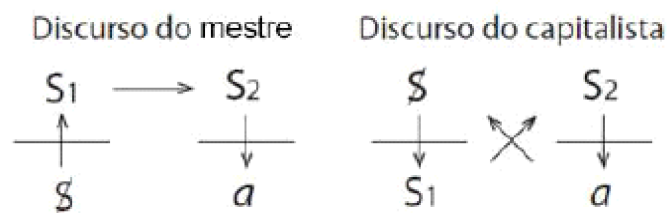


Figura 1 – O discurso do mestre e do capitalista .

Lacan é enfático sobre a lógica deste discurso: “de jeito nenhum lhes digo que o discurso capitalista seja medíocre; é, pelo contrário, algo loucamente astucioso” (Lacan, 1971-1972/inédito, lição de 01/06/1972). Embora astucioso, ele projeta no laço social um imperativo de gozo insustentável, próprio à pulsão de morte:

É insustentável... num truque que poderia lhes explicar... porque o discurso capitalista está como uma pequenininha inversão simplesmente entre o S1 e o \$... que é o sujeito... basta para que isso ande como sobre rodinhas, não poderia andar melhor, mas, justamente, anda rápido demais, se consome

[*consomme*], se consome tão bem que se consuma [*consume*]. Agora vocês estão embarcados (Lacan, 1971-1972/inédito, lição de 01/06/1972).

Este caráter insustentável ao qual Lacan se refere pode ser associado ao curto-circuito inerente ao seu funcionamento. Para compreendermos este circuito, que de fato não é curto, mas tem a forma de um oito interior – como desenhado no quadro a seguir (indicando uma certa ambiguidade entre os termos), é preciso acompanhar o sentido das setas que estão adjacentes e conectam o matema. Diferente dos outros discursos que procedem a partir de quartos de volta em sentido horário ou anti-horário, o discurso do capitalista endereça o lugar da produção/mais-de-gozar diretamente ao lugar do agente/semblante, este por sua vez se remete à verdade, que por sua vez inquire a lugar do saber como gozo do Outro (Lacan, 1969-1970), que produz o mais-de gozar:

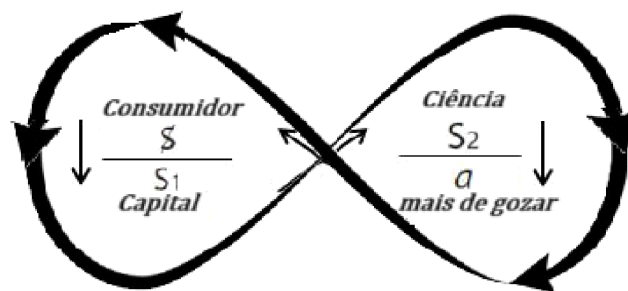


Figura 2 – Discurso do mestre moderno em seu fluxo de ação
Fonte:Ribeiro,2025

Ao preenchermos estes lugares, temos uma dinâmica onde o Sujeito é espoliado (\$) de seu gozo, certamente pela entrada na linguagem, mas agora isso pode ser contabilizado pela mais-valia, que alimenta o capital (S1). Este significante-mestre impõe à cadeia significativa a injunção “*produza!*”, que direcionada ao Saber tecnocientífico (S2) põe em movimento a criação de objetos mais-de-gozar, *gadgets*, objetos condensadores de gozo, que por sua vez são marcados com a promessa de restituir ao Sujeito espoliado seu gozo. Esta relação gera outro imperativo categórico, “*Consuma*”, onde o percurso recomeça. Seguindo a topologia do oito interior, temos que o Sujeito responde como outra face do objeto de consumo, se tornando, desta forma, um *Semblant*, o consumidor consumido.

Apesar de os outros discursos, por tratarem da relação com o laço social, também indicarem modos de perda de gozo, neste discurso moebiano é apresentado ao Sujeito a possibilidade imaginária de contornar a castração. O Sujeito pode reaver o gozo perdido, com garantia de nota fiscal. Segundo Lacan:

O que é que isso paga, pergunta ele - senão justamente o gozo, o qual é preciso que vá para algum lugar. O que há de perturbador é que, se o pagamos, o temos, e depois, a partir do momento em que o temos, é urgente gastá-lo. Se não se o gasta, isso traz todo tipo de consequências (Lacan, 1969-1970, p. 18).

Ao se alojar na castração, entre Sujeito e Outro, neste discurso, o(a) pequeno(a) deixa de representar a falta e passa a marcar/etiquetar o gozo fora do corpo, oferecido ao sujeito, ilusoriamente, como possibilidade de acessar S(A), a satisfação plena que completaria o Sujeito. Com o lento naufrágio do discurso proibicionista de Guerra às Drogas, a partir dos anos 70 até os dias de hoje (e combinado com um mercado mundial hiper eficiente de drogas gerada pela globalização), a distinção entre “usuário-toxicômano e não usuário” gradualmente volta à sua inutilidade, já que, de lá pra cá, a maior parte da população tem acesso e consome regularmente algum tipo de droga, cujo efeito, direta ou indiretamente, está ligado à satisfação pulsional, uma operação sistemática e técnica sobre o corpo. Para citar nomes comuns de uma lista interminável que se prolifera, temos álcool, cafeína, Xanax, maconha, Aspirina®, cocaína, codeína, morfina, *crack*, ketamina, Zolpidem, GHB, MdMa, LSD, ritalina, Valium® e mais de 20 tipos de anfetaminas. Junto a um grande poder de distribuição, o número de novas drogas vendidas por farmácias ou no comércio ilegal se multiplicaram, ressoando em uníssono com o objetivo principal do Discurso Capitalista (Lacan, 1969/1992): a produção de um Sujeito indivíduo, o indivíduo que confunde desejo e demanda, cuja ilusão de unicidade está a um passo de distância, bastando encontrar a mercadoria certa. O ideal deixa de ser um modelo simbólico bem demarcado e, em muitos casos, ele aparece mais como um índice de intensidade, um “mais, ainda” (Lacan, 1985/1972).

Se antes a toxicomania respondia a um ideal científico de ortopedia do organismo, por meio de intervenções químicas que permitiriam chegar a um funcionamento ideal, isso passa a ser sobreposto ao ideal de sujeito neoliberal, onde a ortopedia orgânica é somente um passo na direção do consumidor produtivo e plenamente satisfeito consigo, em alguns casos “consigo” pode ser lido quase literalmente, já que a possibilidade de acessar um gozo autístico, o do consumo, se avizinha com grande intensidade. A droga, inserida no lugar do mais-de-gozar, ou seja, lugar de recuperação imaginária de um gozo negativado, possui grande aderência à lógica do discurso do capitalista, pois permite que o uso técnico já estabelecido pelo discurso científico seja refinado, uma técnica usada pelo Sujeito para diversos fins. Presenciamos aqui a volta do gozo enquanto aquilo que não serve para nada além da satisfação pulsional (Santiago, 2017), foracluído do discurso da Ciência, cujo retorno

se dá diretamente sobre a dimensão real do Sujeito, o corpo como aquilo que é feito para gozar.

Sem dúvida, indo ao encontro deste objeto, o Sujeito do inconsciente que acompanhou o nascimento da droga de perto, igualmente nascido dos efeitos do discurso da Ciência, assim como a droga, se encontra hoje em posição diferente da que estava na aurora da modernidade. As toxicomanias, ou a toxicomania e outras técnicas sistemáticas do uso de drogas, acompanhando seu tempo, hoje refletem novas formas de mal-estar social com as quais o Sujeito se embaraça. Estes arranjos apresentam configurações distintas dos sintomas clássicos descobertos por Freud, pois não são formulados a partir de um ciframento simbólico que demanda interpretação do Outro – instância que outorga sentido ao Sujeito, cujo efeito é apaziguador (Laurent, 2008). Em lugar do sintoma, o que intervém é um ato silencioso sobre o próprio corpo, aparelhando um gozo autoerótico como principal prática defensiva contra os efeitos traumáticos da castração, uma tentativa de burlar a divisão subjetiva do Sujeito em direção do Um sozinho (Santiago, 2017).

3.6 NOVOS SINTOMAS

Isso é importante, pois, seguindo este pensamento, as toxicomanias vêm responder a dimensão traumática do desamparo incutido na atual organização social. Se tomarmos a inconsistência do Outro não apenas a nível da relação singular, mas como Outro do discurso que organiza o laço social, compreendemos que o mal-estar próprio às relações com os outros advém deste desamparo simbólico, que, segundo Lacan, no *Seminário 19: Ou pior* “em nenhum caso nada do que se passa em decorrência da instância da linguagem pode desembocar na formulação de nenhum modo satisfatória da relação (1972/2012, p.16). Motivo mesmo pelo qual é preciso reconhecer que não só a toxicomania, mas os sintomas nativos ao discurso atual, respondem por uma via que busca contornar a perda de satisfação contígua ao gozo da palavra, se voltando com mais intensidade em direção de atos sobre um corpo a ser consumido. Pensar as toxicomanias sob a égide do declínio do falo e acessão do objeto mais-de-gozar (Beneti, 2014) é notar que, para muitos Sujeitos, o discurso do Mestre, aquele que respondia ao traumático pela via da aderência ao Pai, está enguiçado, já não opera bem o suficiente ao sujeito a borda para seu sintoma.

Indicamos ao longo do capítulo que é propriamente como resposta ao Discurso do Capitalista que a toxicomania foi erigida enquanto uma defesa possível frente esse modo peculiar de inconsistência do Outro produzido por esta lógica. Tão peculiar que chegou até

mesmo a ser apontado por Miller como Discurso que produz a inexistência do Outro (1995). Não é de se espantar que um de seus efeitos seja a multiplicação de toda sorte de soluções para o malogro de soluções simbólicas para o mal-estar. Chamados por alguns teóricos de “novos sintomas”, dentre os quais estão as toxicomanias, estas novas montagens pulsionais são expressões possíveis do inconsciente frente um novo tipo de mal-estar, gestado na falta de consistência do Outro, cujo corpo do Sujeito vem fazer suplência, já que ao sintoma, muitas vezes falta um anteparo simbólico.

Isso tem efeito direto sobre o invólucro formal adotado pelos sintomas, sejam eles “sintomas freudianos” ou os ditos novos sintomas (Santiago, 2017). Anteriormente, no discurso do Mestre ou discurso do sintoma, podíamos observar um caráter defensivo mais conservador, baseado no recalque. Visando a soluções de compromisso que têm por objetivo reforçar uma organização fálica, escolha que busca manter o Sujeito aderido ao regime parcial do desejo associado ao laço social, a inconsistência do Outro é superada por meio de uma formação sintomática, buscando tamponar a falta do Outro pelas fantasias que sustentam um sentido codificado.

No entanto, com a mutação que gera o Discurso Capitalista, observamos o surgimento de um modo de defesa de caráter, digamos, disruptivo. Seria a montagem, por parte do Sujeito, de outra organização substitutiva, ou montagens pulsionais, que não se apoiam na referência simbólica do falo, necessários para a construção de um sintoma, evitando com isso a angústia de sustentar uma divisão do Sujeito. Assim o sujeito tentaria romper com a organização precedente, baseada em uma predominância simbólica, e se resguardar em uma montagem pulsional distinta, visando defender o Sujeito contra a invasão do real traumático pela via do corpo (Freud, 1915/2006).

4 A TESE LACANIANA

4.1 O EFEITO DA DROGA

Considero que este percurso que nos levou a uma melhor compreensão a respeito da estreita relação do Discurso da Ciência e as drogas, foi de grande valia, pois, ao dispensar a necessidade de percorrer uma antropologia do uso de substâncias psicoativas até os dias atuais, buscamos dar atenção às estruturas languageiras responsáveis pela consistência destas substâncias, localizando seu lugar no campo dos discursos e, por conseguinte, nas relações com o Sujeito do Inconsciente.

Ao serem concebidas como objetos que condensam gozo (Santiago, 2016), propriamente objetos mais-de-gozar como indicado por Laurent em *Três ensaios sobre as toxicomanias* (2014), as drogas são contabilizadas na economia pulsional do Sujeito como capazes de restituir uma parte do gozo perdido pela castração. Estes produtos permitem que o sujeito goze do próprio corpo de diversas formas, por vezes permitindo a operacionalização de um modo de satisfação que vá além dos limites fálicos, responsáveis por parcializar o gozo do corpo em zonas erógenas. Porém, diferente de outros objetos investidos de libido ao serem associados pelo sujeito a uma cadeia significativa, a droga – ou, mais precisamente, seu efeito – opera uma ação direta sobre a economia pulsional do Sujeito, sem necessidade de passar pelo campo do sentido.

O efeito *da Droga* diz respeito não ao objeto, mas ao efeito de intoxicação que se instala de maneira mais ou menos central na economia pulsional do Sujeito, configurando um operador de dinâmicas inconscientes (Le Poulichet, 2012). Logo, quando pensamos na relação do Sujeito com a droga, de fato analisamos a relação que é estabelecida com seu efeito. Este efeito, por sua vez, não se refere somente a especificidades e interações químicas que cada substância psicoativa possui, mas, sim, ao fenômeno inconsciente de extração de gozo do corpo, corpo que habita o registro do real e se apresenta para o Sujeito como alteridade radical não significantizável – localizando o alvo da toxicomania como além da imagem especular (Lacan, 1973). Esta extração vem remediar um estado de privação do Sujeito, e, segundo Lacan no *Seminário 4, As relações de objeto* (1995), é uma operação real, cujo objeto é simbólico e o agente, imaginário. Deste modo, por meio de uma operação igualmente real, o efeito *da Droga*, que normalmente pode ser equiparado ao de qualquer substância psicoativa, age sobre um estado de privação no qual o Sujeito se encontra, provocado pela castração que extrai do Sujeito um objeto que para sempre estará perdido. Certamente o efeito da droga não

é o único meio possível para lidar com a falta do Sujeito, no entanto, sua diferença reside na possibilidade de operar fora do regime do sentido, contornando o campo simbólico em direção a uma satisfação real ao nível da necessidade.

No entanto, o efeito *da Droga* não se apresenta de forma unívoca, ou seja, não proporciona apenas um modo de gozo, apesar de sua fonte ser a mesma. *Pharmakon* pode ser traduzido como remédio ou veneno, refletindo a escolha desta expressão para dizer sobre o efeito da droga, prenhe de um caráter igualmente ambíguo. Ela trata ou envenena? Devido ao seu caráter dúbio, cujo efeito ora pode corresponder ao de um remédio, ora funcionar como um veneno, a ocorrência de uma montagem pulsional como a toxicomania (Freud, 1915/2006) que se apoia sobre o efeito *da Droga*, também apresenta esta mesma natureza ambivalente (Le Poulichet, 2012).

Estas duas formas de operação do efeito das drogas no fenômeno das toxicomanias são o resultado de um coagulado de partículas da *técnica*, da literalização da ciência e do imperativo de gozo capitalista, que na relação entre Sujeito e Droga produziram um efeito de discurso, a toxicomania. Este sintoma social, ou efeito do discurso que estrutura o laço, chega aos dias atuais com um fenômeno particular, cuja popularidade é somente possível em nossa época.

4.2 O ROMPIMENTO COM O FAZ-PIPI

Parece-me oportuno começar pela toxicomania como classicamente aparece na literatura lacaniana, podemos inferir que esta representa o uso do *Phármakon* como um veneno para o simbólico. Isso se explica porque o rompimento com o gozo fálico e a consequente demissão do Outro significante, ou, como nos aponta Lacan, a Separação do Outro (1964), tende a ser uma operação privilegiada na teoria lacaniana das toxicomanias. Esta que foi chamada por Naparstek de “tese lacaniana” (2005), no livro *Introducción a la clínica con toxicomanías y alcoholismo*, endereça a concepção da toxicomania associada ao rompimento com o Falo a um apontamento de Lacan sobre a droga. No Capítulo 5, intitulado “A tese lacaniana das toxicomanias”, do citado livro, Naparstek (2005, p. 48) aponta a ruptura da toxicomania: “*Este fuera del sexo lo entiendo como ruptura con el falo, es decir, fuera de una satisfacción fálica*”, ou seja, gira em torno de seu efeito de desligamento do Outro, pelo rompimento artificial do Falo como índice organizador tal qual um “ponto de capitonê”. Lacan nos aponta a associação entre o Outro e o falo em uma passagem do *Seminário 3*: “[...] mas existe ainda uma esfera muito mais importante, a saber, a esfera legal, a ordem simbólica.

São as particularidades da ordem simbólica, frisei de passagem, que dão, por exemplo, sua prevalência a este elemento imaginário que se chama o falo” (Lacan, 1956, p. 204). Sobre a tese lacaniana, Elisa Alvarenga, em *A especificidade da toxicomania* (2016, p. 6), nos aponta sua abrangência na tese: “A discussão exaustiva da tese de Lacan sobre a droga nos levará às diferentes possibilidades de coexistência ou exclusividade entre a forclusão do gozo fálico e a forclusão do Nome-do-Pai, abrindo novas perspectivas de investigação” (p. 6)

Em caso de ruptura, o toxicômano se voltaria para o desenvolvimento de uma economia hiper-autoerótica, também apontada como um gozo autístico ou cínico (Miller, 1992), cuja imagem representa um curto-circuito entre Sujeito e droga, onde o terceiro termo, o Outro, é mantido à distância. Laurent (1990, p. 20), corroborando esta tese, aponta: “Nada na droga nos introduz a outra coisa que não seja o modo de ruptura com o gozo fálico. Não é uma formação de compromisso mas uma formação de ruptura”, chega em outro momento a apontar esta lógica como pertencente “as verdadeiras toxicomanias” (1994, p. 15). Nesta direção, Miller também nos indica que, dentre os múltiplos usos de drogas, há aquelas que levam o Sujeito ao rompimento com o Outro, “A heroína tem um efeito separador com relação ao significante do Outro” (Miller, 2005, p. 376).

A popularidade desta abordagem se dá, ao menos em parte, pela fala de Lacan na *Jornada de encerramento dos Cartéis do Campo Freudiano* (1975-76, p. 268), afirmação repetida por aqueles que interpretam a toxicomania por este viés. Naquele momento, Lacan se refere de forma um pouco mais direta ao uso de drogas – feito curioso já que, ao longo de sua obra, não deu relevância alguma ao uso de drogas, o que eleva este apontamento a um grande nível de importância: “[...] é porque falei de casamento que falo disso; tudo o que permite escapar desse casamento é evidentemente muito bem-vindo, donde o sucesso da droga, por exemplo; não há nenhuma outra definição da droga que esta: é o que permite romper o casamento com o pequeno-pipi” (Lacan, 1975-76, p. 268, tradução livre).

Mais adiante, na fala de Lacan (1975-76), é de interpretação corrente que, ao mencionar o pequeno-pipi, referência ao caso do pequeno Hans (Freud, 1909/1996), Lacan (1958/1998) indica uma questão concernente à dimensão da lei fálica, responsável por fazer valer a castração pela interdição do gozo fora do simbólico. Esta questão abarca a problemática da determinação da lógica significante, que faz com que o Sujeito se atenha aos objetos substitutos como forma de satisfação, encontrando a completude apenas enquanto uma fantasia fóbica, já que o Outro primordial, a mãe, está fora de alcance. Além disso, Hans é tomado como exemplo dos embaraços que envolvem a passagem do gozo do corpo para o gozo sexual, pois a angústia geradora da fobia de Cavalos advém de uma dificuldade do pai

de transmitir a Hans um significante indexador da castração, meio pelo qual o menino poderia angariar recursos para se defender do gozo do corpo (Lacan, 1957).

A droga, neste sentido, seria o que permite o toxicômano eclipsar esta metáfora, dessexualizando a pulsão que fica sem par. Por isso, temos que este fenômeno é avesso ao gozo sexual, sendo chamado por Miller de Anti-amor (2000). O exemplo do pequeno Hans se faz paradigmático para compreender a dinâmica em jogo nas toxicomanias que advêm de uma elisão da função fálica (Skaf, 2017) e, por consequência, há a derrisão do gozo fálico, outra forma de dizer “romper o casamento”. O caso de menino Hans nos indica como pode ser problemático o embaraço do Sujeito com o Falo, instância paterna responsável por dar os limites da satisfação do Sujeito a partir da ordem significante. O problema ocorreria à medida que a própria possibilidade da significação fálica inscrever o corpo de Hans em uma malha significante que dissesse algo sobre a diferença sexual apresenta-se como uma tarefa de difícil conclusão.

Podemos traduzir este impasse pela indagação: “como fazer valer a Lei do falo sobre o corpo?”, pergunta que certamente também atravessa o fenômeno das toxicomanias.

4.3 UMA INTERPRETAÇÃO DO PEQUENO HANS

Vamos nos aprofundar um pouco mais no que está em jogo na situação de Hans com seu órgão, seu *Wiwimacher* (o *faz-pipi*) (Lacan, 1975). Ao comentar o caso, Freud (1909) nos aponta que a relação de Hans com seu órgão vai às mil maravilhas, até um derradeiro dia em que uma ereção acontece. Junto dela uma grande angústia irrompe: é a intromissão de um excesso de gozo do corpo que invade o Sujeito (Lacan, 1957/1998). Sem que este tenha, a princípio, meios significantes para se defender, a saída encontrada por Hans é pela via do ato sobre o corpo, o onanismo. A gradual tentativa de incorporação do *Wiwimacher* por Hans, a sua economia pulsional, vem acompanhada de uma insistente curiosidade especular a respeito do *status* deste mesmo objeto para os outros, especialmente para sua mãe. Lacan, ao interpretar o caso do pequeno Hans no “Seminário 4”, nos conta “É à sua mãe, em primeiro lugar, que ele formula a pergunta: Você também tem um faz-pipi? [...] Uma noite, com efeito, pouco tempo depois dessa interrogação, ele vai vigiá-la enquanto se despe, observando lhe que, se ela tivesse um, deveria ser tão grande quanto o de um cavalo” (Lacan, 1957/1998, p. 210).

Nesta altura, Hans ainda não foi completamente introduzido ao significante fálico que inscreve a castração, permanecendo neste primeiro momento no plano imaginário das

comparações, pressupondo que todos o possuem, especialmente sua mãe enquanto representante do ideal de eu (Lacan, 1995/1957, p. 211). Podemos conceber o falo, neste momento, como o significante que: “no conjunto dos significantes, designa o lugar do significado” (Lacan, 1958, p. 697). Este lugar do significado, neste caso, está associado à passagem, para o Sujeito, do órgão para a metáfora do falo. Uma possibilidade de indexar algo da dimensão real do corpo à função simbólica do significante.

De outro modo, isso equivaleria a dizer que é neste nó em volta do Falo que o corpo passa a responder ao significante, que o pensamento produz excitação e a castração ganha sua consistência simbólica (Naparstek, 2005). Segundo Lacan, no *Seminário XIX*, “ainda pior” (1970)

Nessas condições, para aceder ao outro sexo, é preciso realmente pagar o preço, justamente aquele da pequena diferença que passa enganosamente pelo Real por intermédio do órgão, justamente, no que ele cessa de ser tomado como tal e, ao mesmo tempo, revela o que quer dizer órgão: Um órgão não é instrumento senão por meio deste, do qual todo instrumento se funda, é que é um significante.(p. 8)

No entanto, Hans tem dificuldade de fazer esta passagem; a insuficiência da lei paterna não introduz a significação da falta do Outro materno de modo estável, segundo Lacan (1958/1999, p. 199): “Existe um problema, na medida em que a posição do pai é posta em dúvida pelo fato de não ser sua palavra que serve de lei para a mãe”. Portanto, ao descobrir que sua mãe não tem um “faz-pipi”, a possibilidade de perda do seu próprio órgão se faz concreta. Endossado pelas ameaças de amputação do órgão por parte dos adultos, Hans precisa achar um modo de romper o casamento, a ligação com este órgão que o põe em risco. Mas como conter o gozo do real do corpo? Se a inscrição fálica, a princípio, é insuficiente para aparelhar este gozo a um sentido, Hans produz uma fobia de cavalos que, a meio caminho do sentido, permite ao menos uma falicização deste gozo, ou seja, um elemento simbólico é introduzido, sulcado, no real do corpo, “nessa relação com aquilo que é o real no simbólico” (Lacan, 1957/1995, p. 214).

Aqui se inventa uma defesa que permite a criação de uma hiância, um intervalo que separa o Sujeito do gozo do corpo, metaforizado e concebido como algo ameaçador que, no entanto, ameaça o menino Hans desde fora, não mais como um elemento do corpo próprio. Podemos considerar que este exemplo de Hans nos remete à acepção de “sintomas clássicos” ou sintoma freudiano: “Se a castração exerce esse papel essencial para toda a continuação do desenvolvimento, é porque ela é necessária à assunção do falo materno como um objeto

simbólico” (Lacan, 1957/1995, p. 213). Os sintomas clássicos são galgados na embaraçosa relação triangular entre Sujeito, o Outro e a Lei fálica, condição para a introdução do desejo.

Neste caso, ao se manter fiel ao casamento com o Falo, o Sujeito não pode mais do que inventar formas de lidar com a perda de gozo implicado em se manter no campo do Outro, campo que pressupõe castração. Sem a possibilidade de satisfazer a pulsão de forma direta, a falta do objeto será então bordeada por um sintoma. Por sua vez, esta formação substitutiva dá ao sujeito a possibilidade de ascender a uma satisfação fálica, sempre parcial, que é mediada pelo Outro como enigma do desejo. Para Miller, “O sujeito não pode responder ao real a não ser fazendo um sintoma. O sintoma é a resposta do sujeito ao traumático real” (Miller, 1997, p. 54). Em última instância, a formação sintomática é uma forma de proteger o Sujeito da invasão do real do gozo, buscando, por meio do enigma a ser decifrado, indexá-lo ao significante.

A partir desta digressão, aproximamo-nos um pouco mais de compreender por que este episódio, o caso do pequeno Hans (Freud, 1909/1996), é tomado como um dos paradigmas sobre os quais se assenta a tese lacaniana da toxicomania (Naparstek, 2005), onde a droga permite romper com o faz-pipi. A exemplo de Hans, o Sujeito toxicômano se encontra extremamente angustiado com o excesso de gozo do corpo, a despeito de qualquer tentativa de suturar essa invasão pela via significante/fálica. Hans nos indica que a inscrição do significante fálico é responsável por metaforizar o gozo do corpo, ciframento que lhe rende uma fobia transitória, como uma saída pela via do Outro sexual.

Porém, no caso do toxicômano, parece que o significante fálico perde o “prazo de validade” ou é insuficiente para conter o encontro traumático com o corpo sexuado. Neste sentido, J. A. Miller (2016, p. 28) nos dá uma indicação importante: “A toxicomania é menos uma solução para o problema sexual do que a fuga diante do fato de colocar esse problema”. O toxicômano precisa então lidar com um excedente de gozo por um caminho diferente de sua pulverização em zonas erógenas, já que isso o levaria ao problema da relação sexual. Essa ideia é interessante, porque nos indica que a interpretação de beber ou fumar como parte de uma fixação oral tem seu alcance limitado, já que este caminho nos levaria a uma regressão libidinal que tem o falo como referência. No fundo, se trata de um gozo deslocalizado, resistente à ação do significante.

O Sujeito, evitando se colocar o problema da satisfação “erógena”, precisa lidar com um enorme excesso pulsional que permanece no corpo de modo rebelde, causando uma pressão pulsional que só pode ser vivida pelo Sujeito como uma angústia inarticulável.

Neste caso, assistimos o fracasso de produções sintomáticas em dar conta de conter a angústia do sujeito. Esta angústia é, em última instância, de castração, que encontra no ato toxicômano sobre o real do corpo uma forma de tratar deste corpo que o invade por meio de um imperativo incessante de uma satisfação sem sentido. No campo das toxicomanias, portanto, romper o casamento com o faz-pipi equivale a dizer que a operação significativa que tenta barrar o gozo do corpo é abandonada de modo contingente, fazendo com que o Sujeito deixe de operar principalmente pela via da falicização e da parcialização em zonas erógenas. Em outra direção, é o efeito da droga, o que é posto como principal operador entre o Sujeito e o gozo excedente do corpo, formando uma espécie de contenção artificial deste corpo e introduzindo um destino ao gozo rebelde. O destino deste gozo rebelde passa a ser o próprio corpo, organizando uma cena, onde o Sujeito passa a ser objeto de gozo do Outro, se furtando deste modo ao enigma da sexualidade que é preciso enfrentar para se manter na posição de Sujeito do desejo.

4.4 A TOXICOMANIA NÃO É UM SINTOMA

A primeira consequência que podemos extrair desta operação artificial que age sobre o corpo gozante do Sujeito é que a toxicomania não se encaixa na concepção de sintoma clássico tal qual descrito por Freud, eminentemente uma satisfação substitutiva. Segundo Laurent (2014, p. 23), “seguramente a utilização de tóxicos leva a pensar que pode haver produção desta ruptura com o gozo fálico [...] Esta é a consequência da tese, sustentada até o extremo, que o tóxico não existe, ou que a toxicomania não é um sintoma”.

Certamente esta é uma questão com várias vias de abordagem possível. No entanto, parece-me que abordá-la pela via da formação de sentido e sua ordenação fálica pode nos levar por um caminho profícuo na breve distinção que faremos entre os sintomas clássicos e toxicomania. Segundo Jesus Santiago em *A Droga do Toxicômano* (2017, p. 175),

Não se deve conceber a repetição ritual desse ato em função do caráter clássico do sintoma freudiano, no sentido, pois, do retorno do recaiado. No fundo, esse artefato atua segundo o registro preciso de um símbolo em que se operou a completa expulsão de qualquer conteúdo representativo, de qualquer valor de sentido.

Com esta assertiva, Santiago (2017) nos alerta que o “ritual” envolvido no uso compulsivo de drogas não deve ser confundido com os sintomas neuróticos e sua resolução ritualística a questão do desejo. O esvaziamento significativo causado pelo discurso da ciência

no desenvolvimento da Droga, como uma categoria, é pivô do fenômeno das toxicomanias. Isso confere às drogas um caráter diferencial, não se enquadrando, no caso do toxicômano, nas relações objetais marcadas por um papel simbólico na trama sintomática do Sujeito. Este esvaziamento simbólico torna a droga um excelente meio para o Sujeito burlar os limites fálicos impostos pela lógica sintomática, já que, ao se manter fora do sentido, não precisa se defrontar com o problema da não relação sexual, ou seja, com a diferença radical entre Sujeito e Outro que os entrelaça.

O ritual, ou melhor, o *looping* toxicômano, traz a imagem do Sujeito que constantemente tenta passar por baixo da cerca pregada nos limites do simbólico pela castração, desesperado para fugir da angústia de se manter circunscrito a um modo de satisfação que não sobrepõem seu mal-estar. A repetição do ato de se drogar está associada à constante necessidade de empurrar a satisfação pulsional para além dos limites impostos pela linguagem, movimento cíclico mas de difícil retroação. Devido à propriedade de afetar diretamente o corpo, o uso contínuo de uma droga dá ao Sujeito a oportunidade de criar uma janela de tempo, onde é possível instituir um regime de continuidade entre Sujeito e Outro que não abre espaço para a diferença – momento quando o desejo sexuado é eclipsado pela homogeneidade monótona da pulsão de morte.

Trago como exemplo a modalidade de consumo de cigarros chamado de *chain smoking*, um modo de consumo onde o usuário fuma acendendo um cigarro no fim do outro de forma contínua, garantindo que sempre há um cigarro aceso, promovendo uma tentativa de criar uma continuidade artificial entre Sujeito e Outro que não abra espaço para a intervenção de um sentido que parcialize o gozo. Esta tentativa de desfazer a polaridade da pura diferença entre Sujeito e Outro, tamponando o intervalo onde o desejo surge, já nos dá algumas pistas que apontam diferenças importantes entre toxicomania e os sintomas.

Vamos nos aprofundar um pouco mais nas diferenças da relação estabelecida entre Sujeito e efeito da droga na toxicomania e nas relações sintomáticas estabelecidas entre o Sujeito e os significantes que habitam o campo do Outro. Primeiramente, vamos esboçar a dinâmica do sintoma.

Ao considerarmos o quadro dos sintomas freudianos clássicos, não é difícil notar que o que está em jogo é a reprodução de uma cena metaforizada, cuja repetição comporta um resto de pulsão que insiste em não se inscrever na cadeia significativa (Freud, 1917[1916-17]/1996). Esta disjunção entre pulsão e representação ocorre pois o significante-mestre, aquele que dá sentido à cadeia, é recalcado e se encontra em movimento de retorno metonímico (Lacan, 1970/1992). Ao repetir os mesmos gestos ao sair de casa, ou

vivenciar sempre o mesmo tipo de relação com objetos de amor, o Sujeito apela, a todo momento, a uma relação com o Outro que lhe forneça aquilo que procura, um termo que represente uma satisfação perdida.

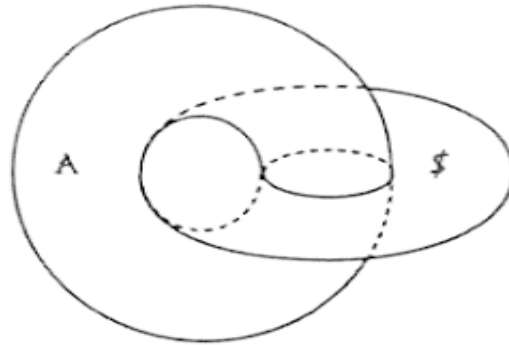


Figura 3 – Dois toros anelados

Fonte: LACAN, J. *O seminário*, livro 9: *A identificação*. (1961-1962, p.200)

Caso imaginemos a economia pulsional como um circuito circular planejado, ou o anelamento de dois Toros em um plano tridimensional, a produção do sintoma faz com que a cada volta a pulsão passe pelo Outro (A), esperando encontrar aquilo que a complete. Este enodamento é feito pela relação primordial entre *infans* e o Outro materno, momento quando o choro da criança urge por necessidades a serem satisfeitas. No entanto, ao serem significantizadas pelo Outro materno que anexa significantes as necessidades do *infans*, estas passam a representar demandas de amor e reconhecimento por parte do *infans* (Lacan, 1964). A passagem da necessidade à demanda cria a segunda volta do circuito que compõe o tóro do Sujeito (\$), estabelecendo a alienação do Sujeito ao campo do Outro pela dependência estabelecida com seus significantes.

Certamente, o caráter deste encontro tem como pano de fundo a expectativa, por parte do Sujeito, da consumação da relação sexual. Em outras palavras, expectativa da perfeita correspondência significativa entre Sujeito e Outro, e que deste encontro nada falte ou reste. Mas, para todos os efeitos, isso não se consuma, à medida que o Sujeito (\$), ao passar pelo Outro (A), encontra um furo, o Outro também deseja outra coisa e não é o Sujeito que irá satisfazer completamente seu desejo.

A não complementaridade entre Sujeito e Outro passa a ser então o motor do sintoma, guiado pelo significante da castração, o Falo – significante que passa a ditar os limites da relação com o Outro, já que é a este significante que o Outro se referirá, “uma vez que se trata de um significante, é no lugar do Outro que o sujeito tem acesso a ele” (Lacan, 1958/1998, p. 696). Ao constatar a castração, por meio da angústia e insatisfação que

aparecem como resíduos de cada volta pulsional pelo circuito mencionado, temos diante do Sujeito um impasse que pede uma solução de compromisso, visando a se defender dos efeitos traumáticos associados ao encontro com a falta.

Este compromisso tem, por um lado, a meta da pulsão (um imperativo que continua seu circuito em busca de satisfação), e por outro a necessidade do Sujeito de se manter fiel aos limites da lei fálica. O Falo aparece aqui como elemento que institui o significante como meio de satisfação parcial e substituta, dos quais o Sujeito precisará se servir por meio do laço social, a fim de bordejar este furo do Outro com representações que o permitam dizer algo sobre o desejo daquilo que falta (Lacan, 1958/1998). Apesar de o Falo defender o Sujeito da angústia de castração pela via da elaboração discursiva, em outras palavras, da falicização de sua satisfação, anexando o gozo ao discurso, o significante não comporta em si o acesso para que a pulsão encontre o que procura, a satisfação plena. A passagem da pulsão pelo Outro não pode ocorrer sem uma perda de gozo, indicativo mesmo da castração que advém da entrada do sujeito na linguagem. Isso ocorre porque o significante que representaria a falta estrutural do Sujeito falta também ao Outro e, em seu lugar, outro significante se instala, gerando um movimento metonímico que se prolonga infinitamente pela cadeia (Miller, 2012).

Este processo constante de deslize ocorre até que um ponto de basta, normalmente uma formação sintomática, favoreça a elaboração de sentido. Este sentido, que chega ao Sujeito como uma mensagem invertida, é capaz de ocupar o lugar onde antes havia o *non-sense* da falta, gerando um alívio à pressão imposta pela pulsão e alienando o Sujeito no discurso do Outro (Lacan, 1957/1998). A repetição sintomática pode ser tomada por seu caráter de insistência dos significantes, mantendo o Sujeito aderido à cadeia simbólica que o sustenta e faz borda ao Real. Com isso, a repetição ritualística, observada nos sintomas clássicos freudianos, é marcada pela insistência de um sentido cifrado que retorna ao Sujeito, como um modo de satisfação substituta para uma pulsão que não encontra seu destino último no Outro. Temos aqui que parte do papel do sintoma é manter o Sujeito alienado no Outro, já que, ao aceitar a castração como um falta-a-ser, o Sujeito crê que a partir de um significante substituto advindo deste campo simbólico que representa o Outro seja possível obter um saber capaz de fazer do seu desejo o desejo do Outro.

Esta tríade entre Castração, Outro e Sujeito que perfaz de modo resumido o sintoma freudiano clássico representa na montagem do toxicômano os elementos sobre os quais o tóxico opera. O valor fálico da satisfação gerado pelo desejo, que está a todo momento em jogo no sintoma, enguiça. Normalmente tido como um saldo positivo da subtração de gozo efetivada pela castração, o desejo passa a ser recusado pelo toxicômano, a fim de evitar a

perda de gozo associada a esta mesma operação. Neste caso, o ritual de uso do toxicômano não visa a repetir a passagem do circuito pulsional pelo Outro, mas sim a interromper. Lacan (1964, p. 56) em seu *Seminário XI*, indica: “O real está para além do autômaton, do retorno, da volta, da insistência dos signos aos quais nos vemos comandados pelo princípio do prazer”. Lacan recorre à outra face da repetição, que está para além do princípio do prazer, a *Tique*. Nesta forma de repetição, o que se repete é o encontro com aquilo que escapa à inscrição, restando em seu lugar uma falta vivida como parte de um real traumático.

Diferente dos sintomas, a articulação com a *Tique* realiza um circuito localizado para além do princípio do prazer. É o caso do tabagista que fuma sempre o mesmo cigarro ou o alcoolista que sempre bebe o mesmo copo. Segundo Miller (2015, p. 19), em *Ler um sintoma*, podemos observar que “Não teremos jamais o “bebi três copos, portanto, é suficiente”; bebe-se sempre “o mesmo copo uma vez mais”, e a repetição em sua face de *Tique* se apresenta no fenômeno das toxicomanias como reiteração compulsiva de um sozinho, resistente à adição 1+1, que marcaria uma diferença entre os termos, fratura sintomática de onde o Sujeito poderia advir como dividido.

No ato do consumo, o Sujeito busca subtrair-se da cadeia significante que representa este enodamento entre Sujeito e Outro. A relação com a substância entrará como uma operação de separação/corte neste circuito, atestando que o que a pulsão procura não está inserido no campo do Outro, como um significante, mas pode ser alcançado diretamente no corpo. Com isso, o uso toxicômano ganha um caráter de passagem ao ato, no sentido mesmo de se lançar no vazio em direção ao real, onde antes estaria a rede significante de proteção. Drogar-se de modo sistemático e reiteradamente passa a não representar mais uma metáfora que aponte para outro significante, mas indica a garantia mesma de afastar os limites fálicos que enclausuram o Sujeito na dialética do desejo, dialética que não dá conta de seu excesso de gozo (Bittencourt, 1994).

No sintoma, o que é evidenciado é a própria divisão do Sujeito a partir da hiância significante que aparece como um discurso cifrado. Porém, caminhando para fora do registro sintomático, o toxicômano busca, artificialmente, tamponar esta hiância que faz advir o Sujeito do desejo. Para isso, usa a droga como subterfúgio que sutura o intervalo entre Sujeito e Outro, a fim de não ter que lidar com o problema da diferença, no fundo, sexual. Ao introduzir a droga lá onde existia um furo, o Sujeito opera um desligamento, mesmo que parcial ou provisório, mas certamente artificial, do circuito que o fazia passar pela falta do Outro, gerando um curto-circuito.

Na montagem em curso na toxicomania, o gozo que até então era aparelhado ao significante como seu veículo é desmontado. Isso porque seu caráter simbólico é esvaziado pelo discurso técnico que cristalizou a droga como um signo de um efeito, o “efeito da droga”. Este signo na relação com o Sujeito abre espaço ao pragmatismo de um ato, um consumo por função. Por exemplo: para ficar acordado, anfetaminas; para dormir, sedativos. De outro modo, também pode ser observado na necessidade de comerciais de bebida serem acompanhados por um aviso aos usuários para que evitem dirigir alcoolizados. No caso de um uso abusivo de álcool, o ato do consumo visa a um único fim: ficar embriagado, efeito que não objetiva outra coisa senão o pragmatismo operacional do gozo do corpo, mesmo em detrimento da vida do sujeito. Foi preciso, nestes casos, que se tentasse acrescentar ao efeito do álcool uma contenção simbólica, uma tentativa de inscrever um sentido de lei que fizesse uma borda ao efeito da droga sobre o corpo.

Ao levarmos isso em conta, é compreensível que em termos de sintoma não seja possível interpretar o ato toxicômano da mesma forma como a repetição ritual de um sintoma obsessivo por exemplo, já que no caso da toxicomania não há referência a um significante, mas sim, ao autoerotismo. Se algo insiste em retornar e se repetir é a pura falta de sentido da pulsão desatrelada do Outro significante. Podemos concluir que, se a organização sintomática é significada pelo desejo em sua proporção invertida, fazendo o Sujeito aparecer como fruto de sua divisão entre um significante e outra, a montagem gerada pelo ato toxicômano tem outro efeito, operando como um sinal de recusa/desengajamento frente ao Outro que designa o campo simbólico do desejo.

4.6 A TÉCNICA CORPORAL

Pois bem, antes do divórcio com o Falo, sem dúvida algo já andava mal na vida do Sujeito. É possível conceber uma cena: um sujeito, organizado através dos seus sintomas, tenta sustentar algo de seu desejo no laço social com o Outro, esforçando-se para suplantar o mal-estar gerado pelos sucessivos sacrifícios pulsionais que o casamento com o Falo impõe. Isso dura, claudicante, por algum tempo. Além dos sintomas, potencializado pelo discurso que organiza o laço social capitalista, esporadicamente um certo empuxo à pulsão de morte opera sobre o Sujeito de modo mais intenso, abrindo espaço à outra forma de satisfação, um certo gozo fora do simbólico. Neste quadro, drogas aparecem como parte do universo de mercadorias, objetos que remetem a um gozo perdido a ser recuperado, sem a necessidade de

enfrentar a penosa tarefa de dar algum sentido aos seus anseios. Isso se mantém por um certo tempo.

Até que, de modo contingente, algo qualquer, mas que não é qualquer coisa, passa a acontecer. A malha significativa que organizava o Sujeito em volta de um significante mestre começa a se esburacar. Uma separação matrimonial, uma demissão de um cargo que identificava o Sujeito no laço social pela via do trabalho, a marginalização urbana, enfim, uma invasão do real vai se apresentando ao Sujeito e com o tempo suplanta, supera as defesas promovidas pela amarração simbólica organizada em torno do falo. As narrativas pessoais associadas à história do Sujeito, bem como as identificações que lhe atribuem valor imaginário, se mostram insuficientes para mitigar o efeito de sucessivos encontros traumáticos, e com isso assistimos o malogro dos sintomas, que não conseguem mais conter o gozo em uma amarração que o fracione. Neste momento, a falta do Outro se revela de modo avassalador, em forma de um desamparo simbólico. O sujeito, no laço social com a palavra, não encontra esperanças nem futuro.

É precisamente neste des-encontro, na repetição traumática do desamparo do Sujeito gerado pelo encontro com a falta do Outro, que a técnica científica de se drogar vem ocupar seu lugar de importância na atualidade. É a partir de onde ganha seu valor de operação e tem seu efeito alçando ao estatuto de função, “Qual a função da droga?”. Nesta montagem pulsional (Freud, 1915/2006), o efeito da droga vem obturar a angústia gerada pela impossibilidade do Outro de significar um mundo despedaçado, apontado por Lacan (1964) como a hiância que revela o inconsciente como efeito da castração, justamente o intervalo entre significantes. O sintoma, endereçado ao Outro, garantia uma forma de amarração que apaziguava o Sujeito pela via da satisfação substitutiva do desejo, vai sendo afrouxada, deixa de funcionar bem o suficiente para o Sujeito. E desta organização fálica resta apenas a interdição, cujo ônus, que seria fazer da falta meio para o laço com o outro, deixa de ser uma oferta/escolha convincente para o Sujeito, cada vez mais capturado pela possibilidade do gozo Outro oferecida pela Droga.

A droga, talvez um objeto que até então ocupava um lugar dentre outros objetos na economia pulsional do Sujeito (já que não basta usar drogas para ser toxicômano), passa a se apresentar como uma possibilidade de solução para este imbróglio. Suas características especiais permitem um adestramento do gozo, por outras vias que não a do recalque. Assim observamos a paulatina destituição da primazia do Falo como ordenador da economia pulsional do Sujeito. Tomando este caminho, é preciso interpretar a relação do Sujeito com a droga por seu efeito sobre o corpo e não pela vertente significativa, pois a droga, reduzida a

um signo de substância química, nada tem a dizer. Mas nem por isso deixa de fazer signo para o Sujeito, um ponto de condensação para um gozo perturbador que seguia deslocizado.

Indo nesta direção, Jesus Santiago (2017, p. 127), ao ponderar sobre a lógica do funcionamento das toxicomanias, apresenta-nos uma definição, justamente: “Uma técnica do corpo que intervém como resposta ao malogro do regime de satisfação substitutiva, própria a aceção clássica do sintoma freudiano. O recurso à droga faz-se, pois, como ação substitutiva, no momento em que o sintoma se mostra insuficiente como resposta para o sujeito”.

Ao nos depararmos com esta citação, logo em seu início, temos a indicação de que não se trata de metáfora e metonímia. Após diferenciarmos a toxicomania dos sintomas clássicos, podemos então delimitá-la como uma técnica corporal, uma entre muitas proporcionadas pelo Discurso da Ciência e instauradas pelo mercado.

Vamos supor que o toxicômano é aquele que tenta, de algum modo, contornar a castração, depois de a mesma ter sido inscrita estruturalmente. Isso implica buscar uma solução para a falta que não recorra ao Outro, cuja estrutura simbólica eminentemente aponta para uma falta-a-ser que lançaria o Sujeito na dialética do desejo, evidenciando sua divisão. O corpo, alvo da técnica em jogo na toxicomania, passa a conter um regime de excesso que não se liga às representações. É ao mesmo tempo alvo e ferramenta de uma operação que visa a domesticar o excesso de gozo no corpo do Sujeito, um tratamento do real pelo real. Um tratamento para a não relação sexual através da operação que sustente uma não relação com o Outro. Diferente de objetos parciais que são atrelados pelo Falo ao Outro, de modo a metaforizar parcialmente o gozo, o efeito da droga é encarnado pela via do real do gozo, localizando-o no espaço e no tempo do corpo do Sujeito, funções antes associadas ao Outro. Deste modo, este tratamento não visa a cura, mas um reposicionamento frente o Real.

Como já indicamos no capítulo anterior, a toxicomania surge eminentemente como efeito da tecnificação do corpo pelo discurso da ciência, em detrimento de sua significação. Isso porque o saber técnico foi o meio em que a ciência se apoiou para operar o esvaziamento simbólico em direção a uma práxis literal. A técnica da toxicomania é marcada pela possibilidade de produzir um saber sobre a dimensão corpórea do Sujeito, ali onde não havia nada além de pulsão. Parece-me que este movimento faz parte da construção imaginária, por parte do Sujeito, de que é possível saber como fazer o corpo gozar sem o Outro. De modo análogo à própria invenção das drogas, a toxicomania atua sobre a dimensão real, a própria carne. Nas palavras de Freud (1920, p. 9),

O mais grosseiro, embora também o mais eficaz, desses métodos de influência é o químico: a intoxicação [...] Não creio que alguém compreenda inteiramente o seu mecanismo; é fato, porém, que existem substâncias estranhas, as quais, quando presentes no sangue ou nos tecidos, provocam em nós, diretamente, sensações prazerosas.

Drogar-se é o uso, pelo Sujeito, de uma técnica, rápida e eficiente, para influenciar, até mesmo tentar resolver, o problema do qual estamos tratando aqui: a relação entre a toxicomania e o malogro do sintoma, que por outra via pode ser tomado como um embaraço da dimensão fálica presente nos valores que normatizam o gozo, parcializando-o por meio de estruturas simbólicas como família, trabalho, sexo, poder e a morte.

A droga, diferente de outros objetos, ganha sua relevância para o Sujeito e para o laço social por sua capacidade de afetar diretamente as operações pulsionais em andamento, sem a necessidade de ter que sustentar mediação simbólica – o que pode ser particularmente útil quando tais mediações se encontram esgarçadas. Segundo Santiago (2017, p. 74), “esse mais-de-gozar particular, que pressupõe a emergência de uma descontinuidade no real, operado pela ciência, repercute na própria configuração do Outro”. Esta configuração, ou melhor, reconfiguração da posição do Sujeito frente à palavra, causa ao Sujeito um afastamento da via do sentido.

Esta técnica tóxica, ao permitir uma certa rasura/inoperância da inscrição fálica, já que opera além do princípio do prazer, afeta uma importante função deste significante: a de localizar o gozo como estando fora do corpo (Lacan, 1998). Ao reorganizar a relação do Sujeito com o gozo pela tomada do corpo próprio imaginariamente no lugar do Outro, esta técnica engenhosamente contorna o problema da diferença sexual, já que passa a estabelecer, por meio de um regime autoerótico, uma continuidade entre Sujeito e Outro, fazendo um desvio para longe do enigma da diferença.

Levando isso em conta, é válido supor que ocorre um tropismo, uma “gozotropia” que atrai o Sujeito em direção a um outro centro, para que o Sujeito não caia no desamparo real ao se manter apartado do Outro; uma nova montagem pulsional é colocada de pé. Esta é propelida por um autoerotismo e experimentada como uma forma de localizar o gozo do corpo no efeito da droga, transformando artificialmente a angústia, própria ao gozo, em um caminho imaginário para o gozo do Outro, ponto onde o Sujeito poderia usufruir da Coisa freudiana, segundo Miller, “é quando a cadeia simbólica se rompe que, a partir do imaginário, os objetos, os produtos, os efeitos de gozo proliferam” (Miller, 2000, p. 89). Aponto este caminho como artificial, e imaginário pois corpóreo, já que este modo de gozo é chamado por Lacan de gozo impossível, e estaria localizado na trama dos nós borromeanos como

intersecção entre o Imaginário e o Real. Lacan se refere a este gozo como aquele que resiste ao simbólico, e pode ser representado pela unidade imaginária que num primeiro momento era o infans que gozava sem restrições do corpo da mãe como o seu próprio, estado que posteriormente será inscrito como horizonte impossível de ser alcançado, devido a castração simbólica (Lacan, 1974-1975).

Podemos reconhecer a inoperância fálica por suas consequências. Notamos, no caso da toxicomania, uma operação de rasura do Outro sexual, elemento que vai se tornando opaco ao Sujeito. Segundo Naparstek (2017, p. 3), “É interessante porque tem algo de ficar fora do Outro, de não aceitar as leis do Outro, de um rechaço ao Outro radical”. O silêncio do ato é acompanhado pela expectativa da sutura do espaço que há entre as representações: a oposição entre Sujeito e objeto, própria ao circuito sexual, é imaginariamente desfeita, não sendo a droga algo diferente do Sujeito, se não uma parte desgarrada dele mesmo. Sem a mediação do significante, a castração representada pela oposição sexual entre Sujeito e Outro, exemplificada pela descoberta, por parte de Hans (Freud, 1909/1996), de que nem todos possuíam um órgão análogo ao seu, aparece como uma das principais questões que a toxicomania busca remediar, os efeitos de uma castração que resiste à significação.

O rompimento com a satisfação parcial oferecida pelo gozo fálico lança o Sujeito na construção de uma economia de gozo que, ao prescindir do significante, precisará contar, para sua montagem, com os elementos sobressalentes disponíveis após a elisão fálica (Skaf, 2017), um cálculo de satisfação próprio à toxicomania. Segundo Conte (2001, p. 6), “Ocorre um impasse identificatório: o sujeito não pode referir-se a uma posição sexual e a um lugar na filiação”. A efetividade desta técnica corporal é justamente o fato de dar a chance para que o Sujeito prescindir de quase tudo, usando o que tem a mão, literalmente, para montar uma espécie de maloca pulsional, uma montagem pulsional precária que se sustenta sobre uma amarração, um emaranhado em curto-circuito, cujo alicerce sempre ameaça desabar.

Sua montagem é feita entre o imaginário e o real, entre o corpo do Sujeito e o efeito da droga, articulação que evidencia mais uma vez a toxicomania como um efeito de discurso, já que este fenômeno parece ter uma forma que nos lembra da partícula do Discurso Capitalista “ $S1 \rightarrow (a)$ ”. Segundo Carossi e Mourão (2015) apresentam no artigo publicado na revista *Pharmakon Digital*, este binômio, pode ser associado ao “Abuso de drogas, transtornos alimentares, passagens ao ato, errância, etc. Suas soluções estão na junção entre $S1-a$, chamada holófrase por Lacan, que não inclui o funcionamento do par ordenado $S1-S2$, a partir do qual o objeto a surgiria como um resíduo, sendo, assim, uma solução proeminentemente intoxicante” (p. 48). Esta notação aponta para um endereçamento direto, sem mediação do

Outro, com um objeto condensador de gozo, “na medida em que a drogadição se constitui exemplar de um gozo que, essencialmente, se produz no corpo do Um, sem que, com isso, o corpo do Outro esteja ausente” (Santiago, 2001, p. 14).

Para melhor compreendermos a tomada da toxicomania como uma técnica corporal, nos servimos aqui da noção de corpo como Outro, a fim de não perder de vista a atualidade do fenômeno das toxicomanias, inscrito por um tipo de laço social onde o corpo é desnudado até o pornográfico, marcado e modificado por todo tipo de prótese, chifres de silicone e línguas bifurcadas – e sobretudo receptivo ao uso de drogas que modificam o que o espelho reflete e atuam sobre aquilo que fica de fora do reflexo. A atual relação do Sujeito com seu corpo é marcada pelo imperativo de responder às demandas de mercado, esquadrinhando sua imagem em busca de pontos de entrada para extrair gozo. A toxicomania exemplifica muito bem esta dinâmica. Neste sentido, Lacan, no *Seminário 23* (1976, p. 150), nos indica algo sobre a relação do Sujeito e o corpo: “Dizer *seu* já é dizer que ele o possui, como se fosse, naturalmente, um móvel. Isso nada tem a ver com qualquer coisa que permita definir estritamente o sujeito”.

Mas, além disso, ao tomarmos o corpo como Outro, fica um pouco mais clara a função desta técnica. Podemos pensar que seu efeito arranja as coisas de uma certa forma onde gozar do corpo próprio se confunde imaginariamente com a possibilidade de gozar do corpo do Outro. Neste ponto, Miller (1992) vai nos apontar a ambiguidade da montagem toxicômana, pois, se de um lado o investimento autoerótico é sem o Outro, o corpo emerge como um Outro, uma alteridade radical que a todo momento se impõe ao Sujeito, uma relação dual que não admite a entrada de terceiros. Este apontamento é fundamental para podermos avançar na compreensão da dinâmica inconsciente que sustenta o curto-circuito entre sujeito e efeito da droga.

Segundo Santiago em seu artigo “O novo imaginário” (2022), este deslocamento do corpo na teoria lacaniana é de uma “importância decisiva para a atualidade da clínica psicanalítica, tendo em vista que inscreve uma chance para o manejo com a centralidade do autismo do gozo para o corpo falante” (Santiago, 2022, p. 3). Com uma nova estruturação do laço social, cada vez mais orientado para o consumo de objetos condensadores de gozo, o corpo pode ser tecnificado e dele cada um leva seu quinhão. A imagem especular do corpo, em tese uma unidade organizadora, agora perturba o Sujeito, pois não dá conta de dizer o que acontece com o gozo do corpo que fica sempre de fora da imagem, descompletando a fantasia unificadora que se reflete.

4.7 AUTOEROTISMO

A técnica corporal, ao permitir esta confusão entre gozar do corpo próprio e gozar do corpo do Outro, leva-nos à própria constituição primitiva indicada por Freud a respeito do autoerotismo. Tal constituição ganha seu traço primevo por estar localizado num momento anterior à própria masturbação. Apesar de o fenômeno masturbatório ser mais diretamente associado por Freud à questão do uso de substâncias quando é mencionado por ele na carta de 79 a Fliss, “Comecei a compreender que a masturbação é o grande hábito, o ‘vício primário’, e que é somente como sucedâneo e substituto dela que outros vícios — álcool, morfina, tabaco etc. — adquirem existência” (Freud, 1897/2006a, p. 323-324), neste momento já está em jogo uma soldagem entre Sujeito e Outro através das rudimentares fantasias edípicas da criança.

Através das primeiras fantasias sexuais é possível notar o prolongamento do circuito pulsional para o campo da fantasia que já neste início é investido pela pulsão. Neste quadro, o gozo do corpo que invade o Sujeito pode ser desviado pelas zonas erógenas a um estado parcial, além de fragmentos significantes e mnêmicos que operam desertificando uma parte deste gozo. Este circuito masturbatório não estaria em consonância com a tese do rompimento com o faz-pipi, apontando para um uso de substâncias mais próximo da lógica de satisfação substituta do sintoma. Ou, pelo menos, um uso que funciona como parte de um anteparo narcísico para a constituição e manutenção de uma fantasia. Exploraremos mais a fundo esta questão posteriormente.

Em outra direção, Freud nos indica em seu texto *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905/2016a), e em *Fantasias históricas e sua relação com a bissexualidade* (1908/2015c) um avanço na distinção entre a lógica autoerótica e a masturbatória. Com o amadurecimento da teoria das pulsões em curso, conceito que ainda era embrionário e não constituía propriamente uma ferramenta de análise em sua carta 79, o autor pôde constatar que na base do autoerotismo está a busca de satisfação das pulsões sem o investimento em representações ou objetos: “Portanto, a pulsão sexual [...] seria primeiramente sem objeto, autoerótico” (Freud, 1905/2016a, p. 157). Localiza, assim, a masturbação associada a fantasias edípicas em um momento posterior.

Em *Introdução ao narcisismo* (Freud, 1914/2010b, p. 20) complexifica a questão do autoerotismo: “[...] as pulsões autoeróticas existem desde a origem; [...] uma nova ação psíquica, deve então vir se juntar ao autoerotismo para dar forma ao narcisismo”. Notamos que a montagem pulsional autoerótica que incide sobre a experiência do toxicômano possui

um caráter estruturalmente arcaico, já que, seguindo os apontamentos Freudianos, ao longo da organização autoerótica se constata a falta de investimento no Outro social, por vezes implicando seu desconhecimento. Aqui, podemos evocar a imagem do estado fusional imaginário que o *infans* estabelece entre si e sua mãe, figura do Outro primordial. Este binômio imaginário onde a criança está submersa, é montado na experiência toxicômana como um horizonte de gozo a ser alcançado, pela produção artificial do que Lacan apontará como o gozo impossível ou gozo do Outro, J(A).

Não podemos deixar de fora a indicação de Freud a respeito da satisfação alucinatória produzida como consequência do autoerotismo no *infans*. Momento quando o seio materno é alucinado diretamente pelo sistema perceptivo – e, no caso da satisfação oral, equacionado como uma satisfação produzida pela própria boca –, “A boca que se beija a si mesma, expressão freudiana, não é a boca que fala e demanda, mas que tem uma espécie de objeto interno” (Alvarenga, 2021, p. 96). Esta indicação pode ser comparada a uma consequência também presente no regime autoerótico montado na toxicomania, onde, por meio do efeito da droga, um objeto interno parece ser recordado pelo Sujeito, momento quando uma satisfação alucinatória é responsável por borrar as barreiras entre o dentro e o fora, Sujeito e Outro, droga e corpo.

O tamponamento da falta estrutural do Sujeito, pelo efeito da droga, pode ocorrer de forma similar ao exemplo conjecturado por Freud em *Projeto para uma psicologia Científica* (Freud, 1950[1895]/1977) do seio alucinado pela criança, pela produção imaginária de uma presença real. Isso certamente nos leva por um caminho onde é preciso compreender as relações entre a toxicomania e o estado mítico conhecido como narcisismo primário. No entanto, não faremos este desvio e deixaremos esta temática para um estudo posterior. Ao deixarmos de lado a temática do narcisismo primário, sustentamos uma posição teórica que declina a especularidade própria ao narcisismo como principal meio de interpretação para a cola entre o toxicômano e seu corpo. O estado fusional supostamente vivido pelo *infans* ganha outros contornos através da proposição do autoerotismo, pois revela a importância do corpo como depositário, como suporte à sedimentação do que é impossível de ser significantizável. Com isso, de estado mítico, vamos para um estado corporificado como causa do Sujeito, sendo no corpo onde ficam as marcas, dá pulsão a inscrição significante.

A associação entre o autoerotismo e toxicomania demanda de nós uma certa precisão teórica, já que o corpo, enquanto conceito psicanalítico, passa por transformações ao longo da obra de Lacan, bem como suas variadas acepções na pena freudiana. Ao dirigirmos nossa atenção aos últimos ensinamentos de Lacan, já no *Seminário 19* temos uma indicação: “O

ponto essencial, o ponto de emergência de algo de que todos nós aqui acreditamos mais ou menos fazer parte – o ser falante, por assim dizer –, é essa relação perturbada com o próprio corpo que se chama gozo” (Lacan, 1971-1972, p. 41). Por este caminho, Lacan demonstra a possibilidade de pensar o gozo do corpo por outra vertente que não a dá negatividade ligada à interdição fálica, mas positivada como um acontecimento no corpo, matéria sobre a qual o inconsciente trabalha (Miller, 2016). Neste caso, que pode ser representado pelo fenômeno das toxicomanias, o gozo se desprende da dialética do desejo, consequência da lógica fálica, e vem se impor por sua natureza contingente de traumatismo, natureza que resiste à completa veiculação pela palavra, permanecendo sempre como precipitado que se deposita no corpo (Miller, 2011). Aqui nos atemos à concepção de corpo não tanto como representação, unidade imaginária fundamental, mas como Outro, alteridade constituída de substância gozante. Segundo Lacan, “[...] aquela em que esse ser investe na posição de significante não somente o que se presta a isso em seu corpo, mas esse próprio corpo” (Lacan, 1998a, p. 817). O corpo próprio ganha consistência à medida que goza. A metáfora freudiana (1920) da volta ao inanimado indica justamente a tendência do corpo a gozar para além do princípio do prazer, mais além ainda daquele gozo fálico, vivido como vindo de fora – montagem que traz o corpo como representação. Em outra direção, na posição de significante sem par, sozinho, o gozo “do” corpo próprio, no caso da toxicomania, toma a forma do gozo Uno, sem Outro que não ele mesmo (Miller, 2003, p. 272).

4.8 O CONTROLE SOBRE O CORPO QUE GOZA E SUAS CONSEQUÊNCIAS

Certamente as técnicas que o toxicômano usa para obter o efeito da droga são múltiplas, não cabendo neste momento explorar cada uma delas em suas particularidades. No entanto, é notável que exista um ponto de unidade entre todas as técnicas de uso: a possibilidade de, por meio de seu efeito sobre o corpo, permitir ao sujeito operar uma separação, um distanciamento, da relação com o Outro e seu modo de gozo parcializado pela linguagem, operando uma defesa contra os efeitos traumáticos da castração que não encontram suporte no sintoma. Esta separação é evidenciada em diversos momentos da vivência de um Sujeito que opera sobre uma montagem toxicômana. No entanto, ao lado do próprio momento do consumo, temos como um dos exemplos mais evidentes o fenômeno da abstinência, como é chamado pelo discurso biomédico. É no intervalo entre os períodos de uso que ficam evidentes as consequências de uma montagem que tenta tecnificar as dinâmicas pulsionais em jogo no corpo. Tal interferência paulatinamente mina um certo automatismo

pulsional que mantém o Sujeito organizado. Na toxicomania, portanto, a montagem pulsional, que agora organiza o Sujeito, funciona ou enguiça de acordo com a possibilidade e o controle que o Sujeito tem sobre a administração do efeito da droga.

Nestas condições, privado do efeito da droga, o Sujeito desespera-se frente a seu corpo que, impedido de manter uma organização autoerótica, não consegue articular com facilidade uma outra operação para dar destino ao gozo que aparece excessivo. Estamos falando aqui de operações que trabalham em prol de manter uma consistência imaginária que dá ao Sujeito um sentido de unidade para si e para o mundo. De fato, sem a droga para domesticar o gozo do corpo, o toxicômano não pode contar com a borda dos limites impostos pela lei fálica, que serviria para pulverizar o gozo em significantes presentes na relação com o Outro. Neste cenário, este excesso corporal de grandes proporções se volta contra o Sujeito, invadindo seu corpo de forma avassaladora. Sem o efeito da droga, o toxicômano está exposto, sem anteparos; vivencia a pulsão de morte não tratada pela substância, que aparece aqui desorganizando a precária amarração feita entre os registros do Real, Simbólico e Imaginário e que conformam a montagem pulsional toxicômana.

Tal qual o *infans* que possui um corpo desconjuntado e cujo funcionamento é misteriosamente caótico, a ausência da droga desregula a fome, o sono, o tesão, a vigília, o pensamento e as representações semânticas, todos fenômenos que apontam para um automatismo da pulsão em seu investimento representacional e somático. Isso que até então funcionava “sozinho”, agora está dependente, ao menos em parte, da técnica corporal de administração da droga, de modo que, sem a aplicação desta técnica, estas funções representantes do próprio circuito pulsional deixam de funcionar de modo contínuo. Em alguns casos mais extremos, o resultado desta falta de autonomia é a própria morte do Sujeito. William Burroughs, em seu livro *Junky*, narra a morte de um usuário de heroína que sofre de efeitos de abstinência gerados por uma parada súbita do consumo, interrupção apelidada por alguns usuários de heroína de Cold Turkey (1954, p. 46): “A dor é tão intensa que você não consegue pensar mais em nada. Seu corpo parece estar sendo esmagado por um peso enorme, e cada musculo doi como se estivesse sendo arrancado”, situação que novamente escancara a ferocidade do gozo fora da linguagem cuja apresentação pela via do corpo, sem o amortecimento do recurso à droga, é devastador.

Caso esta técnica corporal não seja administrada de forma sistemática e repetida, um intervalo entre Sujeito e Outro começa a surgir, uma dissonância que perturba a estabilidade da montagem que dá ao Sujeito a chance de operar com o gozo. Com a inoperância da lei fálica para mitigar os efeitos da falta estrutural do Sujeito, por meio de um bordejamento

metafórico/metonímico do significante, esta se impõe imaginariamente como falta real do objeto, tal qual a ausência materna para o *infans* que se encontra organizado pelo autoerotismo. O uso repetitivo que marca a relação toxicômana com o objeto “droga” parece ensaiar um estado homeostático impossível de ser alcançado, fazendo desta repetição a busca por um gozo que somente interage com o devir do Sujeito como seu horizonte, assim como duas retas que perpendiculares que tangenciam a um mesmo ponto sem nunca se cruzarem. Seria para este ponto impossível representado pelo gozo Outro que o toxicômano é atraído a cada repetição, ponto que pode ser equiparado ao “lugar idêntico atribuído a das Ding e ao corpo da mãe”, segundo Santiago (2017, p. 128). De fato, esta falta que o Sujeito encontra como advinda do Real pode nos colocar em uma trilha que leva ao seu paralelismo com o objeto “a”, porém não é o desejo que movimentava esta nova montagem pulsional com a qual o toxicômano tenta se manter: Miller nos aponta que “No máximo, podemos fazer dela uma causa de gozo” (2016, p. 27), pois, caso o desejo seja posto em jogo, toda esta tentativa de driblar a castração seria em vão, já que o desejo do Sujeito é o desejo do Outro (Lacan, 1993).

Em outra direção, podemos supor que algo da falta que irrompe frente à impossibilidade de se manter sobre o efeito da droga a todo momento, pode estar ligado à vacilação desta completude imaginária que se forma entre o Sujeito e seu corpo. À medida que o montagem toxicômana passa a exercer pela via imaginária o controle sobre o gozo do corpo, contabilizado pela quantidade e pelos intervalos, bem como pela qualidade e as circunstâncias envolvidas na administração da droga, criasse a miragem de que a falta estrutural é na verdade contingente e não necessária, pois, enquanto a montagem toxicômana funcionar, propelida pela repetição, o sujeito precisa de apenas uma coisa, o que neste cálculo inclui o efeito da droga, justamente aquilo que ele acredita agora ter totalmente em sua posse e domínio, seu corpo. Isso revela outra importante característica que associa o uso de substâncias a uma técnica corporal, já que este controle sobre a falta se exerce por meio de um saber sobre o que faz gozar (Santiago, 2017). Sem ela para manter a homogeneidade monótona da repetição, a continuidade imaginária que amarra esta montagem pulsional se abre para uma diferença assombrosa, Sujeito e o Outro não se complementam mais, resultando numa situação de desamparo.

4.9 O DESAMPARO

É lícito dizer que o efeito da droga se torna atrativo no momento que o simbólico não consegue frear o avanço do trauma sobre o Sujeito, que se sente mergulhado no

desamparo (*Hilflosigkeit*). A falta da droga, seja pela via da interrupção forçada do consumo, seja nos intervalos entre consumo, revela a pressão exercida pelo retorno de um estado de desamparo que em algum momento anterior pode ter sido o que levou o Sujeito a ser capturado na montagem de uma toxicomania, como apontamos na seção anterior ao indicarmos a possibilidade deste fenômeno vir responder a falha do sintoma (Santiago, 2017).

A necessidade da manutenção constante da relação entre sujeito e efeito da droga está, em parte, galgada na necessidade constante de evitar que um espaço se instale. E não qualquer espaço, mas a instalação do espaço da diferença, causado pelo primeiro binômio significativo presença-ausência (Laurent, 1997). Ao sinalizarmos que a toxicomania advém quando o sintoma falha, estamos de algum modo indicando que o desamparo é um fator de grande importância para o desencadeamento da toxicomania, pois é este o grande mar aberto onde a separação do Outro ocorre, e onde o Sujeito permanece à deriva navegando seu corpo, enquanto tapa com o efeito da droga os buracos por onde a palavra entra.

O estado de desamparo, apesar de não ter ganhado exatamente um estatuto de conceito, aparece ao longo da obra freudiana, ganhando grande relevância em seu texto *Inibições, sintomas e angústia* (Freud, 1926[1925]/2006). Ao longo de sua construção, o autor indicará o desamparo fundamental, aquele contíguo mesmo à existência do *infans*, como um fenômeno que está para além das necessidades biológicas. Segundo Freud (1926/2006, p. 59), “Nos dois aspectos, como fenômeno automático e como sinal salvador, a angústia revela-se produto do desamparo psíquico do bebê, que é a contrapartida evidente de seu desamparo biológico”.

Pois, para o autor, este desamparo está galgado na necessidade de relação com um Outro para se proteger contra a pressão interna da pulsão. Pela figura materna, tomada no lugar de Outro fundamental, esta instância é responsável não somente pela integridade orgânica do bebê, mas permite que o Sujeito advenha por meio de sua introdução no campo da linguagem. É a partir de uma alienação ao campo simbólico que o Sujeito encontrará os significantes necessários à construção de um discurso que o subjetive, estruturando inclusive sua condição como Sujeito do inconsciente. No caso da toxicomania, quando algo deste simbólico advém, é pelo discurso da droga que o Sujeito responde, dos signos veiculados ao seu objeto – o que gera uma identificação monolítica sobre seu modo de gozo, encarnando para si a figura do usuário em sua radicalidade e subjetivando-se como “aquele que usa” – não abrindo mão, mesmo na linguagem, de tentar preencher a descontinuidade significativa entre um e outro (Lacan, 1964/2008).

Dito isso, Freud indica que o desamparo, “o ficar privado disto [perda do objeto] equivale a uma renovada separação dela [mãe], e isto, por sua vez significa ficar desamparadamente exposto a uma tensão desagradável, devido à necessidade pulsional, como foi o caso do nascimento” (Freud, 1926[1925]/2006, p. 137). O desamparo é então a repetição de um estado anterior, caracterizado pela falta do Outro, que neste trecho é metaforizado pela separação dos *infans* e sua mãe. A falta deste Outro submete o Sujeito a uma situação de angústia, gerada pela ausência de um destino pulsional possível para uma pressão que, em seu corpo, permanece sem sentido.

O autor continua: “Mas a perda do objeto como condição da angústia tem alcance maior. Também a forma seguinte da angústia, o medo da castração que aparece na fase fálica, é uma angústia de separação, ligada à mesma condição” (Freud, 1926, p. 48). A respeito da associação entre desamparo, falta e angústia, Lacan, no *Seminário 10, A angústia* (1963/2005, p. 340), nos aponta que o desamparo freudiano, erigido em volta da angústia da perda do objeto, pode ser interpretado como pertencente à dos registros que amarram o inconsciente:

É na possibilidade de agarrar ou soltar esse seio que se produz o momento de surpresa mais primitivo, às vezes apreensível na expressão do recém-nascido, na qual passa pela primeira vez o reflexo — relacionado com esse órgão que é muito mais que um objeto, que é o próprio sujeito — de algo que serve de suporte, de raiz para o que, num outro registro, foi chamado de desamparo.

Certamente, o que foi nomeado até aqui de desamparo, no regime dos registros propostos por Lacan (1992/2012), está intimamente relacionado com o campo do Real da falta. Assim, podemos comparar este seio materno que vem completar e descompletar o Sujeito, garantindo a satisfação de suas necessidades e até mesmo sua integridade enquanto sujeito, à relação estabelecida entre o toxicômano e o efeito da droga. A todo momento, a montagem toxicômana está tensionada com um regime de excesso, por um lado, e de desamparo, por outro. O decaimento simbólico associado à elisão do Falo pelo toxicômano (Skaf, 2017) é somente agravado pela manutenção contínua desta técnica corporal.

Um efeito paradoxal se articula, pois o efeito da droga vem intervir para que o Sujeito encontre um destino para seu excesso pulsional que o desloque da posição de órfão do Outro. Porém, isso funciona apenas enquanto o efeito da droga puder se manter ativo, o que certamente tem um limite. Nos intervalos de consumo, a sutura operada na fenda do inconsciente começa a se abrir novamente. Repetidamente ocorre a traumática (re)descoberta de que tudo permanece igual ou pior, os buracos causados pela perda do objeto continuam

abertos, os significantes faltando e o laço social, por vezes, é ainda mais estrangeiro ao sujeito. Segundo Lacan, “isso não equivale a dizer que esse objeto seja apenas o avesso da angústia, mas que ele só intervém, só funciona em correlação com a angústia” (Lacan, 1962/2004, p. 98). Assim, o sinal da angústia, normalmente tido como disparador do processo de recalçamento (Freud, 1926/2014), agora é incorporado ao efeito da droga em seu avesso, sendo a medida inversa do potencial de satisfação extraído de seu efeito. Quanto mais desamparo, maior o empuxo ao uso, que por sua vez cava mais fundo a angústia do desamparo, em uma espiral descendente até os limites do que pode um corpo aguentar.

No caso do pequeno Hans, pela via do sintoma, ele se lança ao mundo das satisfações parciais como cavalos ou a empregada da família, buscando associar-se aos índices sexuados do laço social. Já nesta montagem toxicômana, o encontro com o desamparo não propõe a montagem de uma reposta pelo sintoma, propiciando laço com os outros objetos, e sim, exorta um movimento de retração da pulsão. Aqui se opera uma lógica de substituição: a falta simbólica deixa de ser percebida à medida que passa a se impor na economia do Sujeito a inclusão de uma falta real, a falta da droga, que, no entanto, pode ser facilmente contornada por meio da reiteração de seu consumo.

5 A OUTRA FACE DO *PHÁRMAKON*

Apesar de, segundo Lacan, não haver outra definição de droga, é preciso reconhecer nela um operador de natureza ambígua, tomando este apontamento de Lacan com a merecida cautela interpretativa. Com isso, a possibilidade de a droga operar um rompimento seria apenas uma de suas facetas, de modo que este rompimento não configura uma essência de seu funcionamento. Além disso, é importante enxergar tal rompimento como algo contingente, pois “permitir” é diferente de realizar, apontando sobretudo para uma operação em potencial.

Apesar do que foi exposto deixar claro de que modo a droga pode operar o rompimento com o gozo-fálico, faz-se necessário apontar que esta montagem pulsional não é a essência do funcionamento da toxicomania, mas um de seus múltiplos modos de gozo. É pontual ressaltarmos que esta operação foi indicada por Lacan a título de definição do que é a droga, não se prestando, segundo Miller (1992, p. 15), em seu escrito *Para investigação de um gozo autoerótico*, a definir propriamente a toxicomania. Nas palavras do autor:

A droga é o que permite ao sujeito escapar ou romper seu casamento com o pequeno pipi. Não é uma definição da toxicomania, mas uma tentativa de definição da droga enquanto tal. Talvez se deva dar todo o seu valor a essa distinção – talvez – na experiência analítica, coloquemos menos a questão da toxicomania que aquela da droga em sua relação ao sujeito.

É preciso reconhecer este apontamento de Lacan com a merecida cautela interpretativa. Esta conclusão de Miller (1992) nos chama a atenção para a importância de compreendermos os modos de relação que o Sujeito estabelece com a droga, ou melhor, com seu efeito, como múltiplos. Neste sentido, teorias que tomam o fenômeno das toxicomanias por sua vertente de formação de ruptura nos exortam a conjecturar outras modalidades de gozo que surgem da relação entre Sujeito e droga. Partindo da concepção que o efeito da droga, tal qual um *Phármakon*, é ambíguo, é possível observar que a tese lacaniana das toxicomanias toma para si a tarefa de descrever o *Phármakon* por sua faceta como “veneno”, traduzido pela imagem do toxicômano falido, dessexualizado, cuja familiaridade com a droga ultrapassa em muito a proximidade do Sujeito com o campo da palavra em circulação no laço social.

Seguir a natureza ambivalente do efeito da droga implica perceber que, se para alguns seu efeito incide sobre o falo como uma tentativa de romper um casamento, matrimônio que organiza o Sujeito dentro de uma lógica significante, e, para outros, como “remédio”, este efeito pode operar sustentando a ligação com o mal-estar do casamento com o

falo (Guedes, 2013). Uma tentativa de se manter ligado a uma economia pulsional que parcializa o gozo através do significante, usando o efeito da droga como uma técnica corporal que torna possível uma satisfação que passe pelo Outro e inclua o Sujeito no laço social, ao apaziguar a angústia da castração.

Miller, em um diálogo com Laurent, no livro *O Outro que não existe e seus comitês de Ética* (Miller, 2005), indica: “Exatamente. Eu queria opor a heroína ao lado da separação e a cocaína ao lado da alienação. Ou seja, enquanto a heroína tem um efeito separador em relação ao significante do Outro, a cocaína é usada como facilitadora da inscrição na máquina giratória do Outro contemporâneo”. Ao sustentar a possibilidade de compreender a toxicomania como uma operação de Separação e Alienação ao campo do Outro, Miller acena na mesma direção que nós. Em detrimento de uma concepção unívoca que considera o rompimento fálico como principal índice de caracterização deste fenômeno, o autor acena para a ambivalência do efeito da droga como modelo mais atual de compreensão das toxicomanias. Levar esta ambivalência em conta permite que nos aproximemos de uma miríade de modos de consumo de drogas na atualidade.

Até então, o Outro tinha prevalência na operação que permitia parcializar o gozo que subsiste ao laço social e ao Sujeito. O discurso do Mestre (Lacan, 1973) era responsável por expoliar uma parte da satisfação do Sujeito, forçado a ir de encontro ao laço social em sua empreitada por recuperar esta satisfação. Nesta configuração, a toxicomania poderia se apresentar como uma resposta de inadequação ao campo do sentido, dimensão que localiza o Sujeito na amarração entre imaginário e Simbólico. Esta amarração certamente tem por instância reguladora os ideais fálicos a serem perseguidos em prol de mitigar os efeitos da castração, vivido como um *non-sense*. Neste ponto, a operação de ruptura fálica serviria ao Sujeito como uma tentativa de Separação (Lacan, 2008/1964) do Outro que dá consistência a estes ideais, normatizando os modos de gozo por meio do programa civilizatório. Quando este Outro “garantidor” falha em zelar pela integridade do Sujeito, este processo pode ser vivido como uma renúncia insuportável de sua satisfação pulsional, que fica sem apoio da palavra para circular entre as relações. É possível notar como discursos totalizantes, representados por um Outro massivo, como os Estados *Unidos*, a *União* europeia, ou *A pátria amada* Brasil, deflagram em seu território um grande número de toxicômanos que operam modos radicais de rompimento com tal ideário de satisfação imposto pelo laço social, mas que em algum momento é incapaz de dar o suporte necessário para que estes Sujeitos sustentem seu modo singular de estar no mundo.

Atualmente, no entanto, com a consolidação do discurso Capitalista em sua fase tardia, os termos se invertem e os objetos mais-de-gozar passam a orientar o Sujeito na sociedade, que, paradoxalmente, é dirigido ao consumo como resposta a angústia, em detrimento do laço social. Birman, em *O mal-estar na atualidade* (2000,p. 69), indica:

Estamos rapidamente perdendo o sentido de continuidade histórica, o senso de pertencermos a uma sucessão de gerações que se originam no passado e que se prolongarão no futuro [...] Uma vez que “a sociedade” não tem futuro, faz sentido vivermos somente para o momento, fixarmos nossos olhos em nossos próprios “desempenhos particulares”.

Como nos aponta Antonio Beneti (2014), em seu texto *A toxicomania não é mais o que era*, em consonância com Quaglia (2015, p. 35), a intensificação do Discurso Capitalista nos últimos 30 anos causou mutações na forma de apresentação das toxicomanias: “O que ocorre hoje? Hoje, há uma mudança radical: os objetos mais-de-gozar maiores do que os ideais ($I < a$)”. Com isso, podemos compreender que anteriormente o discurso era baseado na lógica onde “($I > a$)”, ou seja, havia um laço social sustentado pela fantasia da crença na consistência do Outro (Miller, 2005), onde as narrativas históricas eram fiadoras da humanidade, de suas guerras e dos ideais civilizatórios.

Como consequência, hoje o Outro, de antemão, já se apresenta ao sujeito de modo inconsistente, demandando novas formações inconscientes que deem conta da fragilidade do sentido do mundo. Quaglia (2015, p. 4) resume: “O toxicômano hipermoderno, ao contrário, revela que sua solução de *Phármakon* está em ser produtivo, ter uma vida saudável, não manifestar oscilações de humor, não comer muito, não dormir muito”. Podemos dizer que, através desta qualificação, Quaglia (2015) nos indica que a toxicomania atualmente não está mais restrita à sua posição de gozo marginalizado, vivido de forma contrabandeada e apartada do laço social. Não se trata de uma categorização da toxicomania, onde então teríamos duas categorias distintas de toxicomania. Buscamos delinear aqui algo mais próximo de uma sobreposição de discursos, cujo efeito sobre o fenômeno das toxicomanias é percebido pela diversificação de seu modo de gozo e posição do Sujeito frente o Outro. Incorrer por este caminho é abrir espaço para uma interpretação deste fenômeno que comporte diversas formas do Sujeito gozar dos efeitos da droga, outros tratamentos com outros efeitos colaterais.

Agora, o consumo constante e repetitivo de substâncias está presente como uma das práticas mais comuns para sustentar a vida cotidiana dos Sujeitos. Múltiplo em suas formas, as drogas operam sobre um laço social fragilizado pelo discurso capitalista, onde o Falo precisa de um apoio para se manter no lugar de ordenador dos significantes que circulam entre

Sujeito e Outro (Lacan, 1973). Sobreposto ao uso de drogas que corresponde ao modelo proposto pela ruptura com o falo, hoje é possível observar o uso deste mais-de-gozar especial, a Droga, de outro modo: em forma de um precário “remédio” narcísico, cujo efeito vem tratar a frustração da falta de reconhecimento do Sujeito em sua relação com o Outro, pois este se vê destituído de insígnias fálicas que lhe confirmam um valor positivado. Aqui a droga não aparece como uma completa transgressão dos limites fálicos. Lacan aponta que esta relação com o mais-de-gozar, “não se trata aqui de uma transgressão, mas antes de uma irrupção, queda no campo de algo que é da ordem do gozo – um bônus” (1973, p. 17).

O imperativo do consumo, algo também presente quando a toxicomania opera um rompimento, pode adquirir outros contornos quando levamos em conta seu emparelhamento ao imperativo da produção. Isso significa que, sobrepostos à toxicomania que opera de modo a manter o Sujeito descolado do regime de satisfações substitutas, que não dão conta de conter o encontro com o traumático da falta do Outro, temos outros modos de gozo. Estes, na ânsia de achar fissuras no laço social que permitam alguma satisfação, apesar da insuficiência dos significantes disponíveis para elaborar um discurso com algo de próprio, usam o efeito da droga como um suplemento pulsional, necessário para realizar a manutenção de um discurso, mesmo que bambo, na relação com o Outro social. Temos como exemplo a imagem hipotética de um sujeito que cheira cocaína para levar pesadas cargas de material para reciclagem.

Qual é a consequência de tomarmos este exemplo fora dos moldes da toxicomania clássica, do toxicômano falido e marginalizado? Significa poder enxergar uma linha de continuidade, onde a cena citada, propositalmente estereotipada, é a exacerbação social em sua radicalidade de um modo de gozo suplementar que está igualmente presente entre estudantes e profissionais. Ao suprimirem o sono e a fome, aumentam seu “desempenho profissional”, fazendo das metanfetaminas como “venvanses” e “ritalinas” sua toxicomania. Ambos os exemplos operam com o gozo da droga pelo mesmo registro no discurso do Capital. Bem como o consumo diário e contínuo de café, álcool e outros remédios psiquiátricos que acompanha as múltiplas atividades que se desdobram num laço social cada vez mais esgarçado. Nesta configuração, o sujeito está sempre aquém, nunca à altura do que o Outro do discurso demanda dele. O imperativo categórico da produção desenfreada marca as relações de satisfação do Sujeito com a insígnia do gozo, “basta possuir e consumir continuamente”, escamoteando a possibilidade de que o Sujeito apreenda o que disso tudo tem a ver com seu desejo singular, fazendo da falta apenas um vazio.

Na toxicomania, de modo geral, o que está em jogo é a necessidade que o Sujeito sente de recuperar um gozo negativado pela lei do Falo. Diferente de uma operação pela via

da ruptura, que tende à elisão do falo, nesta associação suplementar da toxicomania com o falo o efeito da droga pode servir como um suplemento fálico (Le Poulichet, 1990). Este acréscimo vem sustentar a crença do Sujeito no significante e na possibilidade de falicização do Eu, o que se traduz na manutenção de seu narcisismo, a fim de mitigar os efeitos da castração. Esta remediação se mostra de grande valia, à medida que a insuficiência fálica tem como consequência a eficácia reduzida ou a nulidade do sintoma, em sua acepção freudiana.

O suplemento fálico incrementado pelo efeito da droga vem defender o Sujeito das moções pulsionais que o invadem, através do amortecimento de uma angústia que poderia incapacitá-lo. Isso pode, inclusive, dar uma sobrevida ao sintoma, pois parece ser um tratamento a própria entropia do sintoma que traz perda de gozo, um desperdício que está associado ao significante. Segundo Lacan (1970/1992), “A entropia obriga o mais-de-gozar a ser recuperado, a tomar corpo... O mais-de-gozar toma corpo a partir de uma perda (p. 52)”. O suplemento a ser recuperado aqui ganha a função de um mais-de-gozar fálico, retornando pela via do corpo, tornando menos angustiante a extração de gozo que o sintoma causa ao passar metonimicamente pelo campo do Simbólico. O Sujeito toma precauções para que, ao se relacionar com o Outro, tenha certeza de que algo restará. Tal impasse entre a recuperação e a perda de gozo, é apontada por Le Poulichet(1990), “*La operacion del farmakon sostiene entonces, en esta dimensión del suplemento, una forma de indecibilidad y um verdadeiro “suspenso” de los conflicto psíquicos*” (p. 135).

No livro *Crack e a exclusão social*, organizado pelo sociólogo Jessé Souza (2016), deparamo-nos com um relato que exemplifica o efeito da droga como operação de sustentáculo de um endereçamento, ao menos parcial, a insígnias fálicas que constituem o laço social, como os significantes edipianos. Observamos uma tentativa de reconciliação mínima da unidade narcísica do Sujeito, a fim de devolver algo do sentido a sua realidade psíquica:

Faz sete anos que eu estou longe da minha mãe, e às vezes eu fumo por causa disso, sabe, bate um remorso. A minha família, os meus irmão, se separamo tudo, entendeu? Não ajuda, mas dá uma amenizada daí, entendeu? Na real, eu uso porque dá uma amenizada. Daí eu me deito nos braço da nega e começo a chorar, e já começo a chamar a minha mãe, aquela coisa toda, sabe?”, contou Raul (Souza, 2016, p. 150).

Em última instância, o efeito da droga pode auxiliar na, por vezes, angustiante tarefa de sustentar a crença nos sentidos do Outro – plasmado no laço social – cada vez mais elusivo. Santiago (2017, p. 127) nos acompanha, indicando que, “Se se preserva, portanto, a

incidência dessa tentativa terapêutica no ato toxicômano, deve-se manter, também, uma certa continuidade entre a droga e o medicamento”. A partir desta operação, é possível suportar os efeitos da castração que a todo momento ocorrem na vida com os outros, como separações, demandas de amor e vontade de poder. Tal qual Hans, o toxicômano também pode tentar sustentar uma relação com o Outro que, caso não passe pelo campo do sentido, se mantém ao menos como parte de um enodamento entre o simbólico e o real.

Outro ponto interessante de concebermos a toxicomania por meio de seu posicionamento variado perante a problemática fálica é que a dimensão do comportamento, o uso compulsivo e repetitivo de drogas, deixa de funcionar como uma pista determinante da toxicomania, já que este elemento pode estar presente tanto numa formação de ruptura fálica como de suplementação fálica, necessitando portanto de outros índices para delimitar o quadro. Ainda nas palavras de Sylvie Le Poulichet (1994, p. 138), “*Pienso que no existe relación de continuidad o de causalidad entre un ‘comportamiento’ toxicomaniaco y unos indicadores metapsicológicos!*”. Neste ponto, um sujeito que não consegue passar um dia inteiro sem fazer o uso de drogas e outro que usa algum tipo de droga apenas aos finais de semana, há mais de 15 anos seguidos, passam a partilhar, em pontos diferentes de uma mesma operação de montagem pulsional, o gozo proveniente de uma operação toxicômana sobre o corpo.

Com isso, um diagnóstico apressado ligado ao uso de certas drogas, consideradas arbitrariamente “leves” ou “pesadas”, perde seu valor. Por exemplo, é comum na literatura a respeito das toxicomanias no Brasil associarem o uso de *crack* a uma toxicomania clássica, ou seja, uma operação de ruptura, como é explicitado na fala de Beneti(2017) “um desligamento, uma desconexão, indo de uma desconexão à outra, desligando-se do mundo dos negócios, da família, etc. Percurso comum nos esquizofrênicos e nos consumidores de “crack”(p.31) Porém, uma pessoa em situação de rua que consome *crack* regularmente não necessariamente se encontra em uma economia de gozo que exclua a dimensão do Outro, podendo, ao contrário, estar lutando para sustentar uma relação com o campo do Simbólico, suplementando um gozo fálico por meio da invenção de um circuito pulsional que se mantém amarrado pelo efeito da droga.

Após ter apresentado ao leitor alguns desdobramentos iniciais a respeito da natureza ambivalente das dinâmicas de gozo presentes no fenômeno das toxicomanias, herdeiro do sentido dúbio do *Phármakon*, abrimos um caminho que nos levará a outras formas de expressão da toxicomania, reconhecendo assim que este fenômeno é prenhe, na atualidade, de mais de uma modalidade de gozo. Buscamos com isso ampliar o debate para além da tese

lacaniana de rompimento com o falo, indicando operações onde o consumo de substâncias, mesmo de forma mortalmente abusiva, pode vir a remediar um desnorteamento do Sujeito referente à ordem fálica que medeia o laço com o Outro. Buscaremos em Freud algumas elaborações a respeito do uso de drogas que contribuam com esta hipótese.

5.1 O TRATAMENTO TÓXICO NA OBRA FREUDIANA

Ao tomarmos a droga em certa natureza de continuidade com o medicamento, podemos encontrar ao longo da obra freudiana alguns indicativos do funcionamento desta operação no aparelho psíquico por meio de sua atuação sobre os limites estruturais que ditam os níveis de prazer, desprazer e satisfação que sustentam a economia pulsional do Sujeito.

Em seu texto *Chistes e Sua Relação com o Inconsciente*, de 1905, Freud recorre ao exemplo do álcool para indicar como o objeto tóxico pode ocupar a função de operar mudanças na economia pulsional do sujeito:

Uma mudança no estado de espírito é o mais precioso dom do álcool à humanidade e, devido a isso, o “veneno” não é igualmente indispensável para todos. Uma disposição eufórica, produzida endogenamente ou por via tóxica, reduz as forças inibidoras (*Unterdrückung*), entre as quais o senso crítico, tornando de novo acessíveis fontes de prazer sobre as quais pesava a supressão (Freud, 1905/1977, p. 85).

Esta função, denominada na pena do autor de *Unterdrückung*, permite operar um rebaixamento da repressão e, em todo caso, reduzir o investimento pulsional sobre as forças inibidoras. Inicialmente direcionada ao chiste (*Witz*), e posteriormente estendida a *Droga* – representado pelo álcool –, a satisfação provida por este recurso, pela via econômica, é motivada por sua ação sobre o recalque, possibilitando, segundo a interpretação de Lacan (1964/2008, p. 32), que conteúdos submetidos à censura se coloquem ao “abrigo que se achou contra a ameaça de castração”. Em ambos os casos, o que está em jogo é a possibilidade de compensar o dispêndio energético exigido para adequar as possibilidades de satisfação pulsional aos limites da castração. A satisfação retirada desta técnica aponta para a possibilidade de diminuir o desprazer relativo aos sacrifícios pulsionais exigidos pelo recalque, sem dele se desfazer completamente, motivo que torna a *Unterdrückung* tóxica uma solução precária, pois é extremamente provisória.

É interessante constatar que o efeito do *Witz* alcança seu objetivo por meio de um jogo com o sem-sentido, na verdade, com um sentido não sabido, uma operação significativa

que se interpola precisamente no ponto onde o sentido definido escapa (Freud, 1905). Este ponto de entrada, do *non-sense*, que ainda assim permanece no campo do significante, também encontra seu paralelo na Droga. Isso ocorre pois, dentre as fontes que se tornam novamente disponíveis pela *Unterdrückung*, uma parcela diz respeito a um gozo fálico que não deixa de participar desta operação sem ser significantizado. Com isso, o sujeito encontra na extração de satisfação da imagem do corpo uma reserva de libido à qual ganha maior acesso, antes restringida pela força do recalque.

A “língua solta”, que pode ser observada em alguns estados de embriaguez, assim como o *Witz*, dá acesso a uma satisfação que não pode ser compreendida apenas pelo enunciado manifesto, mas somente se também levarmos em consideração que uma parte dos ganhos deste fenômeno é puramente pulsional. Neste sentido, o combate à repressão-inibição gerada pela renúncia pulsional parece consistir em modificar os próprios limites que a renúncia impõe.

No caso da *Unterdrückung* tóxica, é lícito dizer que este efeito que “reduz as forças inibidoras” (Freud, 1905/1977, p. 85), ou seja, que busca reduzir a ação de censura do SuperEu, pode se tratar no fundo de uma aliança. Diferente do que aponta Simmel (1948), para quem o SuperEu é solúvel em álcool (motivo pelo qual a desinibição acompanha a embriaguez), Lacan (1954/1986) nos mostra que, por trás dessa postura de legislador moral, resquícios de expectativas parentais, o SuperEu apresenta outra face. Paradoxalmente, segundo Lacan, essa instância também pode assumir uma natureza voraz, demandando de forma imperativa que o Sujeito goze sem medida, momento de aliança do Superego com a pulsão de morte. No entanto, este encontro pode, a princípio, ser modulado, parcializando a influência superegoica, à medida que certos Sujeitos se servem dele para sustentar algo do campo da Simbólico, um não parar de beber para não parar de viver.

É preciso apontar que a *Unterdrückung* tóxica não protege o Sujeito do retorno do empuxo ao gozo, gerado por esta aliança. Com isso, dependendo das circunstâncias singulares de cada Sujeito, é possível que o gozo, antes aparelhado ao significante, se a-lastre, exceda o simbólico, que, rasurado, dá vez ao silêncio da compulsão à repetição sem contornos. Santiago (2017, p. 127) nos alerta sobre este efeito colateral, já que “não evita, no entanto, o retorno, nela própria, de um efeito sobre-excedente nocivo e perigoso”.

De qualquer modo, já podemos antever, neste momento da obra freudiana, como o uso de drogas se aproxima de um tratamento para o mal-estar do Sujeito por vias não simbólicas. O que subjaz como plano de fundo das explorações freudianas em torno dos mecanismos encontrados no *Witz* e na intoxicação começa a ser delineado. A luta travada pelo

Sujeito para se equilibrar entre um regime de satisfação significativa sancionado pela cultura, e um regime de satisfação puramente pulsional que prescinde dela, já ganha contorno.

Após 25 anos, em *O mal-estar da civilização* (Freud, 1930/1996) podemos observar uma expansão da teoria freudiana sobre o consumo de drogas a partir das concepções a respeito da dimensão ética da intoxicação. Conservando a teoria sobre a função operacional do efeito da droga sobre a economia pulsional, o psicanalista se volta para sua função no laço social por meio de uma hipótese mais madura sobre a satisfação substitutiva.

Segundo o autor, a entrada no discurso civilizatório, denominada por ele *Kultur*, é conquistada mediante uma perda, uma renúncia à plena satisfação das pulsões realizada pelo princípio do prazer (Freud, 1930/1996). Como consequência, o mal-estar, que dá título à obra, se instala no Sujeito como efeito das medidas repressoras da *Kultur* contra a satisfação total das pulsões, ressaltando que tal coerção não é efetuada apenas pelo meio externo mas também pelo Sujeito, cuja constituição passa a incluir suas próprias instâncias inibidoras da satisfação. Caso tomemos a *Kultur* Freudiana em aproximação à teoria lacaniana, podemos analisar que a entrada do Sujeito no campo da linguagem, representante último da *Kultur*, simultaneamente lhe renderá uma perda de gozo imposta pela própria lógica significativa que não dá conta de tudo representar.

É possível notar que, em ambas as acepções, é a ordem fálica, a dimensão da Lei simbólica, a responsável pela operação – e por que não a chamar pelo nome – da castração. A partir da perda de gozo, o Sujeito, por sua vez, pode se lançar ao mundo dos objetos significantes oferecidos pelo Outro social. Este movimento de deslize entre objetos de investimento pulsional nós atribuímos ao Desejo. No entanto, o desenvolvimento de uma economia pulsional baseada no encadeamento desses objetos, por vezes, não é suficiente. Por que em alguns casos, o excesso pulsional suplanta a satisfação proporcionada pelo movimento metonímico do Sujeito, que faz de cada objeto uma representação significativa capaz de indexar gozo, que se torna excedente. É como uma esponja muito carregada que é incapaz de absorver mais água. Este limite de absorção é dado pelo próprio significativo, cuja possibilidade de significação é restrita pelo Outro. Então esta água que não pode ser absorvida, que fica no chão, fazendo o Sujeito escorregar a todo momento, podemos chamá-la mal-estar.

Neste contexto, ao postular o uso de inebriantes como uma saída eficiente para o mal-estar, Freud nos dá algumas dicas a respeito do lugar que a intoxicação pode ocupar na economia psíquica do Sujeito. Indo além da operação de *Unterdrückung* mediada pela droga, onde a pulsão se vê desembaraçada das inibições que limitam parte da fruição pulsional ligada

a elementos reprimidos, agora a intoxicação ganha contornos de uma técnica substitutiva, aproximando-se do sintoma no tocante ao seu teor de substituição (Santiago, 2017).

Em vez de rebaixar os limites da censura, o consumo passa a operar de forma mais abrangente, apresentando-se como forma de compensação ao próprio programa da *Kultur*. Ou seja, um suporte para que este suplício econômico tenha lugar, uma formação de compromisso diante do ideal civilizatório impossível de ser concretizado por conta de suas próprias limitações estruturais (Santiago, 2017). Esta aproximação, no entanto, não eleva a droga ao mesmo patamar do sintoma; por outra via, ela viria a substituir justamente a satisfação substitutiva de formações sintomáticas que falham. Para alguns sujeitos, a droga passa a funcionar como um último recurso contra a castração, causa da subtração de um gozo que não dá conta de ser fracionado pela satisfação dos objetos substitutivos que integram o circuito pulsional do Sujeito.

Freud elenca a arte, a religião e o uso de entorpecentes como saídas usadas pelo Sujeito para apaziguar seu mal-estar. E, no caso dos entorpecentes, comenta a respeito de sua tacanha eficiência: “[...] há substâncias de fora do corpo que, uma vez presentes no sangue e nos tecidos, produzem em nós sensações imediatas de prazer, e também mudam de tal forma as condições de nossa sensibilidade, que nos tornamos incapazes de acolher impulsos desprazerosos (Freud, 1930/1996, p. 22).

Interpretamos que a súbita mudança da economia pulsional dedicada a alterar “as condições da sensibilidade” aponta para um aumento da tolerância aos efeitos da castração que impede o Sujeito de consumir satisfatoriamente uma resposta fálica para seu mal-estar. Podemos compreender que a droga surge como tratamento à dimensão fálica da falta, metaforizada pelo Outro. Uma fonte constante de frustrações, já que barra ao sujeito o acesso ao gozo pleno.

A favor do programa civilizatório, parece que a intoxicação ganha contornos éticos, “Nesse sentido, essa técnica do corpo define-se como um operador ético, uma vez que visa à felicidade” (Santiago, 2017, p. 125), mesmo que apresente em si uma face negativa. Ético pois, à medida que serve como um amortecedor dos efeitos da castração, sustenta a crença do sujeito na possibilidade de concretizar por meio do Outro, suas aspirações, à felicidade. É mais uma das formas que a *Kultur* de Freud oferece ao sujeito para se ater à função de aparelho de gozo do significante (Lacan, 1969-70), função que torna menos penosa a difícil tarefa de servir-se da linguagem para desejar.

A tempo, novamente não podemos deixar de lado a face negativa que se apresenta como efeito de retorno sobre o próprio Sujeito do uso desta técnica vital. Retomando *O*

Mal-estar na Civilização (Freud, 1930), encontramos um apontamento de Freud sobre os efeitos negativos que podem retornar sobre o próprio uso da droga. Caso a crença no Outro do laço social como saída à angústia se torne uma certeza de seu fracasso, a intoxicação pode intervir trabalhando a favor da pulsão sem par – não encadeada – acabando por romper os limites impostos pela Kultur, aqui associado a um impedimento da satisfação plena da pulsão. Esta fuga é indicada por Freud (1930, p. 23): “Sabe-se que com ajuda do ‘afasta-tristeza’ podemos nos subtrair à pressão da realidade a qualquer momento e encontrar refúgio num mundo próprio que tenha melhores condições de sensibilidade”.

Em uma acepção lacaniana, este mundo castrador do qual o sujeito busca se afastar, é, em última instância, estruturado pelo discurso do Outro, cujo sentido é sempre parcializado pelo Falo (Lacan, 1969/2008). Esta fuga, que acontece através do excesso, apontada por Freud (1930) como tendo um potencial crônico, faz o Sujeito gradualmente perder de vista à lei fálica, que deixa de triangular a relação do sujeito com seu objeto, dando a relação com a droga um caráter dual. Isso aponta a tendência da toxicomania em romper com o campo da palavra, operação efetuada pela pulsão de morte, responsável por desarticular pulsão e linguagem. Neste caso, a transição entre o tóxico e o medicamento é deflagrada em seu sentido inverso. De sustentar os dispêndios pulsionais da cultura a romper com a fonte deste dispêndio.

Para concluir, do exame às elaborações freudianas da droga, foi possível delimitar ao menos duas funções gerais do efeito de intoxicação. Ao buscar compreender a relação do Sujeito com as exigências pulsionais da civilização, Freud nos indica o papel do efeito da droga como *Unterdrückung* e satisfação substituta. Ambos corroboram em modos de tratamento encontrados pelo Sujeito para dar conta da renúncia de gozo necessária à introdução no laço social. Em última instância, este tratamento sustenta, como um suplemento, o endereçamento da satisfação do Sujeito ao gozo fálico. Por outro lado, temos o retorno desta operação pulsional que se apoia no sentido, mas cujo excedente pode se voltar contra o Sujeito, por meio de uma formação de rompimento com os limites fálicos impostos à satisfação do Sujeito, apontando para uma solução que visa ao gozo. Em seu *Rascunho E*, de 1894, ao se referir ao que ele chamava de neuroses atuais, o pai da psicanálise já apontava para a insistência de uma certa “tensão física que não conseguia penetrar no âmbito psíquico”, que permanecia sem representação.

5.2 O SUPLEMENTO E SUPLÊNCIA DE LE POULICHET

Este remédio, nomeado por Le Poulichet (1994) como anteparo narcísico, atesta a capacidade do efeito *Phármakon* de dar consistência a uma imagem de si (*Moi*) que não encontra amparo suficiente em uma unidade corporal imaginária.

Esta sobreposição de modos de gozo, que vai de uma operação de rompimento de uma organização fálica a um uso que visa à manutenção da ligação com o Outro, por meio de um reforço fálico, ganha seus contornos mais acabados na obra de Sylvie Le Poulichet, autora de *Toxicomanías y psicoanálisis – Las narcosis del deseo* (1990). Nesta obra, a autora nos apresenta as chamadas “toxicomanias de suplemento”, que aparecem adjacentes à lógica do rompimento com o falo, operação nomeada por ela de toxicomania de suplência. Como já trabalhamos a função da droga como uma suplência ao Outro no capítulo anterior, agora buscaremos dialogar com a autora a fim de explorarmos, mesmo que parcialmente, as toxicomanias de suplemento. Segundo ela, esta divisão deve ser tomada como modalidades de gozo presentes num mesmo fenômeno, a partir de referências que não devem ser tomadas como fixas ou tipos fechados: “*La dimension de la suplencia y la del suplemento pueden comunicarse entre si y no se excluyen*” (Le Poulichet, 1990, p. 15). De modo que um mesmo sujeito pode ter uma certa flutuação entre uma forma de gozo ou outra, o que nos indica consequências clínicas interessantes, já que uma reversibilidade entre os estados é um horizonte possível.

As toxicomanias de suplemento são introduzidas pela autora por meio de sua serventia ao Sujeito. A ideia de suplemento está vinculada ao reforço de uma função já em operação na dinâmica pulsional, que é a organização fálica da satisfação, segundo Lacan, “uma vez que a primazia do falo já está instaurada no mundo pela existência do símbolo do discurso e da lei” (1958/1999, p. 198). A palavra suplemento indica a “parte que se junta a um todo para ampliar ou aperfeiçoar ou aquilo que serve para suprir a falta, preencher quaisquer lacunas; complemento” (Mirador, 1976, p. 1.646).

Podemos tomar como modelo de suplemento o uso de drogas proposto por Freud em *O Mal-estar na civilização* (1930). Neste ponto de sua obra, notamos que, o que é suplementado pelo Sujeito é o *quantum* de satisfação pulsional que pode se obter a partir da relação com o campo do Outro social, relação que exige a abdicação de uma parte da satisfação pulsional mas que imaginariamente é restituída pelo uso de drogas. No entanto, é preciso levar em conta que, diferente do laço social considerado por Freud em 1930, o atual cenário traz consigo as consequências de uma estrutura discursiva que reforça a inconsistência do Outro, a partir do direcionamento ao consumo e à performance própria ao capitalismo (Miller, 2005)

Os sacrifícios pulsionais de outrora, chancelados por um superego repressivo, agora retornam como uma insuficiência pulsional do Sujeito frente à necessidade de corresponder ao imperativo categórico de gozar, que marca as relações com os outros, consigo mesmo e com os objetos. Agora, é preciso corresponder ao narcisismo exacerbado pela lógica do indiviso, retratado pelo império das imagens que se sobrepõem ao campo simbólico. Este “reinado das imagens” produz para o mercado de consumo, a todo momento, cenas gozosas de indivíduos “completos” em cenários ausentes de mal-estar, onde a felicidade reina. Segundo Birman (1946, p. 69): “Nessa leitura, o sujeito se desdobra nas ideias de exterioridade e teatralidade. Voltada para a existência no espetáculo, a individualidade se configura pelos gestos constitutivos de seu personagem [...] Assim, o que importa é a performatividade de sua inserção no espetáculo da cena social”.

O destaque dedicado ao registro imaginário na sociedade contemporânea, o império das imagens, como chamaria Lacan em Lituraterra(2003, p. 24), o “ império dos semblantes ”, provoca um impasse que logo foi trazido à tona nos primeiros ensinamentos de Lacan, a diferença entre $i(a)$, a imagem corporal e $I(A)$ Ideal de Eu. Lacan nos indica que tal diferença aparece velada pelo corpo da imagem, que em sua virtualidade é completa. Segundo ele, “Se é verdade que a percepção ofusca a estrutura”, o Sujeito é levado a “esquecer, numa imagem intuitiva, a análise que a sustenta” (Lacan,1998,p. 98). A tomada do Ideal de Eu como caminho para alcançar a completude, prometida na imagem especular do corpo, alimenta a ignorância do Sujeito em notar que o poder da imagem está em seu sustentáculo simbólico, pois é o significante que estabiliza a imagem. Por conta disso, reiteradamente ao sair em busca de realizar este Ideal de Eu, a tentativa de completar a imagem, a unidade do Eu sempre falha, evidenciando a angustiante lacuna que se estende entre Sujeito e o Ideal de Eu. No entanto, não desistindo de sua empreitada em busca de realizar este Ideal, o Sujeito pode inventar outras soluções. Parece que uma, dentre outras respostas possíveis, seria por meio da contração de uma toxicomania que faz suplemento aos furos da imagem de unidade do Eu, uma forma de elaborar a falta-a-ser que se apresenta como um obstáculo à satisfação do Sujeito. Vou ilustrar com uma vinheta clínica.

Um paciente, após ser afastado de seu trabalho como policial (um dos elementos centrais que organizava uma identificação fálica no laço social), passa a trabalhar como motorista de aplicativo. Em diversos momentos aponta um sentimento de rebaixamento e desvalor ligado ao seu novo trabalho, apesar de confessar que ainda sim é melhor do que “se sentir um inútil em casa”. Apesar de continuar recebendo seu salário de policial, escolhe se manter inserido no laço pela via do trabalho, abdicando de uma posição de reconhecimento aos olhos do Outro.

Junto às insígnias de policial vão-se as fállicas, que lhe eram caras, descompletando ainda mais a imagem que representava seu Ideal de Eu. Sem elas, a possibilidade de compor uma imagem narcísica de si que o aproxima de seu ideal de Eu fica prejudicada. Em linhas gerais podemos observar neste caso a tentativa de mitigar a angústia gerada pela queda de uma identificação fálica no laço social, através de uma satisfação substituta, um outro trabalho.

No entanto, o paciente passa, paulatinamente, a fazer uso de cocaína durante seu novo trabalho, o que se torna algo quase diário. É relatado que isso lhe faz “Se sentir um motorista melhor, mais sociável com os passageiros e lhe permite trabalhar por toda a madrugada”. Sem pretender um estudo de caso, chama atenção nesta vinheta como o Sujeito se utiliza de uma operação de suplementação fálica por meio do efeito da substância. A cocaína pode funcionar como um anteparo que torna esta satisfação substituta mais satisfatória, auxiliando assim seu propósito inconsciente: mitigar os efeitos da castração gerados pela perda de uma posição de reconhecimento do Outro. Porém, a via para isso foi outra que não a ressignificação de sua atividade, ou seja, pela via de uma elaboração significativa. Mas sim, pelo efeito da droga, via de acesso a um gozo fálico que torna mais suportável a ferida narcísica de não portar uma insígnia fálica que o identifique no laço com os outros, via de acesso à conformação do desejo do Outro.

Seguindo o que foi apresentado por Freud a respeito da operação de *Unterdrückung* mediada pela droga, notamos que a toxicomania de suplemento é capaz de operar um desinvestimento pulsional da instância repressiva do Sujeito, responsável por apontar a distância entre o Eu e seu ideal de Eu. Seu efeito é a diminuição artificial desta distância, resultando em uma satisfação narcísica compensatória. De outro ângulo, a pulsão fica livre para se ligar a outros objetos de satisfação que estavam fora do alcance do Sujeito, por serem incompatíveis com a imagem narcísica de si.

Novamente, o sociólogo Jessé Souza (2016) nos fornece o relato de alguns usuários que se identificam como toxicômanos. Notamos os efeitos de suplementação fálica e a construção de uma imagem narcísica, até mesmo com requintes de onipotência: “Nesse sentido, Vítor resumiu sua experiência com o *crack* como uma ‘sensação de perfeição’; David falou em ‘uma sensação de supremacia, de independência, de olhar todos com olhar de cima’” (Souza, 2016, p. 112).

Ainda ao comentar outro relato, o sociólogo nos aponta:

Disse que quando fumava tinha mais autoconfiança, imaginava que conseguiria, a partir dali, resgatar e cuidar dos filhos que foi doando ao longo de sua jornada. Também ouvimos muitas vezes o relato que o crack gera sensação de poder, o que parece sedutor para aqueles que objetivamente não podem nada, estão presos no eterno presente e confinados no espaço social que lhes restou (2016, p. 150-1).

Caso interpretemos estes relatos como possíveis casos de toxicomania de suplemento, seu funcionamento parece ir em duas direções. A obtenção de um gozo que, apesar de ser articulado pela palavra, não está no campo do sentido – e, ao mesmo tempo, a manutenção de uma imagem narcísica que distancia o sujeito dos efeitos da castração, por meio de um superinvestimento na instância imaginária do Eu. Podemos trabalhar com a ideia da toxicomania de suplemento pela imagem de uma muleta, em casos onde a busca pela obtenção de valor fálico é frustrada, ou seja, a busca por uma posição que dê a chance de o Sujeito ser reconhecido pelo Outro não é satisfatória. Neste sentido, vem a calhar o efeito da droga como algo que sustenta, apoia o Sujeito nesta relação faltante, mitigando ou até mesmo revertendo esta frustração pela operação imaginária. Isso ocorre à medida que o efeito da droga pode contribuir para a estabilização artificial de uma imagem especular completa, um “Ego inflado” passa a atravessar a relação com o Outro (1966).

A autora nos indica, a respeito da toxicomania de suplemento: *“Y comprendemos que um extrano - suplemento- pueda infiltrarse de este modo, por intermédio de um farmakon, para paliar una no adecuación dentro de una dimensión imaginaria”* (Le Poulichet, 1990, p. 136). O caráter imaginário desta relação com o Outro atesta uma posição defensiva de que esta montagem toxicômana opera contra os efeitos da castração. Assim, um conteúdo que não pode ser elaborado pela via do sentido, como a angústia de um trabalho enfadonho ou um matrimônio capenga, encontra alívio ao ser integrada, ajustada pelo efeito da droga, em uma fantasia evanescente. A autora continua, *“Estos toxicomanos parecen entonces solicitar um espejismo, un engano, en el que ellos mismos no caen”* (Le Poulichet, 1990, p. 137).

No entanto, o efeito colateral desta montagem, podemos supor, é a produção de uma repetição que mantém o Sujeito alienado em uma constante tentativa de alcançar este ideal de Eu, mãe. Certamente isso também pode ocorrer em uma lógica sintomática, mas me parece que a diferença neste caso é a necessidade de um “instrumento secreto”, que instrumentalize este processo para obter um resultado além do alcançável pela via do sentido.

Em todo caso, o que seria então suplementado? A autora nos responde: *“un suplemento fálico imaginário”* (Le Poulichet, 1996, p. 136). E, em seguida, continua: *“La*

adicción puede fijar entonces en su ritual una acomodación enteramente funcional e imaginaria a la falta, a veces en un contexto depresivo. Los seres en este caso están preocupados por la busca de una insignia fálica y de un reconocimiento, que precisamente fracasa". Freud parece se aproximar desta conclusão quando indica que, "se numa idade mais avançada o homem vê seus esforços em busca da felicidade frustrados, ele encontrará ainda um consolo nos gozos que lhe proporcionará a intoxicação crônica" (Freud, 1930, p. 31). Este apontamento em complementaridade com Le Poulichet (1996) nos dá mais pistas sobre o funcionamento desta montagem pulsional.

Os remendos feitos pela toxicomania de suplemento são apresentados pela autora como algo da ordem imaginária do falo, cujo efeito sobre o Sujeito passa pela produção de uma fantasia onde sua unidade imaginária é identificada com aquilo que falta ao Outro, identificação ao desejo da Mãe. Por esta via, a toxicomania que suplementa parece ser um caminho para manter o Sujeito atrelado ao Outro, por meio da manutenção de um *semblant* narcísico, e a droga entraria aqui como prótese narcísica (Le Poulichet, 1996), que catalisa este processo. Assim, a falta do Sujeito é tamponada por meio da instauração de identificações ou outros tipos de fantasia no qual uma imagem completa do Sujeito seria produzida, mediante ao efeito da substância. Vemos se descortinar aqui uma situação: esta acomodação à falta não se dá pela produção de novas cadeias significantes que façam borda ao furo da castração, mas sim por meio de um objeto mais-de-gozar que imaginariamente dá ao Sujeito a impressão de que captura a falta; portanto, munido da droga, o Sujeito pode circular no laço social assumindo o lugar daquele que goza, um gozo fálico que o identifica como objeto de desejo do Outro, um reconhecimento.

Podemos citar outro exemplo: um Sujeito que não dá conta de elaborar uma fantasia que faça mediação ao enigma do Outro sexo e recorre ao uso de drogas durante o sexo. O *chemex*, abreviação em inglês de *chemical sex*, é uma prática que demonstra o efeito de suplemento que a droga possui na relação do Sujeito com a alteridade. Definido como o uso de drogas para facilitar ou intensificar práticas sexuais (Bourn, 2012), o *chemsex* promete produzir em seus praticantes sensações de conexão e elevação da "autoconfiança". Esta prática permite a seus participantes se engajarem em relações sexuais por longos períodos de tempo, relatos indicam que podem chegar até alguns dias (Bourn, 2012). Como forma de apaziguar a angústia frente ao rochedo da castração, representado pelo impasse da não relação-sexual, o *chemsex* opera na economia libidinal do sujeito de modo a inibir a ação do recalque que restringe parte da satisfação pulsional. Por outro lado, pode atuar suplementando

uma fantasia claudicante que tenta mediar este encontro impossível, sustentando “*una postura en que se ajusta una imagen narcisista*” (Le Poulichet, 1994, p. 135).

Portanto, uma toxicomania suplementar pode se instalar na economia pulsional do Sujeito a fim de sustentar, a partir de um ponto imaginário, uma relação já fragilizada com o Outro, anestesiando o sofrimento advindo de se descobrir a todo momento como diferente do que o Outro deseja. Este efeito, no entanto, mostra-se paradoxal, já que a dimensão simbólica passa a estar subordinada ao gozo mediado pela droga, que, em si mesmo, não comporta sentido, não contribuindo para que o Sujeito forme um discurso que o leve a enunciar algo de seu desejo. Ocorre um grau de empobrecimento da ordem simbólica: “*un verdadero desdoblamiento simbólico*” (Le Poulichet, 1994, p. 140), já que o deslize significante responsável por endereçar o desejo singular do sujeito é estancado, revertido no esforço de manter um narcisismo que encubra a castração. Para a autora, “*inmovilizan para o el sujeto la ascena de su abdicación del deseo*” (Le Poulichet, 1994, p. 143). Em alguns casos, enquanto o toxicômano tiver acesso ao efeito da substância, um endereçamento ao Outro acontece e o Sujeito se mantém incluído no laço, mesmo que de modo claudicante. Como consequência, a relação com o Outro é maciçamente ligada ao registro imaginário, à medida que o apelo à droga corresponde à ilusão de que o Sujeito tem controle sobre o sentido da realidade, escamoteando, em um movimento narcísico, a insuficiência da ordenação fálica do Sujeito.

Neste caso, a dificuldade de sustentar o imperativo de gozo do Outro é vivida pelo Sujeito como uma angustiante ferida narcísica: “não sou suficiente”. Em um contexto de insatisfação gerada pelo discurso Capitalista, que mantém os sujeitos sempre aquém do tipo ideal plenamente satisfeito, o suplemento da toxicomania obtém seu valor, já que neste sentido todo acréscimo de satisfação é bem-vindo. Este crescimento de gozo, por sua vez, age mitigando a distância entre o Eu e seu ideal, um anteparo narcísico que permite uma estabilização de uma imagem completa do Eu. A toxicomania, quando faz da droga um suplemento, não visa reparar a falta estrutural a partir do estabelecimento de uma continuidade artificial. Na verdade, sua função está mais próxima de um modulador do gozo fálico, um modo de satisfação necessário para que o Sujeito possa se manter na relação com o Outro, apesar de sua insuficiência. Assim, o efeito da droga permite ao Sujeito atribuir maior valor fálico aos seus objetos de satisfação pulsional, para obter um reconhecimento imaginário perante o Outro.

6 COM INCLUSÃO

Pensar em uma conclusão para um assunto tão vasto como o tratado aqui se mostra uma tarefa inexecutável. Afinal, a toxicomania se apresenta como um rico campo de investigação, com múltiplos caminhos a serem percorridos em diversas direções. De modo que será mais frutífero reconhecer e incluir aqui as coordenadas do ponto onde esta dissertação nos fez chegar. A primeira destas coordenadas aponta para a necessidade de compreendermos por que as toxicomanias são um problema atual ou, pelo menos, da modernidade. Para isso, foi preciso tomar o uso de drogas como efeito de um discurso, e, como tal, parte de uma estrutura de linguagem dependente de configurações, sempre históricas, do laço social. Esta abordagem nos deu a possibilidade de situar o fenômeno das toxicomanias como parte de uma lógica de linguagem, uma condição essencial para que fosse possível abordar esta questão de um ponto de vista da psicanálise lacaniana, pois nos aponta que as toxicomanias também se inscreve no registro do inconsciente.

Tomando o desenvolvimento da técnica como ponto de partida, acompanhamos a crescente influência deste novo saber capaz de ordenar o laço social, e, por consequência, as relações de satisfação entre Sujeito e Pulsão. O avanço da técnica é tal que um ponto de ruptura epistemológico é atingido. Segundo Koyré, este corte epistemológico pode ser atribuído ao nascimento da Ciência Moderna. Ele representa a assunção de uma nova forma de discurso que se dedica à impossível missão de inocular um saber no Real, a fim de domá-lo – questão importante quando se trata de substâncias psicoativas, cuja existência, a partir daí, passa por uma formalização racionalista, e começa a ser explicada por meio de fórmulas químicas, determinadas por uma estrutura molecular mais ou menos compatível com a bioquímica do corpo humano. A partir de uma interpretação psicanalítica das consequências desta lógica discursiva, avançamos na compreensão de que as drogas podem ser concebidas para além de sua natureza de objeto, configurando um modo de relação de um sujeito com seu corpo, marcado pela tecnificação científica. As drogas apareceram ao longo do primeiro capítulo como uma importante ferramenta para a consolidação de pressupostos científicos que até então só obtinham sustentação a nível filosófico. Entre eles: a perpetuação da dualidade cartesiana entre corpo e mente e a tomada do corpo como objeto subordinado às intervenções da razão.

Por isso, pensar a atualidade do fenômeno das toxicomanias nos convida a delinear quais lugares são ofertados ao corpo no laço social, muitas vezes oferecido como objeto de consumo para todo tipo de demanda. É falado que, se você quer trabalhar mais, o caminho

mais eficiente, tecnicamente falando, é usar o corpo a fim de extrair dele este resultado. Se o sujeito não der conta de se identificar a um discurso que lhe dê motivos para ser mais produtivo, existem diversos estimulantes para cumprir esta função – assim como é no corpo que supostamente está o segredo para esquecer, o mais rápido possível, de um dia difícil, bastando para isso uma droga “serotoninérgica”. Podemos notar, nesta captura do corpo como um meio técnico para um fim pragmático, os efeitos do discurso da Ciência que tende a eclipsar o Sujeito do inconsciente. Em seu lugar, é preciso apenas saber o que usar e como usar. A dimensão significativa do desejo é esvaziada de seu caráter simbólico, à medida que a demanda do Sujeito não precisa mais passar pelo Outro. Esta configuração acaba sendo um solo fértil para que as toxicomanias ganhem seu valor como destino pulsional.

No entanto, o próprio discurso da Ciência enfrenta limitações para explicar seus efeitos sobre o Sujeito, pois estes são de ordem inconsciente. Explicar as toxicomanias por meio de concepções genéticas, defeitos morais ou como consequência natural da interação do organismo com algumas substâncias não dá conta de constatar que este fenômeno aponta para o campo do gozo – e cuja estrutura é fruto do desenrolar temporal de um discurso que inclusive ainda está em desenvolvimento.

A fim de dar conta dessa peculiaridade, o uso da teoria dos discursos de Lacan(1970) nos deu as ferramentas para compreender a toxicomania como efeito das contínuas mutações historicamente perpetradas no campo do Outro. Desde seu surgimento, a Ciência moderna vem sofrendo diversas mutações, ao ponto de hoje se encontrar acoplada como Saber (S2), ao discurso do Capitalista. Com isso, avançamos na compreensão de que as toxicomanias e outros usos de drogas estão evoluindo, se modificando, assim como, e no mesmo passo, do binômio Ciência-Capital. Este caminho nos deu a possibilidade de abordar a própria toxicomania sob este prisma dinâmico. Em outras palavras, o uso de drogas há 50 anos não chega ao nosso tempo cristalizado, mas acompanha as modificações sofridas pela relação entre o laço social e o Outro do discurso, exibindo uma estrutura de sobreposição entre modos de uso e abuso de drogas. Isso implica perceber, por exemplo, que as facetas adotadas pelo consumo de drogas apontado por Freud em *O mal-estar na civilização* podem estar sobrepostas, dividir espaço com outras apresentações da toxicomania que circulam hoje no laço social.

Este resultado abre possibilidade para interpretarmos este fenômeno como múltiplo, deixando em segundo plano distinções como a concepção de uma “verdadeira toxicomania”, ou categorizar o uso de drogas entre recreativo e abusivo, assim como separar remédios de drogas. A psicanálise nos deu a oportunidade de compreender o fenômeno das toxicomanias

como um fenômeno diversificado, graças a sobreposição de discursos que hoje compõe o uso de drogas, sendo o índice da relação do Sujeito com sua inscrição na ordem fálica a baliza para a interpretação da função da droga.

Participando deste espectro, pudemos delinear duas modalidades de gozo distintas porém cambiáveis: o gozo Outro e gozo fálico. Ambos participam das técnicas corporais próprias à toxicomania. Observamos na literatura que a multiplicidade de funções da droga na toxicomania pode ser delineada por um tensionamento entre a concepção clássica de toxicomania no campo laciano, baseada no rompimento fálico, e um outro modo de gozo que busca fazer suplemento ao índice fálico do Sujeito. Além de configurarem meio técnico, ambas têm como solo comum o crescente desamparo simbólico que permeia os impasses que o Sujeito encontra no atual laço social, cuja progressiva falta de sentido faz falhar as tentativas sintomáticas de endereçamento ao Outro. Foi importante notar que a inconsistência do Outro, radicalizada pelo discurso do Capitalista, é um dos grandes responsáveis pela situação de desamparo que marca a relação do toxicômano com o campo simbólico.

Visando a dar consistência a esta perspectiva, foi preciso primeiramente delinear, no campo laciano, qual a concepção de toxicomania presente no estado da arte. Com isso, abordamos a “tese laciana das toxicomanias”, como nomeada por Naparstek (2009). Esta tese, que na verdade não possui na literatura uma formalização pormenorizada, teria como cânone a célebre frase de Lacan proferida na Jornada de encerramento dos Cartéis do Campo Freudiano (1975-76, p. 268, tradução livre): “[...] é porque falei de casamento que falo disso; tudo o que permite escapar desse casamento é evidentemente muito bem-vindo, donde o sucesso da droga, por exemplo; não há nenhuma outra definição da droga que esta: é o que permite romper o casamento com o pequeno-pipi”. A fim de contribuir com os esforços de formalização desta tese, destacamos algumas das principais características que permeiam esta interpretação das toxicomanias, ou, como chamamos ao longo do texto, das toxicomanias de ruptura.

Uma destas características diz respeito à impossibilidade de interpretar as toxicomanias pela via do significante, como parte de uma organização sintomática, tal como sistematizada por Freud (1909/1972) já que não se trata de uma mensagem cifrada para o Outro. Isso fica mais explícito à medida que interpretamos a partícula “romper o casamento com o faz-pipi”, à luz do caso do “Pequeno Hans” em paralelo com a toxicomania. Tanto no caso do menino Hans quanto nas toxicomanias, o que está em jogo é o embaraço com o gozo do corpo. No caso de Hans, há trabalho a favor da alienação do Sujeito no campo do Outro, se inscrevendo na ordem fálica pela produção de uma fobia que parcializa o gozo. No entanto, a

toxicomania nos mostra o que acontece quando o sintoma não é capaz de mitigar os efeitos da castração e deixa o Sujeito exposto à pressão constante das pulsões deslocada.

Quando o sintoma enguiça, a toxicomania da tese lacaniana se esforça por perpetrar uma separação. Nesta situação, a constatação de uma falta que não pode ser preenchida pelo Outro lança o Sujeito em um estado de desamparo simbólico, onde o sentido não dá conta de contornar o furo da estrutura. Com isso, a organização fálica que medeia a relação do Sujeito com o Outro se torna um grande fardo, já que a castração não garante mais o acesso do Sujeito às satisfações parciais do gozo fálico. Ou, se garante, este modo de gozo não é suficiente para conter o excesso pulsional do qual o Sujeito precisa se defender.

A operação de ruptura surge como uma forma radical de o Sujeito operar com um gozo excessivo que não pode ser aparelhado pela palavra do Outro. Apesar disso, observamos surgir uma montagem pulsional, onde o gozo é aparelhado diretamente sobre o corpo em uma amarração hiper-autoerótica, cuja precariedade nos lembrou uma maloca, apoiada em si mesma, com fios de pulsão em curto-circuito e sempre perigando desfazer-se. Em vez do Outro, temos o corpo tecnificado e, em vez do desejo, temos a necessidade do efeito da droga. A montagem de uma toxicomania de ruptura implica um esforço em contornar o problema da relação sexual, questão associada à diferença radical que marca a relação entre Sujeito e Outro. A fim de evitar se haver com a diferença, própria ao campo da castração, a toxicomania força uma continuidade imaginária entre Sujeito e Outro, que convergem no corpo pelo efeito da droga.

Quando definimos, ao menos em parte, o funcionamento das toxicomanias presentes na “tese lacaniana”, é possível avançar clinicamente com direções possíveis para o tratamento desta montagem. Por exemplo, a fim de trabalhar na direção da construção de uma fantasia que permita ao Sujeito se relacionar com a falta do Outro, o espaço analítico pode proporcionar, por meio da figura do analista, um encontro menos traumático com a palavra, um intervalo entre Sujeito e corpo. Parece que a direção do tratamento, nestes casos, pode ocorrer pela via da introdução da figura do analista como um terceiro elemento que triangula a relação do toxicômano com seu corpo, incluindo aí um intervalo significativo. Sem a pretensão de dar um sentido para o efeito da droga, é possível que nos intervalos de seu uso, representado (mas não só) pelas sessões clínicas, o Sujeito possa aparecer, através de um deslocamento da necessidade de uso, para uma demanda endereçada ao Outro.

Miller nos indica que ao longo do tratamento é preciso situar o Sujeito além de uma identificação monológica, “eu sou toxicômano”, o que somente reforça sua alienação significativa a uma economia pulsional que faz do efeito da droga o principal ponto de

referência. Esta etapa é importante para que uma demanda possa ser gradualmente convertida em um enigma significante, uma pista que aponte para um inconsciente constantemente narcobturado. Além disso, é muito importante que marcadores como o tipo de droga, a exclusão social, além do próprio uso compulsivo em detrimento da vida, não sejam tomados, de antemão, como consequência de uma toxicomania que opera uma ruptura fálica. Em alguns casos, a toxicomania pode funcionar como o último elo do Sujeito com os frangalhos de um laço social. Levar em conta a diversidade que subjaz ao fenômeno das toxicomanias, dá a chance que ao longo do tratamento, o aspecto suplementar do gozo toxicômano também entre em cena, seja como uma baliza diferencial da função da droga para o paciente, seja como ferramenta importantes para interpretarmos a crescente medicalização da vida, expandindo tal discussão para o campo das toxicomanias.

É preciso que o analista, bem como outros profissionais de saúde, leve em conta que atualmente a toxicomania também aparece no laço social com outra roupagem. Esta pode aparecer como um uso compulsivo e diário, cuja ausência desorganiza a amarração subjetiva do Sujeito. No entanto, operam como um suplemento ou uma ligação, como são chamadas por Sylvie Le Poulichet (1990), Torossian (2001) e Giansesi (2002). A toxicomania pode exibir uma outra faceta que parece trabalhar a favor de manter o Sujeito alienado ao campo simbólico, importante questão que deve ser verificada ao longo de um tratamento analítico. O uso de drogas pelo toxicômano pode atuar para reforçar, ou melhor, suprir a falta de valor imaginário dos significantes fálicos que marcam a satisfação simbólica, como são os relacionamentos, o trabalho, o poder e posições de prestígio. Neste caso, notamos que entra em cena um outro modo de gozo, menos avesso ao Outro social. A suplementação do toxicômano abre caminho para que o Sujeito se mantenha minimamente identificado ao laço social, não irrompendo, num primeiro momento, numa operação de separação do Outro. Isso ocorre porque esta figura do Outro impotente, que não dá conta de metaforizar o excesso pulsional do Sujeito, também pode funcionar como um Outro marcado pela demanda de gozo.

Este modo de gozo, muito presente na toxicomania, se mantém fora do campo do sentido, não sendo possível tomá-la como um sintoma. No entanto, parte do papel do analista é conseguir delinear a presença ou resquícios de um modo de gozo fálico, localizando aí um uso de drogas que sustenta uma amarração entre o Real e o Simbólico. Assim me parece possível eleger, como um dos alvos de intervenção, esta báscula entre droga e laço social. Nesta intersecção se localiza a inscrição fálica que em análise pode ganhar novas dimensões, por meio do resgate e introdução de referências que sejam capazes de dar ao Sujeito a chance de inventar com a castração. Isso passa pela possibilidade de o Sujeito se apoiar no

significante para dele retirar parte do suplemento pulsional antes designado ao efeito da droga.

Me parece que o mais importante do exposto é apontar para importância clínica de conceber a toxicomania pela função da droga, que ora pode operar como uma ruptura com a lei fálica, ora pode operar como um suplemento fálico, cujo princípio de reversibilidade entre ambos os estados certamente pode ser muito importante em um tratamento clínico. Ao tratarmos do fenômeno da toxicomania deste ponto de ambiguidade, busca-se evitar um enviesamento de interpretação, que pode estar contaminado pela classificação arbitrária de drogas “pesadas”, a qual remete à imagem de um Sujeito que não tem nada a dizer, estranho ao laço social e dessexualizado. É preciso se perguntar: “A função da droga opera um rompimento ou a manutenção precária de uma ligação com o Outro?”. Desenvolver caminhos clínicos que levem em conta estas modalidades de gozo presentes na toxicomania pode contribuir para que novos avanços sejam feitos num campo que leva a psicanálise aos seus limites técnicos e epistemológicos.

Para além disso, mais pesquisas devem ser realizadas a fim de contemplar questões importantes que não puderam ser abordadas ao longo deste trabalho devido ao seu tempo de execução. A primeira delas diz respeito à necessidade de que mais estudos clínicos sejam realizados em prol de investigar, a partir das perspectivas da multiplicidade do gozo nas toxicomanias, os modos singulares pelos quais cada Sujeito faz uso desta montagem pulsional, sua relação com a suplementação fálica pela via do efeito da droga, bem como as possíveis tentativas de romper com o Outro social a partir de uma derrisão do falo.

Neste mesmo sentido, ao compreendermos o papel que o desamparo simbólico desempenha na formação de uma montagem toxicômana, é preciso que mais estudos sejam realizados a fim de que a realidade brasileira seja considerada um campo simbólico específico, pois esta possui um discurso com índices particulares de desamparo simbólico, certamente ligado a uma estrutura de dominação colonial que não pode ser ignorada. Se reconhecemos a toxicomania como um fenômeno em mutação, não só o tempo mas o território devem ser considerados. Assim, não podemos incorrer na pressuposição de que o desdobramento deste fenômeno em terras europeias sejam o mesmo que no Brasil, já que em nosso País o discurso da Ciência e do Capitalista, estruturas languageiras que suportam as toxicomanias, estão nas sombras do significante do colonizador. O Outro colonial captura o potencial tecnificador e objetificante de uma forma que somente o Brasil pode medir as consequências, tanto no nível do Sujeito quanto da organização do laço social, e, por

consequência, do uso e abuso de drogas. Para isso, retomo um apontamento feito por Eric Laurent, no texto *Três observações sobre as toxicomanias* (2014, p. 26):

A guerra colonial mais paradigmática, a guerra do ópio, foi a imposição pelos ingleses aos chineses do ópio produzido em bengala a preços inferiores. O que provocou uma epidemia de ópio, um consumo fora de todo limite do ópio Chines. Desse ponto de vista, o haxixe, os opiáceos e a cocaína são a integração do mercado único dos gozos. E no fundo, sobre esse mercado único dos gozos, parece que o estupefaciente, se me permitem esse atalho, é a outra cara do racismo. O racismo é o insuportável do gozo do outro.

À medida que o autor reconhece a globalização do mercado de drogas como contíguo à empreitada colonial, Laurent (2014) traz para o debate psicanalítico um elemento ainda pouco explorado: a incidência do racismo sobre o fenômeno das toxicomanias. A relevância de considerar as toxicomanias como uma possível expressão dos efeitos traumáticos do racismo, tanto singular como coletivamente, está no reconhecimento dos limites teóricos de interpretações sobre as toxicomanias que generalizam as práticas de uso e abuso de substâncias a partir de sua expressão em países colonizadores, como Europa e Estados Unidos. Deste modo, é preciso que pesquisas futuras sejam realizadas a fim de compreender as particularidades do fenômeno das toxicomanias em território nacional, a partir da compreensão de que a organização do laço social no Brasil, apesar de múltiplo e extremamente diversificado, está organizado em torno do significante da raça e do racismo, questão que não pode ser deixada de fora se quisermos alcançar uma análise ainda mais atual do fenômeno do uso e abuso de drogas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Rubem. *Filosofia da ciência*. São Paulo: Loyola, 2000.

ANDERSSON, O. *Freud precursor de Freud: estudos sobre a pré-história da psicanálise*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

ARAUJO, R. O solo histórico da noção de techne e a reflexão de Platão na República. In: *Téchne* n.4. São Paulo: EDUC, 1998, p. 94.

BENETI, A. A toxicomania não é mais o que era. In: MAZENCIO, M.; ROSA, M.; WILMA, M. (org.). *Tratamentos possíveis na clínica das toxicomanias... com Lacan*. Belo Horizonte: Scriptum, 2014.

BIDAUD, E. *Anorexia mental, ascese, mística: uma abordagem psicanalítica*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1998.

BOURNE, A. Drug use among men who have sex with men. Implications for harm reduction. In: STOICESCU, C (Ed.). *Global State of health reduction 2012*. London: Harm Reduction International, 2012.

BRUNELLI, G. Do xamanismo aos xamãs: estratégias tupi-mondé frente à sociedade envolvente. In: LANGDON, E.J.M. (Org.). *Xamanismo no Brasil: novas perspectivas*. Florianópolis: Ed. UFSC, 1992.

BUCHER, R. *As drogas e a vida: uma abordagem biopsicossocial*. São Paulo: EPU, 1988.

BURROUGHS, W. S. *Almoço nu*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

CANGUILHEM, Georges. *Ideologia e racionalidade nas ciências da vida*. Lisboa: Ed. 70, 1975, p. 51-70.

_____. *O Normal e o Patológico*. 2010.

CARNEIRO, Henrique. As necessidades humanas e o proibicionismo das drogas no século XX. *Revista Outubro*, IES, São Paulo, v. 6, 2002.

_____; LABATE, Beatriz Caiuby et al (orgs.). *Drogas e Cultura: novas perspectivas*. Salvador: EDUFBA, 2008.

DERRIDA, J. *A farmácia de Platão*. Tradução de Rogério da Costa. São Paulo: Iluminuras, 1997.

FERREIRA, Tânia. Pesquisa em psicanálise: a conversação e a entrevista clínica como ofertas de palavra – a aposta na invenção subjetiva. In: FERREIRA, T.; VORCARO, A. (orgs.). *Pesquisa e psicanálise: do campo à escrita*. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

FINA, M. Entrevista com Fabian Naparstek. *Pharmakon digital*, v. 3, 2017.

FOUCAULT, M. *História da loucura na Idade Clássica*. São Paulo: Perspectiva, 1978.

FREUD, S. Ânsia e temor pela cocaína. In: FREUD, A.; BYCK, R. *Freud e a cocaína*. Rio de Janeiro: Editora Espaço e Tempo, 1989. (Original publicado em 1887).

_____. *Os chistes e sua relação com o inconsciente*. Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Vol. VIII. Tradução Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1977. (Original publicado em 1905).

_____. O mal-estar na civilização. In: _____. *O futuro de uma ilusão*. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 65-147. (Original publicado em 1930 [1929]).

_____. Além do princípio do prazer. In: _____. *Obras Completas*, volume 14. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, p. 120-179. (Original publicado em 1920).

GALLO, H. Del método y la investigación psicoanalítica. In: RAMIREZ, M.E.; GALLO, H. *El psicoanálisis y la investigación en la universidad*. Buenos Aires: Grama, 2012, p. 77-103.

GIORGETTI, R.; TAGLIABRACCI, A.; SCHIFANO, F.; et al. When "Chems" Meet Sex: A Rising Phenomenon Called "ChemSex". *Curr Neuropharmacol*, 2017, 15(5), p. 762-70.

GLOBAL FINANCIAL INTEGRITY. *Transnational Crime and the developing world*. Channing May: Março, 2017.

GONÇALVES. 2015, p. 92.

GUEDES, R. P. *Os destinos do sintoma e da fantasia na dependência química*. 2012. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Psicologia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 2012.

HERMANN, K.; RIECK, H. *Eu, Christiane F., 13 Anos, Drogada, Prostituída*. São Paulo: Círculo do Livro, 1989.

KOYRÉ, A. *Estudos de história do pensamento científico*. Rio de Janeiro: Ed. Forense universitária, 1991. (Original publicado em 1973).

_____. *Do mundo Fechado ao Universo Infinito*. 4ª Edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

KURZ, R. O homem reduzido. *Folha de S. Paulo*, 3 out. 1999.

LACAN, J. O estádio do espelho como formador da função do eu. In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. (Original publicado em 1949).

_____. *O Seminário – livro 3: as psicoses*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. (Original publicado em 1955-56).

_____. *O seminário – livro 4: a relação de objeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995. (Original publicado em 1956-57).

_____. Sur les rapports entre la mythologie et le rituel. *Bulletin de la Société Française de Philosophie*, sessão de 26 de maio de 1956, p.115-6.

_____. *O seminário, livro 9: a identificação*. Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife, 2003. (Original publicado em 1961-1962).

_____. *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1988. (Original publicado em 1964).

_____. Psychanalyse et médecine. *Lettres de l'Ecole freudienne de Paris*, fevereiro/março, 1966/1967.

_____. A ciência e a verdade. In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 869-892. (Original publicado em 1966).

_____. Psicoanálisis y medicina. In: *Intervenciones y Textos 1*. Buenos Aires: Manantial, 2002. (Original publicado em 1967).

_____. Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. In:

_____. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. (Original publicado em 1967).

_____. *O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992. (Original publicado em 1969-1970).

_____. Conferencia en la Universidad de Milán del 12 de mayo de 1972. In: *Lacan in Italia (1953-1978)*. Roma: La Salamandra, 1978, p. 32-55. (Original publicado em 1972).

_____. *O Seminário, livro 20: Mais ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985. (Original publicado em 1972-73).

_____. *O seminário, livro 22: RSI*. Inédito, 1974-1975.

_____. Intervenção de Encerramento das Jornadas de Cartéis. In: *Documentos para uma Escola - Escola Letra Freudiana*, Publicação Interna, ano 1, n. 0. Rio de Janeiro: 1997, p. 110-119. (Original publicado em 1975).

_____. *O Seminário, livro 23: Le sinthome*. Paris: Éditions du Seuil, 2005. (Original

publicado em 1975-76).

_____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

_____. *O Seminário. Livro 5. As formações do inconsciente*. São Paulo: Jorge Zahar, 1999.

_____. *O seminário – Livro 1: Os escritos técnicos de Freud*. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986. (Original publicado em 1953-1954).

_____. *O seminário, livro 19: ... ou pior*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2012.

LAURENT, É. Três observaciones sobre la toxicomania. In: SINATRA, E.; SILLITTI, D.; TARRAB, M. (Org.). *Sujeto, goce y modernidad II*. Buenos Aires: Atuel, 1994, p. 15-22.

_____. Alienação e Separação I. In: FELDSTEIN, R; FINK, B.; JAANUS, M (orgs.). *Para ler o seminário 11 de Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997, p. 31-41.

_____. Apuestas del congreso de 2008: el objeto a como pivote de la experiencia analítica. *Le Poulichet*, 1994.

_____. Três observações sobre a toxicomania. In: MEZÊNCIO, M.; ROSA, M.; FARIA, M. W. (Org.). *Tratamento possível das toxicomanias... com Lacan*. Belo Horizonte: Scriptum, 2014.

LE POULICHET, S. *Toxicomanias y psicoanalysis; las narcosis do deseo*. Buenos Aires: Amorrortu, 1990.

MARX, K. *O capital, Livro I*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

MAUSS, M. Les techniques du corps. *Journal de Psychologie*, XXXII, n. 3-4, 15 mars-15 avril, 1936.

MCKENNA, T. *O Alimento dos deuses*. Rio de Janeiro: Record, 1995.

MCRAE, E. Antropologia: Aspectos Sociais, Culturais e Ritualísticos. In: SEIBEL, S.D., TOSCANO Jr., A. *Dependência de drogas*. São Paulo: Atheneu, 2001, p. 25-34.

MILLER, J. A. Para una investigación sobre el goce autoerótico. In: SINATRA, E.; Sillitti, D.; Tarrab, M. (Comps.). *Sujeito, goce y modernidade: Fundamentos de la clinica*. Buenos Aires: Atuel-TyA, 1992, v.1, p.13-21.

_____. Os seis paradigmas do gozo. *Opção Lacaniana*, 26/27, 2000, p. 87-105.

_____. *Silet*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. (Original publicado em 1994-1995).

_____. *Perspectivas do Seminário 23. O sintoma (2006-2007)*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

MILNER, J.C. *A Obra Clara*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

NAPARSTEK, F. *Introducción a la clínica con toxicomanías y alcoholismo*. Buenos Aires: Grama Ediciones, 2005.

NIXON, R. Discurso proferido nos Estados Unidos, 1971. Disponível em: <http://www.presidency.ucsb.edu/ws/?pid=3047>. Acesso em: [data de acesso].

PLATÃO. *Fedro*. Tradução de Manuel Pulquerio e Maria Teresa Schiappa de Azevedo. Lisboa: Edições 70, 1997, p. 135.

POLI, M. C. Pesquisa em psicanálise. *Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre*, Porto Alegre, n. 29, 2005.

QUAGLIA, G. On-line e o fast time: o que é ser toxicomano. *Pharmakon digital*, v. 1, 2015.

RECALCATI, M. A questão preliminar na época do Outro que não existe. *Latusa Digital*, n. 7, ano 1, junho 2004.

ROSSI, Paolo. *O nascimento da ciência moderna na Europa*. Bauru: EDUSC, 2001.

SANTIAGO, J. *A droga do toxicômano: uma parceria cínica na era da ciência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2017.

SANTOS, B. S. *Toward a New Common Sense: Law, Science and Politics in the Paradigmatic Transition*. Nova Iorque: Routledge, 1995.

SIMMEL, E. Alcoholism and Addiction. *Psychoanalytic Quarterly*, 2017, p. 6-31.

SOLER, C. *De um trauma ao Outro*. São Paulo: Blucher, 2021.

SOUZA, J. (Org). *Crack e exclusão social*. Brasília: Ministério da Justiça e Cidadania, Secretaria Nacional de Política sobre Drogas, 2016.

UNODC. *NPS Substance Groups*. 2022b. Disponível em:

<https://www.unodc.org/LSS/SubstanceGroup/GroupsDashboard?testType=NPS>.

Acesso em: 03 abr. 2022.

VORCARO, A.; CAPANEMA, C. Desastre e acontecimento na realidade psíquica. *Revista Psicologia em Revista*, v. 16, n. 3, 2011, p. 490-504.

ZIZEK, S. O grande outro não existe. *Revista ethica*, v.16, n. 2, 2009, p. 113-131